U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A Selecção em Basquetebol

Estudo univariado de análise de factores de *performance* em jogadoras portuguesas no escalão de Cadetes Femininos

Carolina Isabel Moreira Tavares

Porto, 2007

A Selecção em Basquetebol

Estudo univariado de análise de factores de *performance* em jogadoras portuguesas no escalão de Cadetes Femininos

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto-Rendimento de Basquetebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Mestre Eurico Brandão

Carolina Isabel Moreira Tavares

Porto, 2007

Tavares, C. (2007). A Selecção em Basquetebol: Estudo univariado de análise de factores de *performance* em jogadoras portuguesas no escalão de Cadetes Femininos. Dissertação de licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto.

PALAVRAS-CHAVE: BASQUETEBOL – SELECÇÃO – INDICADORES – JOVENS

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem a ajuda, apoio e compreensão de algumas pessoas que se mostraram como imprescindíveis para a sua concretização. Assim gostaria de agradecer a todas essas pessoas que de alguma forma me ajudaram na consecução deste trabalho:

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu Orientador, Mestre Eurico Brandão, pelo apoio, pela ajuda e colaboração dispensadas durante o processo de elaboração deste trabalho.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que directa ou indirectamente me ajudaram em todo o processo de aplicação dos morosos testes às atletas: Ao Rui Gomes um muito obrigado por toda a disponibilidade, simpatia e ajuda; À Isabel Lemos pela compreensão e ajuda que me proporcionou; e a todos os restantes treinadores e dirigentes das Selecções Distritais do Porto, Aveiro, Coimbra e Setúbal. Gostaria ainda de dedicar um especial agradecimento a todas as atletas que constituíram a minha amostra pela disponibilidade dispensada!

A todos os meus colegas e amigos um muito obrigado por tudo.

Ao Ricardo por tudo…

À minha família…à minha mãe pela ajuda e apoio dispensados, à minha irmã e ao meu pai por todo o apoio nos momentos menos fáceis.

Índice Geral

1. Introdução..... 1
1.1. Enquadramento do Tema..... 1
1.2. Justificação do Estudo..... 3
1.3. Objectivos do Estudo..... 4
1.3.1. Objectivo Geral..... 4
1.3.2. Objectivos Específicos..... 4
1.4. Hipótese do Estudo..... 4

2. Revisão da Literatura..... 5
2.1. A Selecção em Desporto..... 5
2.1.1. O Conceito de Talento Desportivo..... 9
2.1.2. O Conceito de *Performance*..... 11
2.1.3. A Prognose da *Performance* do Talento Desportivo..... 12
2.1.4. Programas/Modelos de Identificação de Talentos..... 14
2.1.5. Indicadores e Critérios de Selecção..... 20
2.1.5.1. Em Jogos Desportivos Colectivos (JDC)..... 24
2.1.5.1.1. Anos de Prática e Idade..... 25
2.1.5.1.2. Aptidão Física..... 25
2.1.5.1.3. Habilidade Técnicas..... 27
2.1.5.1.4. Características Antropométricas..... 27
2.1.5.1.5. Características Psicológicas..... 30
2.1.5.1.5.1. Perfil Psicológico de Prestação (PPP). 34
2.1.5.1.5.2. Orientação Cognitiva..... 37
2.1.5.1.6. Conhecimento do Jogo..... 38
2.2. A Selecção em Basquetebol..... 41
2.2.1. Indicadores de Selecção em Basquetebol..... 41
2.2.1.1. Anos de Prática e Idade..... 42
2.2.1.2. Aptidão Física..... 43
2.2.1.3. Habilidades Técnicas..... 47

2.2.1.4. Características Antropométricas…… 52
2.2.1.5. Características Psicológicas……... 56
2.2.1.6. Conhecimento do Jogo…… 58
2.2.2. Avaliação da *Performance* Desportiva em Basquetebol……. 59
2.2.2.1. Instrumentos mais utilizados…….. 61

3. Material e Métodos……... 64
3.1. Caracterização da Amostra……... 64
3.2. Procedimentos Metodológicos…….. 64
3.2.1. Anos de Prática e Idade…….. 64
3.2.2. Aptidão Física…… 64
3.2.3. Habilidades Técnicas……... 65
3.2.4. Dimensões Somáticas……. 65
3.2.5. Características Psicológicas……... 65
3.2.6. Conhecimento Declarativo do Jogo…….. 67
3.3. Procedimentos Estatísticos……... 67
3.4. *Instrumentarium*…….. 68
3.4.1. Anos de Prática e Idade…….. 68
3.4.2. Aptidão Física…… 68
3.4.3. Habilidades Técnicas……... 68
3.4.4. Dimensões Somáticas…… 68

4. Apresentação dos Resultados……..... 69
4.1. Anos de Prática e Idade……. 69
4.2. Aptidão Física…….. 70
4.3. Habilidades Técnicas…… 71
4.4. Dimensões Somáticas…… 72
4.5. Características Psicológicas…… 73
4.5.1. Perfil Psicológico de Prestação…….. 73
4.5.2. Orientação para a Tarefa e para o Ego no Desporto…….. 74
4.6. Conhecimento Declarativo do Jogo…… 75

5. Discussão dos Resultados..... 79
5.1. Anos de Prática e Idade..... 79
5.2. Aptidão Física..... 82
5.3. Habilidades Técnicas..... 86
5.4. Dimensões Somáticas..... 89
5.5. Características Psicológicas..... 91
5.5.1. Perfil Psicológico de Prestação (PPP)..... 93
5.5.2. Orientação Cognitiva para o Ego e para a Tarefa..... 94
5.6. Conhecimento Declarativo do Jogo..... 95

6. Conclusões..... 98

7. Bibliografia..... 100

8. Anexos..... 118

Índice de Quadros

Quadro 2.2.1.2. Variáveis da aptidão física como indicadores de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)…….. 46

Quadro 2.2.1.3. As Habilidades Técnicas como indicadores de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)…….. 49

Quadro 2.2.1.4. Características antropométricas a ter em consideração no processo de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)…… 55

Quadro 2.2.1.5. Características Psicológicas a ter em consideração no processo de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)…… 57

Quadro 2.2.1.6. O Conhecimento do Jogo como Indicador de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)…….. 58

Quadro 2.2.2.1. Instrumentos que têm sido mais utilizados aquando da avaliação da *performance* desportiva em Basquetebol…….. 61

Quadro 3.1. Número de jogadoras (n) total e nos dois grupos (CARC e SD)…… 64

Quadro 3.2.2. Componentes da Aptidão Física e testes específicos utilizados para a sua avaliação……. 65

Quadro 3.2.5. Correspondência entre valores e seu significado (Loehr, 1986)…… 66

Quando 3.4.2. Material utilizado na aplicação dos diferentes testes……... 68

Quando 3.4.3. Material utilizado na aplicação dos diferentes testes……... 68

Quando 3.4.4. Material utilizado na medição das características antropométricas…….. 68

Quadro 4.1. Resultados da comparação de médias dos Anos de Prática e Idade entre o CARC e as SD……... 69

Quadro 4.2. Resultados da comparação de médias das variáveis da Aptidão Física entre o CARC e as SD…… 70

Quadro 4.3. Resultados da comparação de médias das Habilidades Técnicas entre o CARC e as SD……... 71

Quadro 4.4. Resultados da comparação de médias das medidas antropométricas entre CARC e as SD…….. 72

Quadro 4.5.1. Resultados da comparação de médias das variáveis do PPP entre o CARC e as SD…….. 73

Quadro 4.5.2. Resultados da comparação de médias do teste de orientação para a tarefa e para o ego, entre o CARC e as SD……. 74

Quadro 4.6. Resultados da comparação de médias do Teste Teórico de Basquetebol (TTB) entre o CARC e as SD…….. 75

Quadro 4.7. Hierarquia das variáveis discriminadoras para os dois grupos (CARC e SD). 77

Quadro 5.1. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol acerca dos Anos de Prática e Idade……... 79

Quadro 5.2. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com a Aptidão Física…… 82

Quadro 5.3. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com as Habilidades Técnicas…….. 86

Quadro 5.4. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com as Características Antropométricas dos jogadores…… 89

Quadro 5.5. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados 91

com as Características Psicológicas dos jogadores……

Quadro 5.5.1. Correspondência entre valores e seu significado (Loehr, 1986) no Teste PPP……..... 93

Quadro 5.6. Resumo dos principais estudos realizados no âmbito do Basquetebol relacionados com o Conhecimento do Jogo……. 95

Índice de Figuras

Figura 3.1. Representação Gráfica do número de jogadoras total e nos dois grupos…….. 64

Figura 4.1. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.1……. 69

Figura 4.2. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.2……. 70

Figura 4.3. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.3……. 71

Figura 4.4. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.4……. 72

Figura 4.5.1. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.5.1…….. 73

Figura 4.5.2. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.5.2…….. 74

Figura 4.6. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.6……. 75

Índice de Anexos

8.1. Protocolos dos Testes……..... 117

8.1.1. Aptidão Física……. 117

8.1.1.1. *Fitnessgram*……. 117

8.1.1.1.1. *Push-up's* – Flexões de Braços……..... 117

8.1.1.1.2. Teste "20 metros" – Teste de Velocidade…… 117

8.1.1.2. Bateria AAHPERD (Kirkendall et al., 1987)…… 118

8.1.1.2.1. *Sit-up's* – Teste Abdominal……..... 118

8.1.1.2.2. *Standing Long Jump* – Teste de Impulsão Horizontal……... 118

8.1.1.2.3. *Shuttle Run* – Teste de Agilidade…….. 119

8.1.1.3. *Yo-Yo Intermittent Endurance Test* (Bangsbo, 1996) – Resistência aeróbia…… 119

8.1.2. Habilidades Motoras Específicas…… 122

8.1.2.1. Bateria AAPHERD (Kirkendall, 1987) aplicável especificamente ao basquetebol... 122

8.1.2.1.1. *Speed Shot Shooting* – Lançamento…… 122

8.1.2.1.2. *Passing* – Passe……... 123

8.1.2.1.3. *Control Dribble* – Drible……..... 124

8.1.2.1.4. *Defensive Movement* – Deslizamento Defensivo……..... 125

8.1.3. Características Psicológicas……. 127

8.1.3.1. Teste de Perfil Psicológico de Prestação…… 127

8.1.3.2. Teste de Orientação Cognitiva para o Ego e para a Tarefa no Desporto……. 133

8.1.4. Conhecimento Declarativo do Jogo…… 134

8.1.4.1. Teste Teórico de Basquetebol (Pinto, 1995)……. 134

Resumo

O objectivo geral deste trabalho foi comparar do ponto do vista dos anos de prática e idade, da aptidão física, das habilidades técnicas, das características antropométricas, das características psicológicas e do conhecimento declarativo do jogo, dois grupos de rendimento diferenciado: o grupo do Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e o grupo constituído pelas jogadoras pertencentes a quatro Selecções Distritais (SD): Aveiro, Coimbra, Porto e Setúbal. Este trabalho apresentou os seguintes objectivos específicos: 1) Perceber quais as diferenças verificadas ao nível dos anos de prática e idade, da aptidão física, das habilidades técnicas, das características antropométricas, das características psicológicas e do conhecimento declarativo do jogo, entre o CARC e as SD; e 2) Perceber a influência de diversos indicadores na selecção em Basquetebol.

A amostra do presente estudo foi constituída por 59 jogadoras de Basquetebol, pertencentes ao escalão de Cadetes Femininos, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, na época desportiva de 2006/2007. Esta amostra foi subdividida em dois grupos distintos: o grupo Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e o grupo Selecções Distritais (SD), este último composto por jogadoras de selecções de quatro distritos com expressão significativa no Basquetebol de formação no sector feminino em Portugal: Aveiro, Coimbra, Porto e Setúbal.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a seguinte: para avaliação da força muscular inferior, da agilidade e da resistência, utilizámos a bateria de testes AAHPERD (Kirkendall, 1987). Para a avaliação da força superior e da velocidade utilizámos a bateria *Fitnessgram*. Para a avaliação da resistência, utilizámos o *Yo-yo Intermittent Endurance Test* (Bangsbo, 1996). Para a avaliação das habilidades técnicas foi utilizada a bateria AAHPERD (Kirkendall, 1987) aplicável especificamente ao Basquetebol. As medidas antropométricas das atletas foram avaliadas a partir da recolha da altura e envergadura, expressa em centímetros, e do peso, expresso em gramas. Para a avaliação da componente psicológica das atletas, foram utilizados dois questionários: o teste de Perfil Psicológico de Prestação (PPP) (Loher, 1986 cit. por Vasconcelos Raposo, 1993) e o teste de Orientação Cognitiva para a Tarefa e para o Ego no Desporto (TEOSQp), que é uma versão traduzida e adaptada do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ; Duda e Nicholls, 1989). O conhecimento declarativo do jogo foi avaliado a partir do Teste de Teórico de Basquetebol (Pinto, 1995).

Utilizámos os seguintes procedimentos estatísticos: para a descrição da amostra recorremos aos valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão). Para o tratamento dos dados foi utilizado o programa *SPSS 14.0*. A identificação da diferença de médias entre os grupos considerados na amostra e para as variáveis em análise foi realizada a partir do t-teste de medidas independentes. O nível de significância foi mantido em 5%.

Os resultados sugerem o seguinte quadro de conclusões: 1) As jogadoras do CARC são maiores e mais jovens do que as jogadoras das SD; 2) Tecnicamente, as jogadoras do CARC evidenciam maior consistência nomeadamente ao nível do Passe e do Lançamento; 3) No que diz respeito à aptidão física, é evidente a superioridade das jogadoras pertencentes ao CARC ao nível da resistência aeróbia juntamente com os resultados obtidos no *Standing Long Jump*, os quais evidenciam uma superior potência dos MI por parte destas jogadoras, quando comparadas com as jogadoras das SD; 4) Do ponto de vista psicológico, as jogadoras das SD são mais estáveis do que as jogadoras do CARC; 5) O conhecimento declarativo de jogo evidencia resultados semelhantes para os dois grupos em estudo; e 6) Apesar de parecer existir uma aproximação entre o recurso a alguns instrumentos científicos validados e a observação dos treinadores em função da sua experiência, parece que esta prevalece de forma clara quando emerge a função de seleccionar jogadoras.

Abreviaturas

ABA – Associação de Basquetebol de Aveiro

ABP – Associação de Basquetebol do Porto

CARC – Centro de Alto Rendimento de Calvão

cm - Centímetros

CT – Circuito Técnico

dp – Desvio-padrão

GPAI - *Games Performance Assessment Instrument*

JDC – Jogos Desportivos Colectivos

Kg - Kilogramas

m - Metros

MI – Membros Inferiores

MS – Membros Superiores

PD – Psicologia do Desporto

PDTFEB – Programa de Detecção de Talentos da Federação Espanhola de Basquetebol

PPP – Perfil Psicológico de Prestação

pts - Pontos

rps - Repetições

SD – Selecções Distritais

seg – Segundos

Símbolos

$\bar{X}$ - Média

1. Introdução

1.1. Enquadramento do Tema

A abordagem da Selecção em Desporto é um tema actual da investigação. Contudo, os constrangimentos conceptuais e operacionais dos quais se reveste, são notórios (Coelho e Silva, 1995). Actualmente, são grandes as preocupações dos técnicos, treinadores e cientistas do desporto na identificação, desenvolvimento e promoção de talentos desportivos (Maia, 1993).

Nos Jogos Desportivo Colectivos, a *performance* desportiva apresenta-se como um processo complexo, integrando vários factores – técnicos, tácticos, físicos e psicológicos (Bompa, 1990) – que deverão ser estruturados de forma a permitir que se cumpram os objectivos desportivos propostos, seguindo orientações metodológicas adequadas às características dos jogadores e do jogo. A investigação neste domínio tem sido centrada na identificação dos principais factores da *performance* desportiva que permitem um elevado rendimento numa determinada modalidade desportiva.

A *performance* desportiva apresenta uma estrutura multidimensional, pelo que, a abordagem a aspectos que lhe estão inerentes, deverá percorrer caminhos pluridisciplinares (Pinto, 2001; Silva, 2004). De facto, treinadores, atletas e outros intervenientes do fenómeno desportivo estão cientes da enorme diversidade de variáveis que influenciam a prestação de um jogador ou de uma equipa numa competição desportiva (Brandão, 2001).

Os especialistas e investigadores da modelação da *performance* desportiva têm enumerado um conjunto diversificado de factores anatómicos, fisiológicos, técnicos, tácticos, psicológicos, sociais e culturais dependentes e interdependentes que influenciam de forma distinta o rendimento diferenciado de atletas e equipas no desporto de alto rendimento (Moura, 2003).

O processo de avaliação da *performance* torna-se bastante ambíguo, uma vez que é do conhecimento geral, que apenas alguns jogadores poderão

obter resultados óptimos, uma vez que são possuidores de qualidades específicas. É então fundamental "descobrir" os jogadores com mais potencial, através da avaliação das qualidades de cada um (Bayer, 1987).

As abordagens ao estudo da *performance* diferencial no basquetebol têm-se centrado nos domínios do jogador e do jogo. Baseados nestes domínios, grande parte da investigação desenvolvida tem recorrido à avaliação da técnica em situação analítica e à observação de situações reais de jogo (Silva, 2004).

Os estudos que têm vindo a ser realizados neste âmbito, apresentam como principal objectivo, acrescentar à mera intuição dos treinadores aquando da tomada de decisões, algum conhecimento objectivo que, juntamente com a experiência dos mesmos, lhes permita efectuar escolhas com mais sucesso (Pinto, 2001).

O objectivo primordial do desporto de rendimento, prende-se com a obtenção de sucesso, e como tal, partindo do protótipo da selecção natural de Darwin, é importante notar que apenas os atletas que demonstram possuir níveis de desempenho superiores alcançam esse mesmo sucesso (Maia, 1993).

A procura de características de ordem morfológica e capacidades funcionais mais apropriadas a cada tipo de prestação desportiva, passou a ser utilizada por peritos na área da detecção e selecção dos mais aptos, para a prática do desporto de rendimento (Sobral, 1982; Bayer, 1987).

Segundo Maia (1993), a selecção em desporto não pode nem deve ser vista como um fim em si mesma. Esta deve estar adaptada a todo um projecto desportivo que apresenta objectivos e metas concretas e que abranja diferentes escalões de praticantes.

1.2. Justificação do Estudo

A preocupação inerente a este trabalho consiste em identificar e tentar perceber quais os factores que determinam a selecção de jogadoras por parte dos treinadores de grupos de elite nacionais e distritais. Para tal, serão aplicados um conjunto de testes a todas as jogadoras do Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e jogadoras pertencentes às Selecções Distritais (SD) do Porto, Aveiro, Coimbra e Setúbal, relacionados com a aptidão física, as habilidades técnicas, as características antropométricas, as características psicológicas e o conhecimento do jogo, para além destas variáveis ainda serão tidos em conta os anos de prática e a idade das jogadoras.

É nosso propósito realizar este estudo com jovens do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, procurando proporcionar informações aos treinadores e seleccionadores para que estes possam através de um conjunto de indicadores e critérios basear as suas decisões em referenciais adequados aos escalões de formação, bem como o modo de adequar os processos de treino aos escalões etários correspondentes.

Acreditamos que, de alguma forma, este trabalho poderá contribuir com algum conhecimento, não só para os treinadores, como também para os atletas, acerca de quais os principais indicadores que distinguem os bons atletas dos atletas de nível superior, e trabalhar no sentido de potenciar essas mesmas características. Conhecer esses mesmos factores (determinantes da *performance*) permitirá ajudar os seleccionadores na escolha das atletas, de forma a melhorar o nível do basquetebol praticado, neste caso, nas camadas mais jovens do sector feminino.

1.3. Objectivos do Estudo

1.3.1. Objectivo Geral

O objectivo geral deste trabalho é comparar do ponto do vista dos anos de prática e idade, da aptidão física, das habilidades técnicas, das características antropométricas, das características psicológicas e do conhecimento declarativo do jogo, dois grupos de rendimento diferenciado: o grupo do Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e o grupo constituído pelas jogadoras pertencentes a quatro selecções distritais (SD): Aveiro, Coimbra, Porto e Setúbal.

1.3.2. Objectivos Específicos

Este trabalho apresenta os seguintes objectivos específicos:

1. Perceber quais as diferenças verificadas ao nível dos anos de prática e idade, da aptidão física, das habilidades técnicas, das características antropométricas, das características psicológicas e do conhecimento declarativo do jogo, entre o CARC e as SD;
2. Perceber a influência de diversos indicadores na selecção em Basquetebol.

1.4. Hipótese do Estudo

As jogadoras pertencentes ao CARC apresentam melhores resultados em todas as variáveis em estudo, quando comparadas com as jogadoras pertencentes às SD.

2. Revisão da Literatura

2.1. A Selecção em Desporto

"*A selecção de jovens atletas para uma modalidade específica tem sido uma preocupação constante de investigadores e treinadores. Cada desporto tem os seus requisitos específicos e consequentemente exige que os seus praticantes possuam um perfil adequado para poderem alcançar elevados níveis de performance.*"

(Lufi et al., 1988, cit. por Corte-Real, 1997, p. 14)

Para o entendimento do processo de selecção no desporto é de crucial importância diferenciar os conceitos de detecção de jovens atletas de sucesso no início da carreira desportiva e a selecção de jogadores em etapas posteriores. Assim, apesar de constituírem etapas do mesmo processo rumo ao alto rendimento, a detecção de talentos apresenta um carácter mais longitudinal, a longo prazo e com critérios e referências mais gerais. Pelo contrário, a selecção em etapas posteriores utiliza critérios de rendimentos mais específicos ou directos, nomeadamente a eficácia da resposta dos atletas ao treino e à competição (Santos, 1997).

O treino é o local de excelência onde ocorre o processo de selecção de crianças e jovens. Santos (1997) e Coelho e Silva (2001) afirmam que o principal objectivo do treino é a obtenção, a longo prazo, de resultados, nas etapas de rendimentos máximos. Torna-se, assim, fundamental reconhecer quais são os melhores atletas para uma determinada modalidade desportiva, para que os mais aptos sejam promovidos, reduzindo assim a possibilidade de excluir potenciais campeões ou promover atletas com potencial desportivo reduzido.

Os treinadores procuram recrutar os atletas para as modalidades que julgam melhor corresponder às capacidades individuais do praticante. Estes procuram promover os atletas em quem depositam maiores expectativas (Coelho e Silva, 2001). Segundo Freitas (2005) devem ser recrutados, aqueles desportistas que apresentam um conjunto de capacidades e qualidades que

lhes permitem adquirir uma probabilidade elevada de obter grandes prestações desportivas e possibilitem o cumprimento das tarefas de treino para isso necessário.

O processo de selecção de jovens torna-se assim bastante controverso, difícil e moroso (Quintal, 2005), uma vez que os problemas que lhe estão inerentes são inúmeros. Publicações recentes (Reilly et al., 2000; MacCurdy, 2006) têm demonstrado isso mesmo ao referirem que o talento possui uma natureza multidimensional e complexa, o que torna a sua identificação difícil, morosa e em constante mudança.

A literatura relativa à temática da identificação e desenvolvimento de talentos tem emergido largamente desde a década de 90 (Gemser e Gemser, 2005). Desde então, enfatiza-se o processo de orientação e desenvolvimento de talentos (Williams e Reilly, 2000), ao contrário do que acontecia nas décadas de 70 e 80, em que os cientistas se preocupavam, fundamentalmente, com a detecção de talentos e com o desenvolvimento de modelos de detecção de talentos (Règnier et al., 1993, cit. por Elferink-Gemser et al., 2004).

Williams e Reilly (2000), afirmam que, de uma perspectiva científica, a perseguição da excelência pode ser repartida em quatro fases principais: detecção, identificação, desenvolvimento e selecção de talentos. A detecção de talentos refere-se à descoberta do potencial do “artista” ou “executante” (Williams e Reilly, 2000). A identificação de talentos refere-se ao processo de reconhecimento de jovens atletas com o potencial necessário para se tornarem atletas de elite. O desenvolvimento de talentos implica que estes jogadores sejam providos de um envolvimento e recursos de aprendizagem convenientes, proporcionando-lhes a oportunidade de desenvolverem o seu potencial (Règnier et al., 1993, cit. por Gemser e Gemser, 2005). A selecção de talentos envolve todo o processo de identificação dos jogadores que nas diversas fases, tenham demonstrado possuir os pré-requesitos de *performance* necessários, para integrar uma equipa de selecção (Williams e Reilly, 2000).

Também Salmela e Règnier (1983, cit. por Maia, 1993; Barbosa, 2000) apresentaram as seguintes definições:

Detecção de talentos: possibilidade de efectuar um prognóstico a longo prazo de um sujeito que evidencia atributos e capacidades necessárias para fazer parte integrante de uma população de atletas de excelência desportiva.

Selecção de talentos: operação a partir da qual se efectua um prognóstico a curto prazo para um indivíduo situado num grupo de atletas. Este prognóstico baseia-se no postulado de que o indivíduo em causa possui atributos, nível de aprendizagem, treinabilidade e maturidade necessários para evidenciar uma *performance* superior aos outros membros do seu grupo.

A primeira condição inerente à detecção de talentos é o estabelecimento de programas de treino com participação maciça de crianças e jovens. É através do treino, que o potencial de determinado atleta é reconhecido. Assim, o processo de treino assume-se como a actividade selectiva por excelência. É óbvio que também é possível identificar determinadas qualidades de um sujeito sem o enquadramento do treino, como é o caso das características somáticas (Maia, 1993).

Sobral (1988, p. 30) define detecção de talentos como sendo o "conjunto de acções intencionais, orientadas para um quadro disciplinar restrito e apoiadas em instrumentos de validade facial, operacional e preditiva comprovadas, que culmina num prognóstico de capacidades gerais e específicas, estabelecido com base numa avaliação de traços morfológicos, funcionais e comportamentais cuja evolução é parcialmente previsível".

Detectar, é reconhecer os jovens desportistas que possuem um maior potencial para determinado desporto e as qualidades necessárias para fazer parte integrante de uma população de jovens atletas prometedores (Freitas, 2005).

O processo de selecção de um jogador para uma equipa, quer ao nível do alto rendimento como da formação, está condicionado às exigências de um plano táctico e estratégico definidos (Ramos e Tavares, 2000).

Drakjch (1997, cit. por Ramos e Tavares, 2000) afirma que são os técnicos que assumem a responsabilidade de realizar as tarefas inerentes ao processo de selecção desportiva, utilizando para tal a sua experiência e

condição de especialista na modalidade. Parece óbvio, que as decisões tomadas tendo por base critérios pouco definidos, podem não ser as mais acertadas (Ramos e Tavares, 2000). A selecção efectiva de atletas requer a combinação da experiência de treinadores e o uso de testes de desporto científicos (Moreno, 2001 cit. por Rivas, 2006).

A identificação precoce de jogadores com talento é uma consideração importante para treinadores, investigadores, federações, pais, etc. Esta é extremamente praticada por treinadores, monitores e pais, no entanto, é frequentemente baseada no instinto e experiência. O suporte vindo das ciências do desporto é pequeno ou mesmo nulo (Unierzyski, 2006).

Freitas (2005) define a selecção desportiva como sendo um processo sistemático de medidas organizacionais e metodológicas que incluem métodos pedagógicos, psicológicos, sociológicos e biológicos de investigação, através dos quais se identificam as capacidades de crianças e jovens, para se especializarem numa determinada modalidade desportiva.

A abordagem da selecção deve adoptar uma visão global sobre um conjunto de variáveis, conceptualmente interdependentes (Coelho e Silva, 1995). Todo este processo de escolha de jovens para o desporto pressupõe uma avaliação em vários campos, permitindo a selecção daqueles que apresentam um perfil adequado à modalidade em questão (Barbosa, 2000).

Neste processo de identificação de talentos, primeiramente, é importante reconhecer o talento com um nível elevado de sucesso e depois, sim, organizar o suporte e o treino que o ajudarão a encontrar o seu potencial (Unierzyski, 2006).

A identificação de talentos é o processo de detecção de jovens atletas que têm o potencial para alcançar o sucesso a um nível nacional ou internacional. Existem quatro aspectos que devem ser tidos em conta durante o processo de identificação de talentos: os factores técnicos, tácticos, mentais (psicológicos) e físicos (Pluim, 2006).

Em todo o mundo e em todos os desportos, a identificação de talentos é um tópico “quente” (Bastieans, 2006). A chave de todo este processo consiste

na determinação de como é que os resultados podem ser medidos (Hoare, 2001).

No caso particular do futebol, os procedimentos de selecção e identificação de talentos baseiam-se normalmente nos resultados da *performance* do atleta (Davids et al., 2000).

2.1.1. O Conceito de Talento Desportivo

O processo de selecção ocorre, geralmente, entre indivíduos com alguma competência num determinado desporto ou actividade (Davids et al., 2000).

Numerosos investigadores têm procurado atletas superdotados, capazes de alcançar êxito em determinada área. O conceito de pessoa com talento tem vindo a ser discutido por diferentes especialistas, não só no âmbito do desporto, como também, no âmbito da matemática, da literatura, da música, entre outras (Calvo, 2003).

São vários os autores que procuram definir o termo “talento desportivo”.

Segundo Marques (1991, cit. por Coelho e Silva, 1995) e Hahn (1988), o termo talento deve ser abordado em três níveis distintos: 1) talento motor geral (é aquele que possui um bom e apurado reportório motor, exteriorizando movimentos fluidos, seguros e que apresenta grande facilidade e velocidade no processo de aprendizagem de elementos gestuais e motores); 2) talento desportivo (é aquele que expressa uma disponibilidade superior à média, que lhe permite integrar um programa de preparação conducente ao sucesso na alta competição); 3) talento específico (é aquele que revela possuir pressupostos físicos e psíquicos que lhe permitem atingir elevadas prestações em determinadas modalidades ou especialidades desportivas).

Maia (1993), Hahn (1988) e Platonov (1988) definem talento como sendo aquele que possui um nível elevado de aptidão ou resultados obtidos numa área particular de estudo ou interesse. Segundo Maia (1993), o talento desportivo é aquele que apresenta factores endógenos especiais, os quais, sob

a influência de condições exógenas óptimas, possibilitam prestações desportivas elevadas. Assim, a definição de talento desportivo, num determinado desporto, refere-se a um potencial para a obtenção de elevados rendimentos desportivos.

Crespo e Mclnerney (2006) definem talento como sendo aquele que apresenta um conjunto de numerosos traços específicos necessários para um jogo e que os exibe ao seu melhor nível na competição, ou seja, possui habilidades inatas e o potencial para sobressair perante os outros, situando-se acima da média (MacCurdy, 2006; Ericsson et al., 1993).

Existem autores que preferem utilizar a expressão jovem atleta de sucesso em vez de talento desportivo, como é o caso de Maia (1993) e Bloom (1985). Este último autor, refere quatro características partilhadas pelos jovens atletas de sucesso: 1) forte interesse e envolvimento emocional na sua modalidade preferida; 2) vontade em dedicar bastante tempo e esforço para alcançar a excelência; 3) grande competitividade com os outros colegas na modalidade em causa e a firme determinação na luta pela excelência desportiva; e 4) rápida capacidade de aprendizagem.

O jovem atleta de sucesso é, normalmente, definido em termos relativos de sucesso competitivo ao nível da sua região (em JDC), ao nível nacional e internacional (especialmente em ginástica e natação) e em torneios especiais do seu intervalo etário (particularmente em patinagem artística, ginástica, natação e ténis) (Malina e Bouchard, 1991).

Um jovem atleta com talento é aquele que é capaz de melhores desempenhos do que os seus companheiros de equipa durante o treino e a competição. É também, alguém que tem potencial para alcançar um nível de elite (Helsen et al., 2000).

2.1.2. O Conceito de *Performance*

A *performance* é considerada um fenómeno complexo e multidimensional onde se conjugam e interactuam factores orgânicos, motores e culturais (Rito, 2000). A identificação por si só das principais condicionantes da *performance* com vista à sua avaliação torna-se insuficiente caso não se contemple a noção de interactividade existente entre elas (Garganta, 1997 e Maia, 1995, citados por Rito, 2000) e caso não se defina a quota-parte de participação de cada uma (Garganta, 1998 cit. por Rito, 2000).

Para Sobral (1994), a *performance* é a expressão objectiva do máximo rendimento que o atleta é capaz de alcançar, em condições particulares de natureza técnica, táctica e regulamentar. Esse rendimento deverá ser consistente durante um longo período de tempo (Starkes, 1993).

Segundo Maia (1993), a *performance* é definida pela seguinte fórmula:

Performance = genes favoráveis + elevada norma de reacção individual + treino adequado + condições sócio - culturais e ambientais satisfatórias.

Segundo este mesmo autor, a *performance* no contexto do JDC e dos jovens atletas deve sofrer dois tipos de análise: 1) a análise das tarefas do jogo (tarefas fundamentais realizadas pelos jogadores durante o ataque e a defesa); 2) a análise do sujeito (conhecimento do conjunto diversificado de aptidões, capacidades, habilidades e características psicológicas que o sujeito deve possuir para realizar com sucesso as tarefas do jogo).

2.1.3. A Prognose da *Performance* do Talento Desportivo

Segundo Wolf (1990), a prognose representa a vontade de perceber o que acontecerá no futuro, a partir de informações prévias relevantes.

A predição da *performance* desportivo-motora, dada a sua importância no desporto de alto rendimento, tem sido objecto de estudo de vários investigadores, que se têm esforçado para clarificar o seu conceito, assim como para identificar os factores que a constituem e a sua interdependência (Rito, 2000). Pinto (2001) e Gemser e Gemser (2005) corroboram com esta ideia ao afirmarem que se tem procurado identificar um conjunto de indicadores e critérios de escolha que sustentem a ideia de prognose da *performance* em vários desportos.

As preocupações dos investigadores relativamente às questões da identificação e selecção de jovens atletas de sucesso centram-se na prognose da *performance* desportivo-motora em função do nível actual de aptidões, capacidades e resultados dos atletas (Famose e Durante, 1988).

O desenvolvimento de talentos baseia-se na predição da *performance* e consequentemente, na assunção da existência de factores subjacentes que determinam a excelência desportiva (Kroll, 1970 e Règnier et al., 1993, citados por Elferink-Gemser et al., 2004).

Existe claramente uma inconsistência na estabilidade da *performance* e ausência de robustez empírica no que diz respeito à predição da *performance* futura, a partir dos seus valores iniciais. Esta situação obriga a uma abordagem um pouco diferente. É necessário estudar e analisar, as aptidões e capacidades que cada sujeito possui, que não são susceptíveis de determinar o nível de *performance* do indivíduo. É a partir destes factores, independentemente das habilidades técnico-tácticas e do nível de treino, que se deve articular a possibilidade de despistar e seleccionar jovens atletas e de predizer, eventualmente, a sua *performance* motora e desportiva futura (Famose e Durand, 1988). Davids et al. (2000) defendem que se deve identificar jovens talentos na base do seu potencial para virem a ser os

melhores jogadores e não apenas tendo em conta as suas habilidades correntes.

Nunca se poderá predizer com certeza, quais os jovens talentos que serão jogadores de topo, mas não há dúvida, que os atletas de elite, têm uma melhor oportunidade para alcançar o topo do que os atletas de sub-elite, que jogam apenas nos seus clubes. Para além disso, os atletas de elite necessitam de menos tempo para desenvolver a sua *performance* do que os atletas de sub-elite (Elferink-Gemser et al., 2004).

Segundo Hebbelinck (1990), as previsões acerca do rendimento futuro de um jovem atleta são consideradas válidas durante dois a quatro anos, devido às alterações do organismo por que passam os jovens, que decorrem de fenómenos como a maturação e o crescimento.

A investigação tem mostrado (Reilly et al., 2000; Williams e Reilly, 2000) que os dados objectivos recolhidos pelos cientistas do desporto podem ajudar a confirmar futuros profissionais. A análise retrospectiva do desenvolvimento dos jogadores com talento fornece os melhores dados para a construção de um sistema de desenvolvimento de talentos ideal (MacCurdy, 2006).

Os adolescentes que possuem características consideradas importantes para o sucesso no desporto de adultos manterão essas qualidades para se tornarem atletas adultos de elite, bem sucedidos. O que está implícito nesta suposição é que as características que são importantes para o sucesso no desempenho adulto podem ser usadas para identificar adolescentes para uma selecção mais rápida no tempo. Mais recentemente alguns estudiosos e outros profissionais interessados na questão da identificação do talento e seu desenvolvimento, começaram a estudar directamente os adolescentes. O seu objectivo é seleccionar e desenvolver programas para aqueles que evidenciam as características associadas ao sucesso como adolescentes, assumindo que estes jogadores serão os atletas adultos do futuro (Morris, 2000).

Bouchard et al. (1997) considera como variáveis predictores de *performance* as características morfológicas, motoras/perceptivas, psicológicas e sociais dos atletas. Segundo Paes e Bergamo (2004), a expectativa de

sucesso desportivo pode ser predita em baixas idades (infância) para as variáveis antropométricas e velocidade, sendo as demais variáveis preditas com sucesso em períodos mais avançados (adolescência). Segundo Reilly et al. (2000) e MacCurdy (2006) os resultados de campo antes da puberdade não deverão ser usados como predictores.

2.1.4. Programas/Modelos de Identificação de Talentos

Segundo Unierzyski (2006), quando se discute o conceito de programas de identificação de talentos, há que ter em conta termos básicos que necessitam de ser compreendidos:

Detecção: refere-se a todos aqueles que ainda não são praticantes de determinada modalidade, mas que poderão vir a ser, dado o seu potencial;

Selecção: escolha daqueles que têm potencial fazer algo e rejeição daqueles que não têm esse potencial numa idade baixa. A selecção de talentos pode ser utilizada a curto prazo (MacCurdy, 2006);

Identificação: refere-se ao processo de reconhecimento dos participantes com potencial para se tornarem jogadores de elite. Isto implica a predição da *performance* através da medição de atributos físicos, fisiológicos, psicológicos e sociológicos, individualmente ou em combinação (Regnier et al., 1993, cit. por Unierzyski, 2006);

Desenvolvimento: promoção de uma aprendizagem e envolvimento de treino óptimos ao talento desportivo.

Segundo Malina (1997, cit. por Crespo e Mclnerney, 2006), por volta das décadas de 60 e 70 foram iniciados programas de identificação sistemática de talentos, nomeadamente nos países do leste. Programas estes que foram responsáveis, em grande parte, pelo sucesso olímpico desses países. Estes programas têm sido adoptados por países como a China e Cuba, com resultados também bastante satisfatórios.

Devido à falta do envolvimento das Ciências do Desporto nesta problemática, fazem-se generalizações e adicionalmente, não existem modelos de identificação de talentos aceites globalmente (Unierzyski, 2006). Segundo Reilly et al. (2000), são poucos ou mesmo nenhuns, os modelos de identificação de talentos que no momento são globalmente aceites, uma vez que não têm havido tentativas de validar testes que permitem medir a *performance* desportiva.

Segundo Reilly et al. (2000) e MacCurdy (2006), existe a necessidade de fornecer aos treinadores e federações uma efectiva e simples ferramenta que suporte a sua experiência e fomente o desenvolvimento de programas de identificação de talentos. Estes autores apresentam as características que, segundo eles, deverão apresentar estes programas: 1) qualquer programa deverá predizer a *performance* futura com uma probabilidade elevada; 2) em qualquer programa de identificação de talentos é importante reconhecer factores do envolvimento (família, amigos e escola); 3) estes programas deverão ser tidos como um processo e não como um evento que requer constantes actualizações; 4) os programas de identificação de talentos devem ter um carácter longitudinal e interdisciplinar com o apoio de cientistas do desporto, mas os treinadores deverão ser os principais responsáveis; e 5) a *estandardização* (isto é, a mistura de testes e julgamentos de treinadores ou *experts*) é a melhor ferramenta para recolher e analisar dados.

Harre (1982) apresenta um conjunto de regras a respeitar no processo de detecção e selecção de talentos desportivos:

1ª Regra: Numa primeira fase, pretende-se identificar todas as crianças que evidenciem uma habilidade motora genérica elevada. Numa segunda fase (etapa específica), a selecção é efectuada na base da identificação das habilidades específicas de determinado desporto, considerando as capacidades e potencialidades actuais da criança. Esta identificação é baseada na avaliação objectiva das aptidões da criança (através de testes motores) e na análise da resposta da criança ao treino.

2ª Regra: A selecção deve-se basear nos factores críticos de *performance* que são relevantes na obtenção de elevada eficiência atlética. Estes factores valorizam características que são dependentes da hereditariedade e incluem características somáticas e motoras.

3ª Regra: A avaliação da *performance* e das características do atleta deve ser realizada em função do seu desenvolvimento biológico.

4ª Regra: A selecção do talento desportivo não deve assentar unicamente nas características somáticas e na aptidão motora das crianças e jovens, deve ter em conta as variáveis psicológicas e sociais que também são extremamente importantes neste processo.

O modelo de detecção proposto por Harre (1982) é definido por estas quatro regras acima descritas. Na prática, este modelo exige a realização de duas etapas:

Uma primeira etapa em que é realizada a detecção geral a partir dos principais factores da *performance.* Trata-se de avaliar, no maior número possível de escolas, crianças e jovens, a partir de uma bateria de testes que garanta a sua relação com a *performance* e a facilidade de administração. Os principais indicadores de *performance* são: altura, peso, velocidade de deslocamento, resistência, coordenação, habilidades em situação de jogo e versatilidade atlética. Num segundo momento deve ser feito o reconhecimento da aptidão durante o programa de treino júnior.

Araújo (1985, cit. por Maia, 1993) apresenta o modelo checoslovaco, um pouco semelhante ao de Harre (1982). Os autores enunciam dez princípios directores do modelo e, simultaneamente, apresentam as quatro etapas da selecção do talento desportivo:

Princípio n.º 1: O objectivo de um modelo de detecção e selecção de talentos desportivos é conseguir que os indivíduos mais dotados para uma determinada modalidade a pratiquem.

Princípio n.º 2: As etapas do modelo são as seguintes: 1) identificação das crianças dotadas para a actividade física na escola; 2) especialização numa família de desportos de acordo com as habilidades e atributos

evidenciados; 3) especialização numa modalidade; e 4) decisão quanto ao potencial para obtenção de *performance* de alto nível.

Princípio n.º 3: Não especializar precocemente crianças e jovens num dado desporto. A perspectiva de famílias de desportos parece ser mais adequada.

Princípio n.º 4: Os critérios de selecção devem basear-se em predictores de validade científica comprovada, que possuam ascendente genérico, uma estabilidade de desenvolvimento e um valor de prognóstico seguro.

Princípio n.º 5: Dado o carácter multidimensional da *performance*, é fundamental o contributo de diversas áreas das Ciências do Desporto para detectar os sujeitos mais susceptíveis de atingir níveis elevados de *performance*.

Princípio n.º 6: Existe uma hierarquia de factores utilizados para prognosticar a *performance*. Em primeiro lugar, deve-se privilegiar os factores estáveis e não compensatórios (p.e. altura); de seguida os factores estáveis e compensatórios (p.e. velocidade), e por fim, os factores instáveis e compensatórios (p.e. motivação).

Princípio n.º 7: É imperioso ter acesso ao maior leque possível de sujeitos para efectuar a selecção.

Princípio n.º 8: O processo de detecção e selecção de talentos desportivos deve efectuar-se num quadro democrático e humanista.

Princípio n.º 9: O processo de detecção e selecção de talentos desportivos deve ser planificado e administrado cuidadosamente.

Princípio n.º 10: A selecção do talento desportivo deve efectuar-se no contexto global do desenvolvimento do atleta.

Segundo o modelo de Bompa (1990), a *performance* desportiva é determinada por três tipos de factores: as capacidades motoras, as capacidades psicológicas e as características somáticas. A partir da análise das tarefas numa determinada modalidade desportiva, baseada nos resultados da investigação e opinião dos peritos, é estimada a percentagem de contribuição relativa de cada grupo de factores para a *performance*.

Segundo Unierzyski (2006), existem dois tipos clássicos de identificação de talentos:

Natural: quando um atleta inicia a prática de um desporto e é seleccionado através da sua *performance* competitiva ou através de uma identificação subjectiva feita pelo treinador. A experiência tem demonstrado que ao utilizar apenas a opinião do treinador, existe a probabilidade de erro.

Científico: o atleta é seleccionado porque possui as capacidades físicas e mentais necessárias a determinado desporto. A experiência também tem demonstrado que utilizar apenas uma análise científica, sem olhar o jogador como um humano é, e não tem em consideração, factores que são difíceis de medir. O uso de testes físicos em programas de identificação de talentos é altamente recomendado. As Ciências do Desporto fornecem dados objectivos e que são passíveis de serem medidos.

Crespo e Mclnerney (2006) sugerem um modelo semelhante ao de Unierzyski (2006), defendendo igualmente a existência de dois modelos de identificação de talentos: 1) uma selecção natural/modelo de *performance* (quando os jogadores se introduzem na modalidade em causa, desenvolvem as suas habilidades, progridem, tornam-se mais envolvidos, praticam todos os dias, competem gradualmente em eventos de alto nível e tornam-se profissionais) e 2) modelos científicos (ênfase nas Ciências do Desporto, em áreas como a Antropometria, Fisiologia ou Psicologia).

Os modelos de selecção natural permitem acreditar que os jogadores talentosos podem começar a praticar determinada modalidade, no entanto, sabe-se que são necessários importantes anos de desenvolvimento do talento (Malina, 2003 cit. por Crespo e Mclnerney, 2006).

Os modelos científicos podem não ter em conta os elementos inatingíveis que influenciam o talento, assim como as implicações sociais necessárias para desenvolver jogadores com talento (Malina, 2003 cit. por Crespo e Mclnerney, 2006).

Estes dois modelos são considerados opostos. Investigação recente sugere que a combinação de ambos os modelos é o ideal no que diz respeito

ao processo de identificação e desenvolvimento de talentos desportivos (Crespo e Mclnerney, 2006).

Segundo Malina (2003, cit. por Crespo e Mclnerney, 2006), em geral, têm sido identificados sérios problemas com os programas de identificação de talentos. Nestes, os jogadores com talento terão de se adaptar às orientações físicas, sociais e emocionais dos treinadores, aos programas de treino e competições, ao grau da tomada de decisão de jogadores e pais no processo, à eliminação de jogadores, à possível discriminação económica e à discriminação de acordo com os estádios de maturação.

Segundo Stojanovic (2006), a implementação de programas de identificação de talentos pode trazer bastantes benefícios: 1) Em geral, os programas de identificação de talentos promovem o desenvolvimento das habilidades dos jogadores com talento, aumentando a sua *performance* nos períodos mais receptivos e ajudam os atletas a encontrar o sucesso, a diversão, o bem-estar e a auto-confiança; 2) Modelos de selecção natural que têm ênfase no "espírito de vitória" (nestes modelos, a maior parte dos critérios de selecção são baseados na opinião do treinador e nos resultados dos jogadores); 3) Modelos científicos, são utilizados com o intuito de procurar resultados que permitirão produzir baterias de testes específicas. Os resultados destes testes têm um elevado nível de validade e podem ajudar a reduzir o tempo necessário para a procura de jogadores com talento.

O processo de selecção deve ter como etapa preliminar a análise detalhada das tarefas desportivas que são realizadas pelos sujeitos. Esta análise deve ser efectuada para todas as dimensões, supostamente implicadas na *performance* de um determinado desporto. Devem considerar-se factores psicológicos, perceptivo-motores, morfológico, fisiológicos e demográficos (Russel, 1989, cit. por Maia, 1993).

Apenas quatro desportos (ginástica, hóquei, *netball*, *rugby*) indicam que tem sido iniciado o processo de identificação de talentos a partir do uso de modelos criteriosos de *performance*. Nenhum destes modelos tem sido

validado cientificamente. No entanto, os peritos da ginástica têm-se ocupado com o processo de avaliação das características da *performance* que melhor a predizem futuramente (Davids et al., 2000).

2.1.5. Indicadores e Critérios de Selecção

Em desporto, quando falamos em selecção de talentos, referimo-nos à identificação e detecção de atletas baseadas em determinados critérios (Rivas, 2006).

A identificação de talentos não se pode basear unicamente em resultados, mas também em critérios como seja o nível de habilidades motoras, os traços da estrutura do corpo e as características psicológicas. É também crucial, considerar diferenças individuais no crescimento e maturação, isto é, a idade biológica e emocional do praticante (Reilly et al., 2000 e MacCurdy, 2006). Segundo Maguire e Pearton (2000), no caso particular do futebol, a identificação, desenvolvimento e selecção de jogadores de elite requer análises da interconnectividade entre factores fisiológicos, biomecânicos, psicológicos e sociológicos.

No âmbito desta temática, torna-se de vital importância, definir os conceitos de “indicadores de selecção” e de “critérios de selecção”.

Os indicadores de selecção não devem ser confundidos com critérios de selecção, uma vez que apresentam significados distintos. Assim, os indicadores de selecção são as variáveis examinadas no processo de selecção desportiva (Coelho e Silva, 1995), isto é, dizem respeito a algo observável e/ou mensurável, como sejam a variável somática, motora, psicológica e social (Johnstone, 1990). Os critérios de selecção dizem respeito aos valores críticos do indicador para a tomada de decisão sobre a exclusão ou selecção dos praticantes (Coelho e Silva, 1995), isto é, permitem distinguir, com relativa segurança, os eventuais talentos desportivos dos que parecem não possuir essa potencialidade (Maia, 1993). Segundo este autor, os critérios devem ser biológica, psicológica e socialmente definíveis e, devem ser consistentes. Isto é, de avaliação objectiva e fiável.

Sobral (1994) e Marques (1993) afirmam que os critérios de selecção devem ser formulados a partir do perfil da prestação e dos atributos dos melhores atletas de uma modalidade específica. Estes tornam-se mais objectivos, uma vez que resultam de testes de avaliação que permitem definir unidades de medida.

As aptidões, habilidades, capacidades e características antropométricas, são diferentes tipos de indicadores que se encontram intimamente associados à *performance* motora e que estão na base dos critérios de selecção de atletas (Maia, 1993).

Segundo Famose e Durand (1988) as aptidões referem-se a traços métricos individuais estáveis, inferidos a partir de certas respostas consistentes em determinadas tarefas. Nunnally (1978) defende que as aptidões, apesar de evidenciarem elevada variabilidade parecem ser fixadas pelos genes, limitando a resposta individual. Safrit (1990) afirma que a extensão do limite genético para a expressão das aptidões é desconhecida.

Independentemente do factor genético, é óbvio que a *performance* de um sujeito depende da expressão do seu nível de habilidades, ou seja, das competências desenvolvidas durante o processo de aprendizagem (Famose e Durand, 1988).

O termo “capacidades”, refere-se às capacidades motoras condicionais (associadas aos processos de produção de energia) e coordenativas (intimamente associadas aos processos de regulação e controlo dos movimentos) (Weineck, 1983).

Investigações recentes têm mostrado que a resposta à questão “um campeão nasce ou faz-se?”, considera que ambas as propostas são válidas. Para um atleta obter um alto nível de *performance*, necessita de um considerável talento natural, no entanto, esse talento não chega, é necessário um trabalho árduo e persistente e cuidadosamente planeado (Sanchez Bañuelos, 2003 cit. por Rivas, 2006). Mais importante do que ter a habilidade para fazer algo, é saber quando e como fazê-la, isto é, no ambiente social apropriado (Rivas, 2006).

Os estudos realizados no âmbito da selecção de talentos têm procurado a definição dos perfis dos melhores atletas, para que posteriormente, possam ser utilizados como critérios de um possível processo de selecção (Ramos e Tavares, 2000).

Para o desenvolvimento de uma carreira de sucesso desportivo, os jogadores com talento, deverão apresentar níveis elevados de *performance* em idades baixas, para além de deverem ser possuidores de características antropométricas, fisiológicas, técnicas, tácticas e psicológicas bem desenvolvidas (Elferink-Gemser et al., 2004).

Segundo Unierzyski (2006) os principais parâmetros que devem ser medidos aquando do processo de identificação de talentos são os seguintes: 1) dados antropométricos (incluindo o desenvolvimento biológico); 2) habilidades motoras; 3) características psicológicas; 4) habilidades técnicas e tácticas; 5) condições sociais e de desenvolvimento; 6) habilidade para treinar ou aprender; e 7) *performance* em jogo.

Também Rivas (2006) apresenta uma série de factores que podem ser avaliados para determinar se um indivíduo tem a predisposição para ser melhor do que os outros, isto inclui: factores genéticos (morfológicos e antropométricos), físicos, psicológicos e factores do meio envolvente.

Segundo Maia (1993), os principais indicadores de selecção são os seguintes: altura, peso, velocidade de deslocamento, resistência, coordenação, habilidades em situação de jogo e versatilidade atlética. Indicadores como a influência dos pais e treinadores não devem ser subestimados aquando da análise do envolvimento de jogadores com talento, uma vez que estes apresentam um papel muito importante na ajuda para o desenvolvimento do talento desses mesmos atletas, durante as suas carreiras desportivas (Bloom, 1985; Côté, 1999; Visscher et al., 2004). Segundo Hoare e Warr (2000), ambos os factores genético e sociológico contribuem para a *expertise*. A contribuição de cada um varia de acordo com as características e requisitos particulares de cada desporto. Existem fortes evidências de que o envolvimento genético tem influências ao nível das diferenças verificadas entre indivíduos no que diz

respeito aos seus atributos da *performance* desportiva (Bouchard et al., 1997) assim como o envolvimento do jogador (pais e treino) (Malina, 2003 cit. por Crespo e Mclnerney, 2006).

Em alguns desportos existem variáveis físicas e fisiológicas óbvias, que são importantes para o desempenho bem sucedido, tais como a altura em jogadores de Basquetebol, alavancas em remadores e capacidade aeróbia em atletas de resistência. Contudo, em níveis inferiores de sub-elite, há muitos jogadores de Basquetebol altos e corredores de fundo aerobicamente excepcionais que nunca se destacam (Morris, 2000).

O processo de desenvolvimento de critérios-base para facilitar a identificação de talentos não é fácil. Este necessita de análises profundas do jogador com talento (Beek e Van Santvoord, 1992). Segundo Unierzyski (2006), devido à variedade de factores que determinam se um jogador alcança ou não o nível de elite, é muito difícil, provavelmente impossível, reconhecer um talento, com base unicamente numa observação por uma pessoa durante um evento de identificação ou de aplicação de testes. Este mesmo autor, defende que é importante que as Associações Nacionais de determinados desportos, os Programas de Identificação de Talentos, os Sistemas de Desenvolvimento de Talentos e os Sistemas de Educação dos Treinadores actuem em conjunto, integrando todos, um só corpo.

Segundo Elferink-Gemser et al. (2004), os jogadores talentosos não podem ser distinguidos entre si na base das mesmas características da *performance*, que distinguem atletas de elite de atletas de nível inferior. Reilly et al. (2000) afirmam que os jogadores de elite podem ser distinguidos dos de sub-elite através de uma bateria multivariada de testes. A sensibilidade destes testes tende a diminuir à medida que os jogadores atingem grupos de elite.

2.1.5.1. Em Jogos Desportivos Colectivos (JDC)

Os JDC caracterizam-se pela sua aciclicidade técnica, solicitações morfológico-funcionais diversas e intensa actividade psíquica, num contexto permanentemente variável e de cooperação-oposição (Garganta e Pinto, 1994; Silva, 1998; Tavares, 1993), com uma grande ênfase nos aspectos estratégico-tácticos (Garganta, 1996).

Em desportos colectivos com nível de participação elevado, é possível que factores mais difíceis de avaliar como sejam os factores técnicos, tácticos e psicológicos, sejam melhores discriminadores da *performance* do que atributos antropométricos e fisiológicos (Hoare e Warr, 2000 e Crespo e Mclnerney, 2006).

A identificação de talentos, em jogos de campo e em idades baixas, está longe de ser um processo mecânico. Este processo, é mais complexo em jogos de equipa do que em desportos individuais, onde já há descritas medidas objectivas de *performance* (Reilly et al., 2000).

Segundo Rink, French e Tjeerdsma (1996), Silva (1997) e Garganta (2000) existe um conjunto de traços cognitivos e motores característicos dos jogadores experientes nos JDC. Traços Cognitivos: 1) conhecimento declarativo e processual mais organizado e estruturado; 2) processo de captação de informação mais eficiente; 3) processo decisional mais rápido e preciso; 4) mais rápido e preciso reconhecimento dos padrões de jogo (sinais pertinentes); 5) superior conhecimento táctico; 6) uma maior capacidade de antecipação dos eventos do jogo e das respostas do oponente; e 7) superior conhecimento das probabilidades situacionais (evolução do jogo) e Traços Motores: 1) elevada taxa de sucesso na execução das técnicas durante o jogo; 2) maior consistência e adaptabilidade nos padrões de movimento; 3) movimentos automatizados, executados com superior economia de esforço; e 4) superior capacidade de detecção de erros e de correcção de execução.

As principais referências a indicadores e critérios de selecção centram-se no Basquetebol e no Voleibol (Maia, 1993).

2.1.5.1.1. Anos de Prática e Idade

Foram realizados alguns estudos (Tavares, 1993; Mendes, 1999; Ferreira, 1999; Correia, 2000) que sugerem a existência de uma relação entre a qualidade da decisão e a experiência e anos de prática. Segundo Helsen et al. (2000) e Tenenbaum et al. (1993), é evidente a correlação existente entre a adequação das respostas tácticas e os anos de prática. Assim, quanto maior foi a experiência dos jogadores, melhor se torna a sua capacidade de decisão táctica. Williams, Davids e Williams (1999) corroboram com esta ideia, ao afirmarem que os atletas experientes possuem um conhecimento específico da modalidade mais amplo do que os atletas menos experientes.

Os atletas de elite são de uma forma geral mais novos do que os atletas de sub-elite. O factor idade aparece como discriminador entre grupos de níveis distintos de desempenho (Elferink-Gemser et al., 2004). Este autor apresenta uma explicação para este facto, afirmando que os atletas de elite começam a jogar mais cedo e têm mais experiência do que os jogadores de sub-elite.

Chibane et al. (2007) realizaram um estudo com o intuito de perceber qual a influência da idade, maturação e dimensões corporais na selecção de jogadores de futebol da Algéria de sub-17, e concluíram, que os sujeitos da Selecção Nacional (SN) eram ligeiramente mais novos do que os pertencentes às Selecções Regionais (SR) (Idade $_{SN}$: 16.59 anos; Idade $_{SR}$: 16.60 anos).

2.1.5.1.2. Aptidão Física

Parece evidente que, a aptidão física representa um importante conjunto de factores que contribuem para a *performance* desportiva (Pedersen, 2000).

A maior parte dos estudos que se apresentam de seguida, referem a importância da velocidade na separação entre grupos de nível de *performance* diferenciado. De facto, parece evidente que os atletas de elite tendem a ser mais rápidos na realização das suas acções do que os atletas de sub-elite ou de nível inferior.

Hoare e Warr (2000) num estudo realizado acerca da identificação e desenvolvimento de jogadoras de futebol potencialmente talentosas, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, concluíram que é possível seleccionar jogadoras de futebol potencialmente talentosas, baseando-se em atributos fisiológicos. Os jogadores seleccionados (n=17; velocidade: 3.47 segundos) apresentaram melhores resultados no teste de velocidade (20 metros) comparativamente com o grupo de controlo (n=59; velocidade: 3.63 segundos).

Elferink-Gemser, et al. (2004), realizaram um estudo com atletas de hóquei em campo, que teve como objectivo perceber quais as principais diferenças verificadas ao nível das características antropométricas, fisiológicas, técnicas e psicológicas, entre atletas de elite e atletas de sub-elite, isto é, de nível de desempenho inferior. Os resultados deste estudo evidenciaram que os atletas de elite são mais rápidos do que os atletas de sub-elite.

Pearce et al. (2007) realizaram um estudo com jogadores de futebol, que teve como objectivo comparar do ponto de vista dos aspectos somáticos e da aptidão física atletas seleccionados para uma determinada equipa e atletas não-seleccionados. Para a avaliação da velocidade foi aplicado o teste dos 20 metros. Segundo este estudo, os jogadores não-seleccionados são, ligeiramente, mais rápidos (seleccionados: 6.26 segundos; não-seleccionados: 6.17 segundos) e mais ágeis (seleccionados: 2.75 segundos; não-seleccionados: 2.52 segundos) do que os jogadores seleccionados.

Segundo Reilly e Bretherton (1986, cit. por Gemser e Gemser, 2005), os melhores jogadores distinguem-se por serem mais rápidos a correr e a driblar a bola. Gemser e Gemser (2005) corroboram com esta ideia ao afirmar que, de uma forma geral, os atletas de elite são mais rápidos do que os atletas de sub-elite.

Reilly et al. (2000) realizaram um estudo com jogadores de futebol, que teve como objectivo perceber quais as principais diferenças verificadas ao nível da *performance* entre dois grupos distintos de rendimento. Segundo este estudo, os jogadores de elite são mais rápidos, têm mais potência aeróbia, são

mais ágeis e melhores saltadores (isto é, têm mais potência) do que os de sub-elite. Segundo os mesmos autores, regra geral, as medidas fisiológicas são mais discriminantes do que as antropométricas.

No estudo realizado por Seabra et al. (2001), os futebolistas apresentaram resultados superiores e estatisticamente significativos em todos os escalões comparativamente com os não futebolistas, no que toca à aptidão física (força média, força inferior, agilidade, velocidade e resistência aeróbia).

2.1.5.1.3. Habilidades Técnicas

Apesar da multidimensionalidade da *performance* desportiva, as habilidades técnicas assumem uma importante regra na capacidade competitiva dos atletas (Maia, 1993; Janeira, 1994; Brandão, 1995; Sampaio, 2000).

Segundo Hoare e Warr (2000), Elferink-Gemser et al. (2004) e Seabra et al. (2001), os atletas de elite, de uma forma geral, apresentam melhores resultados do que os de sub-elite relativamente às habilidades técnico-tácticas, sendo mais rápidos na sua execução.

No estudo realizado por Reilly et al. (2000), existe uma diferença significativa apenas no teste do drible. No teste do remate a diferença não se apresentou estatisticamente significativa.

2.1.5.1.4. Características Antropométricas

A variabilidade do estatuto maturacional caracteriza os jovens que praticam desporto, sendo especialmente notório no período pubertário (Bailey e Mirwald, 1988).

Qualquer tentativa para identificar precocemente jogadores talentosos de futebol deverá ter em conta o crescimento e a maturação do ciclo de desenvolvimento (Williams e Davids, 1998).

Os jovens atletas de sucesso são um grupo altamente seleccionado, com base geralmente nas suas habilidades e, em alguns desportos, no tamanho dos sujeitos (Seabra et al., 2001). Neste últimos anos, temos assistido à tendência generalizada para realizar uma selecção com base na estatura dos sujeitos, nomeadamente nos JDC (Coelho e Silva, 1995). Sobral (1994) refere que inicialmente, as equipas de andebol de nível superior apresentavam um grande número de jogadores com altura acima dos dois metros. Posteriormente ter-se-á dado uma maior ênfase a aspectos como a velocidade de execução e de deslocamentos, o que levou a um aumento do número de andebolistas de menos estatura.

No futebol são excluídos, sistematicamente, os rapazes atrasados maturacionalmente e favorecidos, os rapazes que se encontram na média ou que são avançados maturacionalmente. Os rapazes avançados maturacionalmente tendem a ter mais sucesso no futebol numa adolescência tardia, uma vez que o estado mais avançado de maturação está associado a um tamanho corporal superior, mais força e potência muscular (Malina et al., 2000). Coelho e Silva (2001) corrobora com esta ideia ao afirmar que os jovens maturacionalmente mais avançados tendem a ser promovidos, com prejuízo dos seus pares com ritmos biológicos mais lentos.

Também Malina e Bouchard (1991) referem que os jogadores de elite de hóquei no gelo com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, apresentam um tamanho corporal superior e mais força muscular.

Hoare e Warr (2000) num estudo realizado acerca da identificação e desenvolvimento de jogadoras de futebol potencialmente talentosas, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, concluíram que é possível seleccionar jogadoras de futebol potencialmente talentosas, baseando-se em atributos antropométricos. Nhantumbo et al. (2004) vem corroborar esta ideia ao afirmar que a selecção dos praticantes de elite do desporto escolar em Moçambique, obedece a critérios somáticos.

No estudo realizado por Seabra et al. (2001), os futebolistas constituintes da sua amostra, manifestaram em ambos escalões (iniciados e

juvenis) resultados superiores nas medidas somáticas altura e peso. As diferenças foram estatisticamente significativas entre os dois escalões no que diz respeito à altura. Relativamente ao peso, as diferenças foram significativas apenas no escalão de juvenis. Constatou-se que em todos os escalões, os futebolistas apresentaram um estatuto maturacional mais avançado relativamente aos não futebolistas.

Segundo Malina et al. (2000), Pearce et al. (2007) e Chibane et al. (2007), os jogadores de futebol seleccionados para as selecções nacionais são mais altos e mais pesados do que os jogadores não-seleccionados ou pertencentes a selecções regionais.

Contrariamente aos estudos realizados pelos autores mencionados anteriormente, Reilly et al. (2000), num estudo realizado com jogadores de futebol, com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos, concluíram que os jogadores de elite são mais magros do que os de sub-elite. Os jogadores de sub-elite são ligeiramente mais altos do que os jogadores de elite.

Saranga et al. (2004), num estudo realizado com o intuito de avaliar, do ponto de vista somático e da actividade física, em que medida os praticantes escolhidos para as selecções escolares se diferenciam da população geral, concluíram que, as atletas são mais baixas do que as sedentárias. Foi concluído que, do ponto de vista dos indicadores somáticos e da actividade física, os rapazes seleccionados para as equipas escolares de elite se distinguem da população comum da sua faixa etária no sentido das exigências do rendimento desportivo. No caso das raparigas, não foi encontrada uma tendência consistente.

Também Elferink-Gemser, et al. (2004), num estudo realizado com atletas de hóquei em campo, concluíram que não foram encontradas diferenças entre os dois grupos, no que diz respeito à altura (elite: 1.65 m; sub-elite:1.67 m) e ao peso (elite: 54.85 Kg; sub-elite: 56.22 Kg).

2.1.5.1.5. Características Psicológicas

A Psicologia do Desporto (PD) pretende identificar os efeitos dos factores psicológicos do comportamento humano em contextos desportivos e consequentemente, os efeitos psicológicos da participação desportiva (Cruz, 1996). A PD defende a premissa de que os factores psicológicos influenciam a *performance* atlética (Pedersen, 2000).

Actualmente, na alta competição, cada vez são maiores as semelhanças entre os atletas quer ao nível físico e técnico-táctico, quer ao nível fisiológico. Desta forma, a PD assume-se como uma área de intervenção onde a maioria dos atletas se pode diferenciar, pelo que a sua forma de encarar o Desporto, pode levá-los a que reajam de formas diferentes perante as situações que lhes são apresentadas na competição (Lázaro et al., 2007).

A identificação das características psicológicas que distinguem executantes excepcionais dos seus colegas tem sido um objectivo dos administradores desportivos e treinadores, quer no futebol como noutros desportos (Morris, 2000). Grande parte dos treinadores concorda que, pelo menos, cinquenta por cento do processo de jogo é mental. Em relação aos atletas, o que se verifica é que estes raramente dedicam mais do que cinco por centro do seu tempo de treino, ao desenvolvimento dos seus *skills* psicológicos. O principal problema diz respeito a "como integrar o factor mental no processo de treino", dada a sua complexidade dentro da dimensão da menta humana. O incremento das habilidades mentais é um aspecto fundamental para o aumento da *performance* humana (Lázaro et al., 2007). Quanto maior for o conhecimento que os atletas possuem sobre si mesmo, melhor estes se encontrarão capacitados e orientados no sentido de atingirem os limites das suas prestações desportivas (Loehr, 1986).

No âmbito da PD surge a Psicologia da Personalidade no Desporto, a qual se tem vindo a interessar pelos perfis psicológicos específicos de atletas de elite (Burnik et al., 2005).

Os estudos da Personalidade implicam uma aproximação com aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos do atleta. A Personalidade, num sentido

psicológico, pode ser compreendida como um complexo conjunto de características físicas e mentais que inclui, habilidades intelectuais, motoras perceptivas, assim como características de juízo moral, sentimentos humanos, actividades sociais (comunicação, amizades, conflitos, etc.), carácter e temperamento (Musek, 1993, cit. por Burnik et al., 2005).

A relação entre a Personalidade e o Desporto tem sido uma das áreas de investigação mais exploradas pela PD. No entanto, dada a complexidade do tema, tem vindo a haver uma queda na importância dada pelos estudiosos a esta temática (Filho et al., 2005).

Segundo Morris (2000), a temática da Personalidade e o Desporto apresenta algumas lacunas. Este tema ainda está longe da perfeição, não havendo uma relação clara e precisa entre estas duas temáticas. Não existem evidências científicas de perfis de personalidade entre grupos de atletas de determinadas modalidades.

Atletas, treinadores e os demais envolvidos no desporto de competição, têm questionado a existência de características psicológicas específicas dos atletas de alto rendimento em comparação a atletas de nível inferior (Filho et al., 2005).

Os estudos realizados no âmbito da relação entre as características da *performance* multidimensional e o nível de *performance* em jovens jogadores talentosos de hóquei em campo mostram que, as características psicológicas distinguem os atletas de elite dos atletas de nível inferior (Gemser e Gemser, 2005). Carvalho (2000), num estudo realizado com futebolistas do escalão sénior, verificou a existência de uma relação positiva entre os testes psicológicos e o nível de prestação desportiva dos atletas. Contrariamente, Filho et al. (2005), no seu estudo verificou a não existência de correlações elevadas entre as variáveis psicológicas e o nível de *performance*.

Segundo Lubbers (2006), investigadores das Ciências do Desporto com a realização de estudos científicos, têm identificado algumas características psicológicas dos campeões.

Regra geral, quando são comparados atletas com não - atletas, os atletas são mais extrovertidos, mais estáveis emocionalmente e expressam uma necessidade mais forte de produtividade e de estimulação/motivação. Estas características estão associadas ao envolvimento desportivo e à qualidade da *performance* (Eysenck, Nias e Cox, 1982, cit. por Burnik et al., 2005). Os atletas são geralmente mais agressivos, mais estáveis psicologicamente, apresentam um melhor auto-controle emocional, são menos ansiosos, demonstram um grau mais elevado de domínio e de responsabilidade, são mais tolerantes das suas frustrações, são mais tolerantes a situações desagradáveis e à dor (Tusak e Tusak, 2001, cit. por Burnik et al., 2005). No estudo realizado por Burnik et al. (2005), os alpinistas demonstraram ser menos neuróticos, menos introvertidos, mais extrovertidos do que os não - atletas. Por outro lado, o grupo de controlo (não-atletas), demonstrou um grau de sinceridade ligeiramente superior. Com este estudo, os autores puderam concluir, que os alpinistas têm personalidades mais impulsivas com tendências para novas tarefas e pouco usuais e para experiências excitantes. Para além disso, apresentam as características de personalidade mais importantes, são trabalhadores, resistentes, possuem camaradagem, coragem, desenvoltura, consideração pelos outros, determinação, sinceridade, responsabilidade, tolerância e espírito de sacrifício. O grupo de controlo demonstrou ser mais frágil emocionalmente, tendo tendência para oscilações de humor, depressão e pensamentos negativos.

Cox (1994, cit. por Filho et al., 2005) refere que existem características da personalidade, como estabilidade emocional, autodisciplina, capacidade mental de resistir ao esforço, baixa tensão, extroversão e independência que estão relacionadas com a *performance*. O mesmo autor, num estudo realizado com atletas chineses, concluiu que os atletas de alto nível apresentavam habilidades psicológicas superiores em relação aos demais. Também Simpson e Newby (1991, cit. por Filho et al., 2005), num estudo realizado com jogadores de futebol americano, concluíram que os atletas de nível superior possuíam um melhor perfil de humor, com índices menos elevados de raiva e hostilidade.

Para atingir *performances* de alto nível, os jogadores têm de realizar desempenhos sob uma grande pressão. Não surpreende, portanto, que características psicológicas como a motivação, a confiança, o controle da ansiedade, a preparação mental, a ênfase na equipa e a concentração, distingam muitas vezes atletas de elite de atletas de desempenhos inferiores (Morris, 2000; Elferink-Gemser et al., 2004).

Williams e Reilly (2000) e Reilly et al. (2000) avaliaram jogadores de futebol talentosos e concluíram que os jogadores mais talentosos possuíam uma menor propensão para distúrbios da ansiedade. Os atletas com mais talento são possuidores de uma motivação mais elevada e por essa razão praticam mais. O jovem motivado para ganhar, valoriza o trabalho colectivo e o espírito de equipa (Hoare e Warr, 2000).

Num estudo realizado em 2001, Williams e Krane (cit. por Lubbers, 2006) identificaram características psicológicas de atletas de elevados índices de sucesso. Algumas das características identificadas neste estudo foram: melhor concentração, imaginação positiva, determinação elevada e nível de compromisso elevado. Gould et al. (2001, cit. por Lubbers, 2006) encontraram resultados semelhantes ao examinarem os campeões olímpicos dos Estados Unidos. Os atributos importantes que emergiram deste estudo foram: compromisso elevado, optimismo, perfeccionismo, índices elevados de força mental e inteligência desportiva.

É necessário procurar um desportista com determinadas características psicológicas que lhe permitam, enfrentar com êxito o processo de treino, a competição e o êxito ou o fracasso (Calvo, 2003), apesar de ainda não ser possível desenvolver testes objectivos e ecologicamente válidos de determinantes psicológicas (Williams e Davids, 1998).

2.1.5.1.5.1. Perfil Psicológico de Prestação (PPP)

O teste de PPP é constituído por sete variáveis: Auto-Confiança, Negativismo, Atenção, Visualização, Motivação, Positivismo e Atitude Competitiva (Loher, 1986). Para uma melhor compreensão desta temática, torna-se importante definir essas diferentes variáveis.

Auto-confiança: "A auto-confiança não é ter a convicção de que poderá ganhar sempre ou que nunca errará, mas a convicção que poderá corrigir os erros cometidos desde que trabalhe com esforço e empenho para aperfeiçoar o conjunto das suas capacidades" (Cruz e Viana, 1996, p. 270). "A auto-confiança não é o que se deseja fazer, mas aquilo que realisticamente se espera fazer" (Vasconcelos Raposo, 1994, p. 27).

Pensamentos Negativos: O negativismo é visto como uma fonte de pensamentos inapropriados, irracionais e contraprodutivos. Estes direccionam a atenção dos atletas para pensamentos erróneos e de dúvidas associados a baixos níveis de *performance* (Loehr, 1986; Perkos et al., 2002).

Atenção: A atenção refere-se à concentração e focalização do esforço mental em determinadas fontes de informação mais relevantes em detrimento de outras menos relevantes no desempenho das tarefas em questão. No contexto desportivo, a habilidade de focar a atenção na tarefa, nos aspectos mais determinantes e simultaneamente de filtrar a informação relevante é crucial para o desenvolvimento de uma elevada *performance* (Vasconcelos Raposo e Sá, 2000, cit. por Lázaro et al., 2004; Vasconcelos Raposo, 1993).

Visualização: A visualização é definida como a habilidade para nos vermos a nós próprios a desempenhar tarefas, recordando pensamentos e imagens com um fim. Esta habilidade em si consiste numa recuperação de informação armazenada na memória através das várias modalidades sensoriais e na sua remodelação através de processos cognitivos (Vasconcelos Raposo et al., 2001, cit. por Lázaro et al., 2004).

Motivação: Das sete variáveis do teste PPP, a motivação revela-se como a primeira numa escala de importância (Loehr, 1986). Segundo Weinberg e

Gould (1995, cit. por Lázaro et al., 2004), a motivação é um termo utilizado para compreender o complexo processo que coordena e dirige a direcção e a intensidade do esforço dos atletas perante a sua modalidade. Esta é uma ideia subjacente à definição de motivação para a realização onde os mesmo autores referem que se resume na tendência para lutar pelo sucesso, persistindo face ao fracasso e experimentar pelos resultados atingidos. Vasconcelos Raposo (2002, cit. por Lázaro et al., 2004, p.81) apresenta um conceito de motivação para a excelência e define-a "…como a pré-disposição do atleta para aceitar ou evitar a situação de competição. Num sentido mais lato, esta definição implica a noção de desejo para se ser cada vez melhor".

Pensamentos Positivos: Pensar positivamente consiste, basicamente, em centrarmo-nos nos aspectos mais importantes da nossa prestação e saber como rentabilizá-los (Van Raalte et al., 2000).

Atitude Competitiva: Para Vasconcelos Raposo e Dias (1995, cit. por Lázaro et al., 2004), a atitude competitiva pode ser identificada como a "garra" com que o atleta enfrenta uma determinada tarefa de treino ou de competição, sendo esta variável, independente de estarem associadas ao atleta características de competição que revelem potencial motor ou atlético de relevo para o sucesso desportivo.

Estudos recentes têm indicado diferenças ao nível do perfil psicológico entre atletas de níveis distintos de *performance* (Filho et al., 2005). De uma forma geral, atletas de topo demonstram um perfil psicológico distinto dos perfis de atletas de lazer, atletas amadores e não-atletas (Davis e Mogk, 1994; Tusak e Tusak, 2001, citados por Burnik et al., 2005). Segundo Elferink-Gemser et al. (2004), Williams e Reilly (2000), Reilly et al. (2000) e Tusak e Tusak (2001, cit. por Burnik et al., 2005), os atletas de elite, apresentam melhores resultados do que os de sub-elite no que diz respeito às suas características psicológicas, apresentando índices de motivação e confiança mais elevados.

Cruz e Viana (1996) afirmam que os jogadores mais bem sucedidos ou que competem a um nível mais elevado apresentam elevados índices de confiança nas suas capacidades. Por outro lado, jogadores que se encontram

num nível competitivo mais baixo apresentam maiores valores de negativismo (Vasconcelos Raposo e Coelho, 1995; Vasconcelos Raposo e Silva, 2002, citados por Lázaro et al., 2007).

Num estudo realizado em 2001, Williams e Krane (cit. por Lubbers, 2006) identificaram características psicológicas de atletas de elevados índices de sucesso. Algumas das características identificadas neste estudo foram: melhor atenção, pensamentos positivos e nível de confiança elevado. Também Gould et al. (2001, cit. por Lubbers, 2006) ao examinarem os campeões olímpicos dos Estados Unidos, verificaram que estes apresentam atributos importantes como seja: motivação elevada, positivismo, índices elevados de atenção.

Lázaro et al. (2007), num estudo realizado em atletas da Liga e da Divisão de Elite de Andebol, através da aplicação do teste de PPP, concluíram que relativamente à amostra total, verifica-se um perfil mais elevado ao nível da motivação (25.45) e auto-confiança (24.67) evidenciando valores mais reduzidos relativamente ao negativismo (20.52). Entre os dois grupos (Liga e Divisão de Elite), não se verificaram diferenças significativas em nenhuma das variáveis do teste de PPP, quando diferenciadas por nível competitivo. No entanto os jogadores da Liga conseguem melhores resultados em quatro variáveis (auto-confiança, visualização, motivação e atitude competitiva) do que os jogadores pertencentes à Divisão de Elite. Os mesmos autores referem ainda que nem sempre os jogadores que competem ao mais alto nível dispõem dos melhores índices nas variáveis do PPP.

2.1.5.1.5.2. Orientação Cognitiva

A investigação mais recente no domínio da motivação tem recorrido a uma abordagem sócio-cognitiva para pesquisar as relações existentes entre os objectivos de realização e outras variáveis motivacionais. Esta abordagem assume a existência de dois objectivos de realização ou orientações cognitivas principais: Ego, quando uma pessoa se orienta fundamentalmente para demonstrar mais rendimento do que os outros e Tarefa, quando uma pessoa se orienta fundamentalmente para aprender ou para executar uma tarefa com mestria (Fonseca e Balangué, 1996).

Os indivíduos com melhores resultados na orientação para a tarefa percepcionam o seu nível de sucesso desportivo em termos de quantidade de esforço que despendem e em termos de melhoria das suas competências, capacidade e rendimento. Por outro lado, os indivíduos com melhores resultados na orientação para o ego avaliam o seu sucesso recorrendo a padrões normativos. Ou seja, sentem-se bem sucedidos apenas quando são capazes de demonstrar a sua superioridade técnica ou física, jogando melhor que os seus colegas ou tendo melhores rendimentos que os outros, sem se esforçarem tanto como eles. Para estes, o que define sucesso é o resultado e a vitória, independentemente da forma como jogaram (Cruz, 1996).

Jogadores orientados para a tarefa gostam de participar no futebol para o domínio de habilidades e para o melhoramento pessoal e são interessados pelo jogo por si só. Os jogadores orientados para o ego participam no futebol com o intuito de aumentarem a sua auto-estima e o *status* social para tentarem ser melhores do que os outros (Reilly et al., 2000).

Os jovens praticantes com expectativas de alto rendimento estão orientados para a obtenção de objectivos desportivos, nomeadamente, “melhorar as capacidades técnicas”, “aprender novas técnicas” e “atingir um nível desportivo mais elevado” (Coelho e Silva, 2001).

Segundo Vasconcelos Raposo (1993) e Coelho (1997), os atletas olímpicos são mais orientados para a prestação do que para o resultado, comparativamente com atletas não-olímpicos ou de nível inferior. Williams e

Reilly (2000) e Reilly et al. (2000) corroboram esta ideia ao afirmarem que os jogadores de futebol talentosos são mais orientados para a tarefa do que para o ego. Também Peensgaard (1999, cit. por Filho et al., 2005) concorda com esta ideia, ao afirmar que os atletas de elite possuem uma maior persistência nos objectivos, realizando um maior esforço para determinadas tarefas.

2.1.5.1.6.Conhecimento do Jogo

"O conhecimento acerca do jogo e seus objectivos bem como o conhecimento acerca das acções necessárias a executar durante a aprendizagem do jogo, assumem grande importância na formação dos jogadores."

(Rodrigues, 1998, p. 228)

São vários os autores que afirmam que o conhecimento do jogo pode ser dividido em dois grandes tipos de conhecimento (Abernethy et al., 1994; McPherson, 1994; Thomas, 1994; Thomas e Thomas, 1994; Grehaigne e Godbout, 1995; Pinto, 1995): 1) Conhecimento Declarativo: conhecimento que os jogadores possuem acerca do seu domínio específico e que pode ser recordado exactamente como foi memorizado (Exemplos: conhecimento das regras, da terminologia específica, conceitos e esquemas tácticos da modalidade, que lhes permitem participar com sucesso no jogo); e 2) Conhecimento Processual: conhecimento que os jogadores possuem acerca de "quando" e "como" fazer determinada tarefa específica (French e Nevett, 1993, cit. por Rodrigues, 1998), isto é, que movimento executar numa dada situação (Thomas, 1994). Este conhecimento, ao contrário do declarativo, é muito difícil de avaliar, uma vez que se expressa apenas durante o jogo ou durante a realização de qualquer actividade.

Existem autores (Thomas e Thomas, 1994; Turner e Martinek, 1994) que defendem que para que o conhecimento processual tenha lugar, é necessária uma certa quantidade de conhecimento declarativo. Rodrigues (1998) concorda com esta ideia ao afirmar que é necessária uma boa base de conhecimento declarativo antes do desenvolvimento das capacidades de decisão. O

conhecimento do jogo torna-se importante aquando do desenvolvimento da tomada de decisão.

A investigação realizada no âmbito das Ciências do Desporto tem apontado para a importância das habilidades perceptivas e cognitivas como requisitos fundamentais para a excelência desportiva (Pinto, 1995; Rink et al, 1996; Sisto e Greco, 1995; Tavares, 1996; Williams e Reilly, 2000). Tenenbaum et al. (1993) corrobora com esta ideia ao afirmar que os processos cognitivos têm um papel importante na *performance* desportiva, especialmente nos JDC. Williams e Davids (1998) consideram que estas evidências acerca da importância dos atributos perceptivo-cognitivos em jogadores de sucesso ainda não fazem parte do processo de identificação de talentos.

Têm aumentado o número de estudos onde são analisadas as qualidades perceptivas e as componentes estratégicas no sentido de apurar como se formam os especialistas no desporto. Para tal são utilizados distintos instrumentos: indagação retrospectiva, testes de conhecimento declarativo e processual, reconhecimento de padrões de jogo, protocolos verbais para análise das estratégias de tomada de decisão, análise dos comportamentos visuais dos desportistas experimentados e não experimentados (Williams et al., 1999).

O jogador actua no jogo consoante o conhecimento que possui do próprio jogo. Antes de qualquer acção, o jogador necessita de saber o que tem de fazer, para depois escolher a forma como irá fazer, utilizando a acção motora mais adequada à situação (Alves, 1990; Garganta e Pinto, 1994). Garganta e Cunha e Silva (2000, p. 5) afirmam que “cada sujeito percebe o jogo, as suas configurações, em função das aquisições anteriores e do estado presente”.

O sucesso nos JDC depende em grande escala do nível de desenvolvimento perceptivo e intelectual dos atletas, especialmente quando associado com outros factores determinantes da *performance* (Schellenberger, 1990).

Segundo Tenenbaum et al. (1993) e Ferreira (1999), os jogadores federados são bastante mais correctos nas suas respostas do que os jogadores do desporto escolar, apresentando um número de respostas correctas mais elevado. Parece evidente que os jogadores federados apresentam um conhecimento do jogo superior. No estudo realizado por Costa et al. (2002), os resultados, mostraram uma tendência de maior conhecimento específico da modalidade em situações ofensivas para o grupo de futebolistas de nível competitivo superior, em relação ao de nível competitivo inferior, apesar das diferenças não se terem revelado estatisticamente significativas. No que diz respeito à inteligência geral, os jogadores com nível competitivo inferior apresentaram valores superiores e estatisticamente significativos quando comparados com os de nível superior.

Estes estudos reforçam a ideia de que os atletas de melhor nível, possuem um conhecimento mais elevado relativamente aos atletas de nível inferior. Obviamente que esta situação advém quer das maiores exigências a que os atletas de nível superior estão sujeitos, como também ao maior tempo de exposição à aprendizagem, que advém de um número de treinos semanais superior (Williams et al., 1999; Thomas, 1994; Pinto, 1995; Rodrigues, 1998).

Parece evidente, que de facto, os jogadores de alto nível possuem um conhecimento específico da sua modalidade mais refinado e elaborado do que os restantes jogadores (Williams et al., 1993; Williams e Davids, 1995).

2.2. A Selecção em Basquetebol

A maior parte da investigação realizada no âmbito do Basquetebol, assim como no âmbito de outras modalidades desportivas, tem sido a identificação dos principais factores da *performance* desportiva que permitem um elevado rendimento numa determinada modalidade desportiva.

Estes estudos, apresentam como principal objectivo, acrescentar à mera intuição dos treinadores aquando da tomada de decisões, algum conhecimento objectivo que, juntamente com a experiência dos mesmos, lhes permita efectuar escolhas com mais sucesso (Pinto, 2001).

2.2.1. Indicadores de Selecção em Basquetebol

"Existe um entendimento generalizado entre treinadores, atletas e outros intervenientes do fenómeno desportivo sobre a enorme diversidade de variáveis que influenciam a prestação de um jogador ou de uma equipa numa competição desportiva."

(Brandão, 2001, p. 75)

O Basquetebol, como JDC, apresenta características bastante particulares no que diz respeito à sua estrutura funcional. Para a obtenção de êxitos desportivos nesta modalidade, a dimensão estratégica e táctica assumem um papel determinante (Garganta, 1996).

Parece ser evidente que o processo de selecção em Basquetebol se centra bastante no treinador, isto é, no seu conhecimento e experiência como técnico. Ramos e Tavares (2000) realizaram um trabalho de pesquisa no campo de natureza descritiva, acerca do processo de selecção de jovens atletas de Basquetebol e concluíram que o processo de selecção está centrado preponderantemente no conhecimento e experiência do técnico. No âmbito do processo de selecção que tem por base a escolha realizada pelos treinadores, surge o trabalho realizado por Gomes e Tavares (2004), que teve como objectivo identificar quais os factores mais relevantes, na opinião dos treinadores, que estão mais fortemente associados à *performance* de

jogadores. Estes autores concluíram que os treinadores brasileiros valorizam preferencialmente as dimensões física e técnica (em 26,4% cada), sendo a dimensão táctica a menos valorizada (23,5%). Os técnicos portugueses valorizam, preferencialmente, a dimensão física (27,2%), valorizando menos a dimensão psicológica (21,8%).

2.2.1.1. Anos de Prática e Idade

Não têm sido realizados muitos estudos relacionados com a importância dos anos de prática e idade na *performance* desportiva dos praticantes de Basquetebol. No entanto, parece evidente que atletas mais experientes apresentem mais oportunidade em se tornarem atletas de alto nível, comparativamente com atletas menos experientes.

Silva (2002) realizou um estudo que teve como objectivo determinar a influência das habilidades técnicas, avaliadas a partir de um método analítico, os anos de prática e os aspectos somáticos no rendimento desportivo de jovens jogadores de Basquetebol. A amostra foi constituída por 126 atletas pertencentes a 12 equipas de iniciados masculinos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, que na época de 2001/2002 disputaram as provas organizadas pela Associação de Basquetebol do Porto (ABP). Os resultados deste estudo evidenciam que os jogadores e respectivas equipas com maior experiência na modalidade, apresentam melhores níveis de *performance* em jogadores jovens de Basquetebol. Confirma-se que os anos de prática da modalidade são um factor importante para a aquisição de níveis de *performance* superior.

Segundo Elferink-Gemser et al. (2004), de uma forma geral, os jovens jogadores de elite são mais novos do que os jogadores de sub-elite. Bosc (1985, cit. por Maia, 1993) num estudo realizado com 758 rapazes e 654 raparigas dos 11 aos 14 anos de idade, concluiu que a idade pode ser considerado um indicador de selecção. Neste domínio, o autor sugere haver evidências de que os atletas mais experientes tendem a ter melhores

resultados no que toca às habilidades técnicas e possuem níveis superiores no que toca ao conhecimento do jogo.

Mendes (1999), num estudo realizado com iniciados masculinos, refere que os valores dos parâmetros cinemáticos da posição básica defensiva apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os jogadores com diferentes anos de prática. A autora salienta ainda que os jogadores com quatro ou mais anos de prática adoptam uma posição básica defensiva mais adequada às exigências da realização das tarefas defensivas e apresentam um conhecimento de jogo superior aos atletas com inferior tempo de prática.

Rocha (2000), com a finalidade de perceber se os anos de prática desportiva eram um factor discriminatório do nível de execução das habilidades técnicas em Basquetebol, estudou 145 jovens jogadores do escalão de iniciados masculinos da ABP. Os resultados deste estudo confirmam que os jogadores com mais anos de prática são aqueles que apresentam um superior nível de execução das habilidades técnicas ofensivas. O autor concluiu que o tempo de prática nos jovens jogadores é um importante critério de diferenciação do seu desempenho técnico individual.

Parece evidente a importância dos anos de prática no desempenho das habilidades técnicas dos jogadores de basquetebol. Os jogadores mais experientes, isto é, com mais anos de prática, tendem a apresentar melhores *performances* ao nível da técnica, comparativamente com os atletas menos experientes.

2.2.1.2. Aptidão Física

São vários os autores que fazem referência a indicadores de selecção no âmbito da aptidão física (Bennice, 1976; Minescu, 1979 e Bosc, 1985, citados por Maia, 1993; Bompa, 1990; Matos, 1993; Podstawski, 1994; Brandão, 1995; Pinto, 1995; Oliveira, 2000a; Pinto, 2000; Coelho e Silva, 2001). Minescu (1979, cit. por Maia, 1993) considera que em crianças entre os 8 e os 9 anos de idade, a aptidão física é um importante indicador de selecção biológica do jogador de Basquetebol. Podstawski (1994), num estudo realizado

com o objectivo de analisar alguns indicadores mais importantes para a selecção de jovens para o Basquetebol, concluiu que as capacidades motoras são dos indicadores mais utilizados para a selecção nesta modalidade.

Bennice (1976, cit. por Maia, 1993) considera a impulsão vertical, a corrida de 30 metros para a frente e para trás e a velocidade de reacção como sendo indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol.

Bosc (1985, cit. por Maia, 1993), num estudo realizado com 758 rapazes e 654 raparigas dos 11 aos 14 anos de idade, concluiu que a corrida de 30 metros e a corrida vai - vem de 4x10m podem ser consideradas indicadores de selecção em Basquetebol.

Bompa (1990) salienta a importância da capacidade anaeróbia e da resistência à fadiga como indicadores de selecção em Basquetebol.

Matos (1993) realizou um estudo que consistiu na determinação das diferenças no nível de aptidão motora geral e nas características antropométricas, entre os jogadores de Basquetebol do escalão de infantis masculinos da região do Grande Porto e os jogadores do mesmo escalão escolhidos para a Selecção Distrital da ABP. Os principais resultados que emergem deste estudo, no respeitante à aptidão física (força isométrica, agilidade e força explosiva dos MI), são que os atletas seleccionados apresentaram índices físicos mais elevados, o que lhes traz vantagem ao nível do rendimento desportivo.

Brandão (1995) num estudo realizado com 101 indivíduos praticantes de Basquetebol, do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, conclui que o nível de aptidão física geral é dos indicadores que mais diferencia o rendimento dos atletas nomeadamente, a resistência e a velocidade. Deste estudo, pode-se reter que o que caracteriza fundamentalmente o rendimento dos jogadores é a expressão diferenciada dos níveis de aptidão física.

Pinto (1995) num estudo realizado com 120 atletas, pertencentes ao escalão de cadetes masculinos, de 10 equipas da ABP, concluiu que a agilidade é das variáveis de maior valor preditivo para o grupo dos melhores,

na separação entre grupos de níveis diferenciados de *performance*. No grupo de nível inferior, a força inferior apareceu como uma das variáveis de maior poder preditivo. Este autor concluiu que, para separar os dois grupos de níveis de *performance* diferenciados, a resistência, a agilidade, a força inferior e a força superior aparecem como sendo as variáveis de maior poder discriminatório. No entanto, apenas a agilidade, a resistência e a altura dão um contributo significativo na separação dos dois grupos.

Oliveira (2000a) realizou um estudo que teve como objectivo geral, avaliar a capacidade de resistência em desportos de esforço intermitente (Basquetebol, Futebol e Voleibol), através da utilização do *Yo-yo Intermittent Endurance Test* – nível 2. Este autor concluiu que os atletas de nível competitivo inferior apresentaram prestações mais baixas no teste, em relação aos de nível competitivo mais elevado.

Pinto (2000) realizou um estudo, com 96 atletas de Basquetebol, com idades compreendidas entre os 12 os 14 anos, pertencentes a 9 equipas do escalão de iniciados femininos que na época 1999/2000 disputaram o Torneio de Carnaval, organizado pela ABP, que teve como a finalidade de perceber se a força média, a força superior, a força inferior e a resistência aeróbica são factores que distinguem as equipas em termos de prestação da *performance*, assim como identificar os indicadores da aptidão física em estudo que melhor diferenciam a *performance* de jovens jogadoras de Basquetebol. Para proceder à avaliação foi utilizada a bateria de testes AAHPERD (Kirkendall, 1987), para aquelas capacidades físicas. A amostra foi dividida em dois grupos de rendimento diferenciado. Este autor pôde concluir que se verificam diferenças entre os dois grupos apenas no indicador da força média. Os indicadores com maior poder discriminatório encontrados entre os grupos foram a força inferior e a força média.

Coelho e Silva (2001), num estudo realizado com 210 infantis praticantes de Basquetebol e com uma média de idade de 13,4 anos, concluiu que a impulsão vertical e a força explosiva dos MS foram dos factores com maior poder discriminatório entre jogadores.

São vários os autores que fazem referência a indicadores de selecção no âmbito da aptidão física. Coelho e Silva (2001) apresenta, no seu estudo, alguns desses indicadores:

Quadro 2.2.1.2. Variáveis da aptidão física como indicadores de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)

Indicadores (testes)	Autores
Capacidade Anaeróbia	Dragan (1979)
Velocidade: corrida 30 metros	Bosc (1985)
Velocidade	Adelino (1995)
Velocidade/Força	Gonçalves (1995); Lima (1995)
Velocidade Específica: corrida zig-zag com bola, jogo pernas defensivo sem bola	Bosc (1985)
Coordenação	Dragan (1979)
Coordenação: quíntuplo salto	Bosc (1985)
Destreza/coordenação	Adelino (1995)
Coordenação motora	Gonçalves (1995)
Resistência à fadiga	Dragan (1979)
Resistência: testes de Cooper	Bosc (1985)
Resistência	Gonçalves (1995); Lima (1995)
Tempo de reacção	Inglis (1980)
Velocidade de reacção	Lima (1995)
Força: Lançamento da bola (500g), suspensão na barra fixa	Bosc (1985)
Força específica: lançamento da bola de Basquetebol a partir do peito	Bosc (1985)
Força explosiva	Adelino (1995)
Força	Gonçalves (1995)
Força/Velocidade	Gonçalves (1995); Lima (1995)
Destreza estática: lançamentos ao cesto sem limite de tempo	Bosc (1985)
Destreza dinâmica: 20 lançamentos ao cesto com controle de tempo	Bosc (1985)
Impulsão vertical	Inglis (1980); Bosc (1985)

Segundo estes vários autores, existem vários indicadores que poderão ser tidos em conta no processo de selecção em Basquetebol. De destacar, a importância dada a indicadores como a velocidade e a força, seguindo-se a coordenação e a resistência.

2.2.1.3. Habilidades Técnicas

"As melhores equipas parecem ser de facto constituídas pelos atletas mais apetrechados do ponto de vista técnico, e que o seu desempenho técnico individual, reforçado por uma prática regular e com vários anos de duração, poderá ser um importante critério de selecção e consequentemente uma base fundamental de trabalho para os treinadores dos jovens."

(Brandão, 2001, p.78)

É óbvio que a técnica não é por si só o reflexo dos níveis de *performance* individual na competição desportiva. Existe um conjunto de factores externos assim como a ideia de cooperação/oposição inerentes aos JDC que nos levam a aceitar que a técnica deverá estar contextualizada, isto é, condicionada pela integração e interacção com os companheiros de equipa. Assim, parece lógico, que não se deva avaliar um atleta exclusivamente do ponto de vista técnico. No entanto, as habilidades técnicas são consideradas um "forte" indicador com que os treinadores podem e devem contar para procederem ou não à selecção do atleta e da equipa" (Brandão, 2001). A técnica é muito importante para a *performance* dos jovens atletas, perdendo importância ao longo da carreira desportiva dos atletas (Brandão et al., 2003).

Com base na sua experiência e capacidade de observação, os treinadores acreditam que parte do sucesso dos atletas poderá ser explicado pela qualidade técnica da sua prestação no jogo (Brandão, 2001). A bibliografia sugere que os basquetebolistas melhores executantes do ponto de vista técnico, são também aqueles, que atingem melhores *performances* competitivas (Riezebos et al., 1983; Brandão, 1995; Pinto, 1995; Silva, 1995; Neta, 1999; Oliveira, 2000b; Rocha, 2000; Silva, 2000; Brandão et al., 2003).

Segundo Bennice (1976, cit. por Maia, 1993), o drible de protecção e progressão, o lançamento em apoio, o passe parado e em movimento, os deslocamentos laterais, frontais e à retaguarda são considerados indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol.

Bosc (1985, cit. por Maia, 1993), após a realização de um estudo com 758 rapazes e 654 raparigas dos 11 aos 14 anos de idade, concluiu que o

passe de peito pode ser considerado um indicador de selecção em jovens basquetebolistas.

Brandão (1995), num estudo realizado com 101 indivíduos praticantes de Basquetebol, do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, conclui que as habilidades específicas, nomeadamente o passe e os deslocamentos defensivos, diferenciam o rendimento dos jogadores. Neste estudo, as habilidades específicas aparecem como o segundo factor mais importante na hierarquia dos factores de *performance*.

Pinto (1995) num estudo realizado com 120 atletas, pertencentes ao escalão de cadetes masculinos, concluiu que o drible, o deslizamento defensivo e o passe foram das variáveis de maior valor preditivo para o grupo dos melhores na separação entre grupos de dois níveis distintos de *performance*. No grupo de nível inferior, o passe e o lançamento foram consideradas variáveis de poder preditivo. Este autor concluiu que para separar os dois grupos o passe e o drible foram as habilidades técnicas mais discriminadoras.

Os principais resultados do estudo realizado por Neta (1999) (estudo efectuado com 246 atletas de Basquetebol, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, pertencentes a 21 equipas do escalão de iniciados masculinos, na época 1998/1999) evidenciam a existência de uma forte associação entre os indicadores técnicos ofensivos (passe, drible e lançamento) e a classificação final das equipas.

Oliveira (2000b) procurou também perceber se o nível das habilidades técnicas em Basquetebol é um factor de discriminação da *performance*, bem como identificar o conjunto de indicadores técnicos que são capazes de se associar ao rendimento diferenciado de jovens jogadoras. A amostra constou de 100 atletas, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, pertencentes a 10 equipas do escalão de iniciados femininos que disputaram o Torneio de Carnaval na época de 1999/2000, organizado pela ABP. Deste trabalho sobressai o facto de existirem diferenças no nível de execução das habilidades técnicas evidenciadas pelos dois grupos de atletas e também, que

o drible, o lançamento e o passe, são os indicadores técnicos com maior poder discriminatório entre os dois grupos.

Silva (2000) realizou um estudo em jogadores com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, pertencentes a 6 equipas das quais foram convocados jogadores para representar a Selecção Distrital de iniciados masculinos da ABP, na época de 1999/2000. Deste estudo foi possível concluir que os jogadores que participaram na Selecção Distrital evidenciaram diferenças no nível de execução das habilidades técnicas, apresentando estes, melhores resultados do que os restantes basquetebolistas da amostra, sendo os indicadores técnicos com maior poder discriminatório, entre os dois grupos em estudo, o passe e o deslizamento defensivo.

Coelho e Silva (2001) num estudo realizado com 210 infantis, praticantes de Basquetebol e com uma média de idade de 13.4 anos, concluiu que o passe e o drible são as habilidades motoras com maior valor para discriminar os jogadores. Neste mesmo estudo, este autor apresenta alguns indicadores de selecção no âmbito das habilidades técnicas referidos por alguns autores.

Quadro 2.2.1.3. As Habilidades Técnicas como indicadores de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)

Indicadores (testes)	**Autores**
Lançamento	Inglis (1980); Adelino (1995); Lima (1995)
Lançamento de longa distância	Lima (1995)
Lançamentos-livres	Inglis (1980)
Recuperação de bolas	Lima (1995)
Bons ressaltadores	Lima (1995)
Bons penetradores	Lima (1995)
Bom controle e manejo de bola	Lima (1995)
Técnica individual	Adelino (1995)

Cura (2001a), realizou um estudo com atletas pertencentes a 7 equipas do escalão de iniciados masculinos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, que disputaram o grupo I da 1ª fase do Campeonato Regional da Associação de Basquetebol de Aveiro (ABA), com o intuito de perceber o grau de associação entre a avaliação dos desempenhos técnicos dos atletas

realizada em dois contextos distintos (em situação analítica e em situação de jogo). Para a avaliação das habilidades técnicas, o autor utilizou a Bateria AAHPERD (Kirkendall et al., 1987) e um Circuito técnico (CT) proposto por Brandão et al. (1998). Para a avaliação das habilidades técnicas na competição, o autor recorreu ao *Game Performance Assessment Instrument* (GPAI) proposto por Oslin et al. (1998). Ressaltam deste estudo as seguintes conclusões: 1) a predição dos níveis de *performance* atlética em situação de jogo é mais sólida quando realizada a partir da Bateria AAHPERD relativamente ao CT, constituindo-se como um excelente instrumento de pré-selecção de jovens jogadores; 2) neste domínio de selecção, a importância do lançamento sobressai de uma forma substantiva; 3) de uma forma geral os resultados apontam, inequivocamente, para a importância da técnica no rendimento em jovens basquetebolistas.

Cura (2001b), realizou um estudo com atletas pertencentes a 7 equipas do escalão de iniciados masculinos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, que disputaram o grupo I da 1ª fase do Campeonato Regional da ABA, com o intuito de perceber o grau de associação entre a avaliação dos desempenhos técnicos dos atletas realizada em situação analítica. O autor utilizou a bateria AAHPERD (Kirkendall et al., 1987) e um CT proposto por Brandão et al. (1998) para a avaliação das habilidades técnicas de forma analítica. Com este estudo surge o seguinte quadro de conclusões: 1) a predição dos níveis de *performance* técnica em situação de jogo é mais sólida quando realizada a partir da bateria AAHPERD relativamente ao CT, constituindo-se como um excelente instrumento de pré - selecção de jovens jogadores; 2) ressalta a necessidade da reformulação do CT ajustando-o à realidade do jogo; 3) a técnica parece revelar-se como uma componente decisiva das etapas de formação desportiva; 4) maior investimento no tempo de treino dedicado à aprendizagem, aperfeiçoamento e consolidação das habilidades técnicas específicas dos jovens basquetebolistas como suporte fundamental da sua formação desportiva.

Nunes (2002) avaliou do ponto de vista técnico sete equipas do escalão de séniores femininos, pertencentes a três níveis competitivos distintos, que

disputaram as provas oficiais da Federação Portuguesa de Basquetebol (duas equipas da Liga Feminina; duas equipas da Primeira Divisão; três equipas da Segunda Divisão). Foi utilizada como instrumento a bateria AAHPERD (Kirkendall, 1987) e também um CT (Brandão et al., 1998), ambos específicos para o Basquetebol. As principais conclusões do estudo foram as seguintes: 1) a autora verificou que existem diferenças nos indicadores deslizamento defensivo, passe e CT entre equipas de nível diferenciado de competição; 2) sustentando a actual estrutura da competição de Seniores Femininos, a segunda divisão norte mostrou-se tecnicamente inferior relativamente aos indicadores técnicos deslizamento defensivo, passe e CT, o que aponta para a ideia global da diferenciação no jogo de Basquetebol, pelo menos a partir da avaliação analítica da técnica; 3) o escalão sénior apresenta, de uma forma geral, melhores resultados que os escalões de formação no que se refere ao lançamento, passe e CT. Apresenta ainda melhorias nos gestos técnicos ofensivos decorrentes do processo evolutivo da formação de jogadores de Basquetebol; 4) os resultados observados para o CT apresentam um maior ajuste na separação de atletas por nível de *performance* e por experiência na modalidade em face das diferenças registadas tanto do ponto de vista horizontal (mesmo escalão e divisões inferiores), como do ponto de vista vertical (entre escalões etários diferenciados).

Silva (2002), num estudo realizado com 126 atletas pertencentes a 12 equipas de iniciados masculinos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, concluiu que os jogadores e respectivas equipas com melhores resultados na avaliação analítica da técnica apresentam melhores níveis de *performance*.

Segundo o Programa de Detecção de Talentos da Federação Espanhola de Basquetebol (PDTFEB), a selecção inicial dos jogadores tem por base, não só critérios físicos, psicológicos e de conhecimento do jogo, como também a precisão do lançamento (Calvo, 2003). O mesmo autor considera a capacidade de passe como sendo uma das características necessárias para um futuro jogador de Basquetebol.

Análises de carácter multidimensional do nível de *performance,* tendo em conta o género e a idade dos atletas, mostram que os jovens jogadores de elite apresentam melhores resultados do que os jovens jogadores de sub-elite ao nível da técnica e da táctica (Elferink-Gemser et al., 2004).

2.2.1.4. Características Antropométricas

"*A selecção desportiva poderá estar associada à aceleração maturacional, uma vez que, numa modalidade onde se privilegia a selecção estatural, os jovens maturacionalmente mais avançados tendem a ser promovidos, em detrimentos dos seus pares com ritmos biológicos mais lentos.*"

(Coelho e Silva, 2001, p. 63).

O poder discriminatório dos aspectos somáticos dos atletas tem sido confirmado em jogadores de Basquetebol de ambos os sexos e de diferentes escalões etários (Pinto, 2001).

É consensual a importância dada pelos treinadores às características antropométricas dos jogadores de Basquetebol, nomeadamente a sua estatura. Segundo Bennice (1976, cit. por Maia, 1993) a altura é considerada um indicador de selecção para jogadores de Basquetebol.

Minescu (1979, cit. por Maia, 1993), a partir da análise do jogo e opinião dos peritos, considera que na fase da selecção inicial (8-9 anos), valores elevados de altura e peso são considerados indicadores de selecção biológica do jogador de Basquetebol. Numa fase posterior (selecção secundária), o mesmo autor considera que entre os 14 e os 16 anos, as jogadoras bases do sexo feminino deverão apresentar uma estatura de 165 cm, os extremos deverão apresentar uma estatura de 172 cm e os postes uma estatura de 185 cm. No que diz respeito à envergadura, os seus valores deverão ser entre 6 a 8 cm superiores à altura.

Janeira (1988), com o intuito de definir o perfil morfológico do jogador de Basquetebol do sexo masculino da região do Grande Porto, no intervalo etário compreendido entre os 13 e os 15 anos, realizou um estudo com 165

indivíduos do sexo masculino, praticantes de Basquetebol, subdivididos em três grupos em função da idade. Este autor concluiu que o peso e a altura são, a este nível etário, determinantes para o rendimento em Basquetebol e que, de um modo geral, os atletas com maiores dimensões corporais são os mais eficazes nas diferentes situações do jogo.

Também Bompa (1990) considera que valores elevados de altura e envergadura são importantes como indicadores de selecção num desporto como o Basquetebol.

Fontoura (1991), com o objectivo de perceber quais as diferenças que se observam ao nível das dimensões corporais, somatótipo e níveis de força inferior (força veloz) em basquetebolistas com níveis diferenciados de rendimento, realizou um estudo com 60 atletas da categoria de cadetes, com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos. Do total da amostra, 20 indivíduos pertenciam a equipas que não foram apuradas para a fase final do campeonato regional do Porto, 16 jogadores a equipas apuradas para a fase final desse campeonato, 12 jogadores pertenciam à Selecção Regional do Porto (Grupo 1) e 12 à Selecção Nacional de Portugal (Grupo 2). Os grupos de maior rendimento (grupo 1 e grupo 2) obtiveram maiores dimensões corporais (peso, altura e dimensões a ela associadas), o que levou o autor a concluir, que essas características são de capital importância para a selecção dos atletas e para a obtenção de rendimentos de alto nível no jogo de Basquetebol.

Matos (1993), num estudo realizado com jogadores de Basquetebol do escalão de infantis masculinos, concluiu que os jogadores escolhidos para a Selecção Distrital da ABP apresentaram índices antropométricos mais elevados relativamente aos jogadores não seleccionados.

Podstawski (1994), num estudo realizado acerca dos indicadores mais importantes para a selecção de jovens para o Basquetebol, concluiu que a altura é dos indicadores mais utilizados neste processo.

Brandão (1995) num estudo realizado com 101 indivíduos praticantes de Basquetebol, do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, concluiu que não foram registadas diferenças ao nível das dimensões

somáticas. O somatótipo aparece em último lugar na hierarquia dos factores da *performance*.

No estudo realizado por Pinto (1995), a altura deu um contributo significativo na separação de dois grupos de níveis diferenciados de *performance*.

No caso particular do Basquetebol, os agentes de selecção atribuem uma considerável importância à altura como indicador de selecção. Essa preocupação acontece no Basquetebol português ao nível dos treinadores. Estes procuram jogadores de elevada estatura. A escolha da altura como indicador de selecção, encontra-se associada ao aproveitamento da componente vertical do espaço, que resulta da concentração de jogadores junto ao alvo, que se encontra situado a 3,05 metros de altura, e à proveniência de posses de bola a partir dos lançamentos falhados, através do ressalto (Coelho e Silva, 1995).

Também o peso aparece como indicador de selecção. A explicação dada por Coelho e Silva (1995) para este facto deve-se à necessidade de contacto corporal entre os jogadores para ganhar posições de ressalto, recepção ou defesa de uma linha de passe.

Nhantumbo (1999) realizou um estudo que teve como objectivos: 1) definir e interpretar o perfil somático, físico e fisiológico do basquetebolista sénior moçambicano, e 2) comparar do ponto de vista somático, físico e fisiológico de basquetebolistas de dois níveis de rendimento diferenciado. A amostra constou de 44 atletas do sexo masculino do escalão sénior, que participaram em provas oficiais da Associação de Basquetebol da Cidade de Maputo e da Federação Moçambicana de Basquetebol. Para a diferenciação do nível de rendimento dos atletas, o autor dividiu a amostra em dois grupos distintos (atletas da Selecção Nacional e atletas não-seleccionados). Este autor concluiu que o tamanho dos jogadores seleccionados é maior em relação aos não-seleccionados.

Coelho e Silva (2001) num estudo realizado com 210 infantis, praticantes de Basquetebol e com uma média de idade de 13,4 anos, concluiu que a altura

e a envergadura foram os factores mais discriminantes entre grupos. Este mesmo autor apresenta, no seu estudo, um quadro que faz referência às principais características antropométricas que devem ser tidas em conta aquando do processo de selecção de jogadores de Basquetebol.

Quadro 2.2.1.4. Características antropométricas a ter em consideração no processo de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)

Indicadores (testes)	Autores
Altura	Dragan (1979); Inglis (1980); Bosc (1985); Adelino (1995); Gonçalves (1995); Lima (1995)
Altura do MS elevado	Inglis (1980); Bosc (1985)
Altura sentado	Bosc (1985)
Peso	Inglis (1980); Bosc (1985); Gonçalves (1995); Lima (1995)
Comprimento dos MS	Dragan (1979); Inglis (1980)
Envergadura	Bosc (1985)
Comprimento dos membros	Gonçalves (1995)
Tamanho do pé	Bosc (1985)
Tamanho da mão	Bosc (1985)

Silva (2002), num estudo realizado com 126 atletas pertencentes a 12 equipas de iniciados masculinos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, concluiu que os jogadores e respectivas equipas com maiores dimensões somáticas apresentam melhores níveis de *performance*. Este autor refere a importância da detecção e selecção de jogadores fundamentalmente baseada num critério de "tamanho" dos atletas, e particularmente dirigida para a Altura.

Num desporto como o Basquetebol, a primeira selecção de jogadores baseia-se em aspectos físicos, fundamentalmente a altura. Segundo o PDTFEB, a selecção inicial dos jogadores tem por base o corpo e físico dos jogadores (procuram-se jogadores grandes). Os factores que os treinadores consideram mais importantes para um futuro jogador são os aspectos físicos e antropométricos. Parece evidente que os treinadores, primeiramente procuram aspectos não treináveis (Calvo, 2003).

2.2.1.5. Características Psicológicas

Podstawski (1994), num estudo realizado acerca dos indicadores mais importantes para a selecção de jovens para o Basquetebol, concluiu que as capacidades psicológicas são dos indicadores mais utilizados neste processo.

Segundo Elferink-Gemser et al. (2004), análises de carácter multidimensional do nível de *performance,* tendo em conta o género e a idade dos atletas, mostram que os jovens jogadores de elite apresentam melhores resultados do que os jovens jogadores de sub-elite ao nível das variáveis psicológicas.

Bompa (1990) considera a resistência ao *stress*, a inteligência táctica e o espírito de cooperação como sendo importantes indicadores de selecção para os jogadores de Basquetebol.

Nogueira (1999), num estudo realizado com 213 praticantes do sexo masculino de Basquetebol, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, concluiu que os atletas eram mais orientados para a tarefa do que para o ego.

São pouco os autores que fazem referência a características psicológicas como indicadores de selecção no Basquetebol. Coelho e Silva (2001) apresenta, no seu estudo, alguns indicadores importantes a ter em conta aquando do processo de selecção nesta modalidade (ver Quadro 2.2.1.5.).

Quadro 2.2.1.5. Características Psicológicas a ter em consideração no processo de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)

Indicadores	Autores
Ansiedade	Inglis (1980)
Atenção	Adelino (1995)
Auto-domínio	Gonçalves (1995)
Auto-estima	Gonçalves (1995)
Capacidade de aprendizagem	Gonçalves (1995)
Colectivismo	Adelino (1995)
Criatividade	Gonçalves (1995); Lima (1995)
Determinação	Adelino (1995)
Empenhamento no treino	Lima (1995)
Espírito colectivo	Lima (1995)
Espírito competitivo	Lima (1995)
Espírito de cooperação	Dragan (1979)
Espírito de iniciativa	Lima (1995)
Espírito de sacrifício	Adelino (1995); Lima (1995)
Gosto pelas tarefas defensivas	Lima (1995)
Gosto pelo risco	Lima (1995)
Liderança	Lima (1995)
Motivação	Adelino (1995); Lima (1995)
Perseverança	Gonçalves (1995)
Resistência ao insucesso	Gonçalves (1995)
Resistência ao *stress*	Dragan (1979); Lima (1995)
Resistência ao *stress* e a situações adversas	Lima (1995)
Sociabilidade e integração no grupo	Gonçalves (1995)
Questionário de personalidade para desportistas	Bosc (1985)

Segundo o PDTFEB, a selecção inicial dos jogadores, para além dos aspectos físicos, tem por base outras qualidades que não são treináveis como sejam a criatividade, a intuição e uma boa atitude. Os aspectos psicológicos aparecem em segundo plano juntamente com os aspectos técnico-tácticos no que toca à importância dada pelos treinadores para um futuro jogador de Basquetebol. O que os treinadores mais valorizam num jogador é a sua competitividade, o seu desejo de aprender e o esforço por melhorar (Calvo, 2003).

O mesmo autor apresenta um conjunto de características necessárias para um futuro jogador de Basquetebol: 1) capacidade de jogo; 2) criatividade; 3) capacidade de perceber e compreender correctamente; 4) capacidade de sacrifício na defesa; 5) jogar com e para a equipa; 6) capacidade de aprendizagem. As mais valorizadas, por ordem de importância são as seguintes: (i) capacidade de perceber e compreender correctamente; (ii) capacidade de jogo; (iii) criatividade; e (iv) capacidade de aprendizagem.

2.2.1.6. Conhecimento do Jogo

Segundo vários autores, do elevado número de variáveis que podem influenciar a capacidade de decisão, o conhecimento do jogo parece contribuir positivamente no que toca à qualidade da capacidade de decisão dos basquetebolistas, sendo também responsável por diferenças individuais ao nível do rendimento (Kerr et al., 1992; Williams et al., 1993; Thomas, 1994; Pinto, 1995; French e Housne, 1994).

Segundo o PDTFEB, a selecção inicial dos jogadores tem por base, não só indicadores de ordem física e psicológica, mas também relacionados com a compreensão do jogo (Calvo, 2003).

Pinto, num estudo realizado em 1995, concluiu que o conhecimento do jogo se apresenta como a variável de maior valor preditivo no valor dos sujeitos. O teste de conhecimento do jogo apresentou sensibilidade suficiente para discriminar grupos distintos.

Rodrigues (1998) realizou um estudo no âmbito do Basquetebol e utilizou o teste validado por Pinto (1995) para perceber as diferenças ao nível do conhecimento declarativo do jogo entre jogadores federados e jogadores do desporto escolar. Este autor concluiu que os jogadores federados apresentam um conhecimento declarativo superior quando comparados com os jogadores do desporto escolar, verificando-se as maiores diferenças ao nível das questões tácticas.

Alguns autores têm feito referência a indicadores de selecção no âmbito do conhecimento do jogo em jogadores de Basquetebol. Coelho e Silva (2001) apresenta, no seu estudo, alguns desses indicadores:

Quadro 2.2.1.6. O Conhecimento do Jogo como Indicador de selecção em Basquetebol (Adaptado de Coelho e Silva, 2001)

Indicadores (testes)	Autores
Inteligência táctica	Dragan (1979)
Inteligência	Adelino (1995)
Inteligência prática	Gonçalves (1995)
Leitura de jogo	Adelino (1995)

2.2.2. Avaliação da *Performance* Desportiva em Basquetebol

Uma vez que a *performance* apresenta uma estrutura multidimensional, os caminhos da sua pesquisa necessitam obrigatoriamente de ser percorridos a partir de abordagens pluridisciplinares. A avaliação dos factores que influenciam a *performance* podem não só identificar o potencial dos jogadores, como também, permitir destacar os indicadores de *performance* que merecem um destaque especial aquando da planificação do treino (Pinto, 2001)

A busca de factores associados à *performance*, tem levado estudiosos a utilizar diversas formas de observação e de análise em JDC que lhes permitem conhecer e identificar os factores que originam o sucesso competitivo. Estas formas de observação são abordadas em três grandes áreas de estudo: 1ª - o uso de Sistemas Estatísticos, constituídos por acções como: lançamentos tentados e convertidos, os ressaltos ofensivos e defensivos, as faltas cometidas e sofridas, as assistências, os desarmes de lançamento, os "roubos" de bola e as perdas de bola; 2ª - a realização de Inquéritos a treinadores e atletas, procurando conhecer as variáveis com maior valor preditivo, verificar os processos e métodos de selecção e conhecer os factores e indicadores de selecção utilizados pelos treinadores na selecção dos atletas; 3ª - a Avaliação das Características Somáticas, Aptidão Física Geral e Habilidades Motoras Específicas dos atletas, procurando apresentar um conjunto de indicadores e de factores que possibilitem diferenciar o rendimento dos atletas (Freitas, 2005).

Segundo Sampaio (1997), Amorim (1999) e Cura (2001a; 2001b), as abordagens fundamentais ao estudo do Basquetebol têm-se centrado nos domínios do jogador e do jogo. No âmbito destes dois domínios, grande parte da investigação tem recorrido à avaliação da técnica em situação analítica e à observação de situações reais de jogo.

Quando jogadores de níveis competitivos diferentes são comparados na base das suas características de *performance*, é esperado, que os jogadores de nível superior suplantem os resultados dos jogadores de nível inferior. De qualquer forma, esta situação não se aplica necessariamente entre jogadores

com o mesmo nível competitivo, isto é, entre jogadores de elite e de sub-elite. Estes grupos de talentos, de forma geral, são relativamente homogéneos, no entanto, podem apresentar variâncias ao nível da sua *performance* (Gemser e Gemser, 2005).

Segundo Bangsbo e Lindquist (1992), as medidas de carácter geral, medidoras dos níveis de *performance* dos atletas, não são, geralmente, sensíveis para detectar diferenças entre jogadores de elite e jogadores de sub-elite. Assim, os testes aplicados devem medir as componentes específicas inerentes a determinada modalidade desportiva, envolvendo assim, as variáveis específicas desse mesmo desporto (Atkinson e Nevill, 2001).

Segundo Williams e Reilly (2000), os jogadores deverão ser monitorizados durante um prolongado período de tempo, para que se possa compreender, quais os factores que contribuem para altos níveis de *performance*.

Na investigação ao nível de *performance* diferencial de jogadores, um dos principais assuntos, diz respeito à tentativa de identificar as suas características individuais, com o propósito de optimizar essa mesma *performance*. No caso particular do Basquetebol, a avaliação da *performance* dos atletas tem sido bastante elogiada por diferentes especialistas e investigadores (Maia, 1993; Janeira, 1994; Pinto, 1995; Brandão, 1995).

2.2.2.1. Instrumentos mais utilizados

No Quadro 2.2.2.1. são apresentados os instrumentos que têm sido mais utilizados quando da avaliação da *performance* desportiva em Basquetebol.

Quadro 2.2.2.1. Instrumentos que têm sido mais utilizados aquando da avaliação da *performance* desportiva em Basquetebol

Instrumento	Objecto de avaliação
Bateria AAHPERD (Kirkendall et al., 1987) específica para o Basquetebol	Avaliação da técnica em situação analítica.
Observação do jogo ("estatísticas do jogo")	Estudo da *performance* desportivo-motora.
Games Performance Assessment Instrument (GPAI)	Permite medir as componentes individuais da *performance* no jogo com bola (tomadas de decisão e execução das habilidades) e sem bola (acções de apoio e/ou acções de defesa).

O procedimento mais utilizado para a avaliação da técnica tem sido as baterias de testes (Cura, 2001a; Cura, 2001b). A bateria AAHPERD específica para o Basquetebol (Kirkendall et al., 1987) tem sido a mais utilizada para a avaliação da técnica de jogadores de Basquetebol em situação analítica. Esta bateria tem como finalidade avaliar: 1) a velocidade de execução e qualidade dos deslocamentos em deslizamento lateral; 2) a velocidade de execução e controlo do drible com mudanças de direcção; 3) a precisão e velocidade de execução do lançamento ao cesto; 4) a precisão e velocidade de execução do passe contra a parede.

Esta bateria apresenta uma grande limitação, uma vez que encerra em si uma descontextualização profunda da estrutura funcional do jogo (Moreno, 1988). Segundo Brandão (2001), os testes que compõem a bateria estão desactualizados na sua forma global, uma vez que são testes isolados, que tratam de forma semelhante indicadores ofensivos e defensivos, não apresentando qualquer tipo de interligação entre os indicadores, tornando-se portanto numa avaliação extremamente simplista e de difícil interpretação global. Para além de todas estas lacunas, a sua aplicação é bastante morosa e pouco motivante para os atletas que a realizam.

Segundo Bastieans (2006), as baterias de testes devem ser simples, altamente seguras e válidas, e devem diferenciar jogadores com base nos traços herdados que não podem ser modificados com o treino.

No estudo da *performance* desportivo - motora, a observação do jogo, tem-se revelado um instrumento de grande importância (Janeira, 1999, cit. por Silva, 2004). Segundo Sampaio (1997; 2000), Janeira (1998), Sampaio e Janeira (1999), a análise do jogo em Basquetebol tem centrado a sua atenção na análise quantitativa a partir das chamadas "estatísticas do jogo", isto é, a partir de indicadores técnico-tácticos. Janeira (1998) afirma que através das "estatísticas do jogo", tem sido possível inferir aspectos qualitativos da dimensão técnico-táctica do jogo e dos jogadores.

Oslin et al. (1998) conceberam um sistema multidimensional para medir a *performance* no jogo, que designaram de GPAI (*Games Performance Assessment Instrument*). Este instrumento permite medir as componentes individuais da *performance* no jogo com bola (tomadas de decisão e execução das habilidades) e sem bola (acções de apoio e/ou acções de defesa), permitindo ao utilizador estabelecer critérios de avaliação e análise próprios, em função dos objectivos por ele definidos. Este instrumento aparece como uma alternativa aos testes de habilidades técnicas e às análises quantitativas dos jogos ("estatísticas de jogo"), permitindo análises qualitativas dos comportamentos em situação de jogo. Desta forma, o valor real da *performance* torna-se mais autêntico, uma vez que não se centra apenas no nível de decisão e execução técnica dos atletas com bola, como também, no seu desempenho sem bola, isto é, em tarefas de apoio ofensivo e defensivo.

A problemática da selecção de talentos tem gerado em técnicos e investigadores, dúvidas quanto à eficácia dos procedimentos metodológicos utilizados na escolha de jogadores que proporcionem garantias de melhores resultados em competições importantes (Ramos e Tavares, 2000).

No estudo realizado por Ramos e Tavares (2000), o instrumento mais utilizado pelos técnicos brasileiros foi a observação do atleta no jogo. De seguida o instrumento mais utilizado foi a observação no treino. Estes dois

instrumentos, segundo Maia (1993) podem ser classificados como sendo métodos subjectivos de selecção desportiva.

Segundo os mesmos autores, os resultados parecem evidenciar que o processo de selecção de jovens atletas de Basquetebol está centrado fundamentalmente em tomadas de decisão dos técnicos. Estas tomadas de decisão são resultado de procedimentos subjectivos e assistemáticos de selecção desportiva.

3. Material e Métodos

3.1. Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo é constituída por 59 jogadoras de Basquetebol, pertencentes ao escalão de Cadetes Femininos, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, na época desportiva de 2006/2007. Esta amostra encontra-se subdividida em dois grupos distintos: o grupo Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e o grupo Selecções Distritais (SD), este último composto por jogadoras de selecções de quatro distritos com expressão significativa no Basquetebol de formação no sector feminino em Portugal, e que são: Porto, Aveiro, Coimbra e Setúbal.

Quadro 3.1. Número de jogadoras (n) total e nos dois grupos (CARC e SD)

	CARC	SD	Total
n	12	47	59

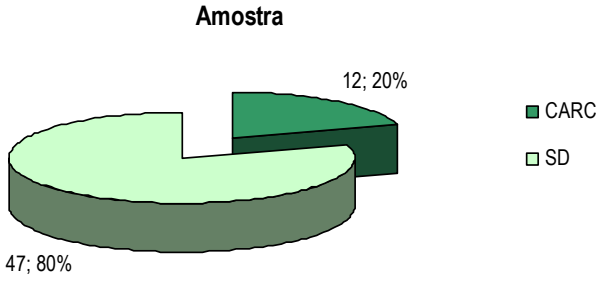


Figura 3.1. Representação Gráfica do número de jogadoras total e nos dois grupos

3.2. Procedimentos Metodológicos

3.2.1. Anos de Prática e Idade

Os anos de prática e a idade foram questionados às atletas antes da aplicação dos testes.

3.2.2. Aptidão Física

Para avaliação da Força Muscular Inferior, da Agilidade e da Resistência, utilizámos a bateria de testes AAHPERD (Kirkendall, 1987). Para a avaliação da Força Superior e da Velocidade utilizámos a bateria *Fitnessgram*.

Para a avaliação da Resistência, utilizámos o *Yo-yo Intermittent Endurance Test* (Bangsbo, 1996).

Quadro 3.2.2. Componentes da Aptidão Física e testes específicos utilizados para a sua avaliação

Componentes	Testes Específicos
Força Superior	*Push-up's*
Força Média/Abdominal	*Sit-up's*
Força Inferior	*Standing Long Jump*
Agilidade	*Shuttle Run*
Velocidade	Teste de 20 metros
Resistência Aeróbia	*Yo-yo Intermittent Endurance Test*

3.2.3. Habilidades Técnicas

Para a avaliação das habilidades técnicas foi utilizada a bateria AAHPERD (Kirkendall, 1987) aplicável especificamente ao Basquetebol. Esta bateria permite medir os seguintes indicadores técnicos: 1) passe; 2) drible; 3) lançamento; e 4) deslizamento defensivo.

3.2.4. Dimensões Somáticas

As medidas antropométricas das atletas foram avaliadas a partir da recolha da altura e envergadura, expressa em centímetros, e do peso, expresso em gramas.

3.2.5. Aspectos Psicológicos

Para a avaliação da componente psicológica das atletas, foram utilizados dois questionários: o teste de Perfil Psicológico de Prestação (PPP) (Loher, 1986) e o teste de Orientação Cognitiva para a Tarefa e para o Ego no Desporto (TEOSQp), que é uma versão traduzida e adaptada do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ; Duda e Nicholls, 1989).

O teste de PPP permite avaliar sete variáveis de prestação: 1) auto-confiança; 2) negativismo; 3) atenção; 4) motivação; 5) visualização; 6) positivismo; 7) atitude competitiva. É constituído por 42 perguntas, seis por

cada variável. Para cada uma das perguntas existem cinco respostas possíveis: quase sempre; frequentemente; às vezes; raramente e quase nunca. As respostas são qualificadas de 1 a 5 pontos. O somatório para cada variável tem o valor máximo de 30 pontos, sendo este definido como ideal. Na variável "pensamentos negativos" a interpretação da escala é feita em sentido inverso, isto é, o valor máximo significa que o atleta não possui pensamentos negativos ou que os controla, tal como promovidos pelos programas de treino mental (Vasconcelos Raposo, 1993). A interpretação deste teste foi feita de acordo com os seguintes critérios: valores até 19 pontos representam uma fragilidade psicológica que se traduz na inconsistência de prestação e, consequentemente, identificam a necessidade de uma intervenção imediata. Entre 20 a 25, os atletas, de alguma maneira, preparam-se mentalmente, mas não de uma forma eficaz e consistente sendo a inconsistência prestativa uma das suas características. Os valores iguais ou superiores a 26 significam que neste parâmetro os atletas têm uma preparação psicológica adequada. A consistência prestativa tende a ser obtida quando em todos os parâmetros os atletas apresentam valores superiores a 26. Para os "pensamentos negativos", quanto maior for o valor do teste menor é a prevalência destes.

Quadro 3.2.5. Correspondência entre valores e seu significado (Loehr, 1986)

Valores	Significado
26-30	Excelentes *skills* psicológicos, representativos de uma preparação sistemática
20-25	Atletas que se preparam mentalmente para as competições, no entanto não o fazem de forma sistemática
≤ 19	Representativo de uma preparação mental muito fraca ou inexistente

O teste de Orientação para a Tarefa e para o Ego no Desporto (TEOSQp) é constituído por uma lista de 13 afirmações relativas ao sucesso no desporto, isto é, aos objectivos de realização perseguidos pelos indivíduos no âmbito da sua prática desportiva. As afirmações agrupam-se em duas dimensões: orientação para o Ego ("quando me sinto mais bem sucedido é quando ganho") e orientação para a Tarefa ("quando me sinto mais bem sucedido é quando faço o meu melhor"). Para o preenchimento do TEOSQp é solicitado aos sujeitos que indiquem a sua concordância relativamente ao modo como cada uma delas se aplica a si, numa escala de *Likert* de 5 pontos (de

1=discordo totalmente a 5=concordo totalmente). Através dos valores indicados pelos atletas é possível verificar a intensidade com que se orientam para cada uma das dimensões consideradas: Ego e Tarefa.

3.2.6. Conhecimento Declarativo do Jogo

O conhecimento declarativo do jogo foi avaliado a partir do Teste de Teórico de Basquetebol (Pinto, 1995). Este teste compreende os seguintes aspectos do jogo: 1) Técnica individual ofensiva (5 questões) e defensiva (2 questões); 2) Táctica individual, de grupo e colectiva (22 questões); e 3) Regulamento (5 questões).

O teste foi cotado para que a soma da cotação do total de perguntas perfizesse 100%, atribuindo igual classificação a cada uma das perguntas.

A aptidão física, as habilidades técnicas e as medidas antropométricas foram avaliadas nos pavilhões dos respectivos clubes, em horário de treino.

O teste de PPP, o teste TEOSQp e o Teste Teórico de Basquetebol foram administrados às atletas no final dos treinos.

3.3. Procedimentos Estatísticos

Para a descrição da amostra recorremos aos valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão).

Para o tratamento dos dados foi utilizado o programa *SPSS 14.0*. A identificação da diferença de médias entre os grupos considerados na amostra e para as variáveis em análise foi realizada a partir do t - teste de medidas independentes.

O nível de significância foi mantido em 5%.

3.4. *Instrumentarium*

Os Quadros 3.4.2., 3.4.3. e 3.4.4. expressam o material utilizado na aplicação dos diferentes testes.

3.4.1. Anos de Prática e Idade

Os anos de prática e a idade foram registados na folha de registo dos testes.

3.4.2. Aptidão Física

Quando 3.4.2. Material utilizado na aplicação dos diferentes testes

Teste	Material
Push-up's	1 cronómetro
Sit-up's	1 cronómetro
Standing Long Jump	1 fita métrica com 20 metros de comprimento
Shuttle Run	4 blocos de Madeira; 2 cronómetros
20 metros	2 cronómetros
Yo-yo Intermittent Endurance Test	1 áudio-gravador; 1 apito

3.4.3. Habilidades Técnicas

Quando 3.4.3. Material utilizado na aplicação dos diferentes testes

Teste	Material
Passing	6 alvos; 1 bola; 1 cronómetro; 1 fita métrica
Control Dribble	1 bola; 6 cones; 1 cronómetro
Speed Shot Shooting	1 bola; 1 tabela; 1 cronómetro
Defensive Movement	1 cronómetro

3.4.4. Dimensões Somáticas

Quando 3.4.4. Material utilizado na medição das características antropométricas

Medidas antropométricas	Material
Altura	Fita métrica com 20 metros de comprimento
Peso	Balança digital *Jata Hogar* (100g de graduação)
Envergadura	Fita métrica com 20 metros de comprimento

4. Apresentação dos Resultados

4.1. Anos de Prática e Idade

O Quadro 4.1. expressa os resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para os Anos de Prática e Idade das jogadoras.

Quadro 4.1. Resultados da comparação de médias dos Anos de Prática e Idade entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Anos de Prática	5,75	2,454	5,89	2,705	-0,167	0,868
Idade (anos)	14,25	0,62	14,60	0,50	-2,045	0,045*

A análise do quadro anterior evidencia diferenças estatisticamente significativas na idade das jogadoras, sendo as do CARC mais jovens do que as das SD.

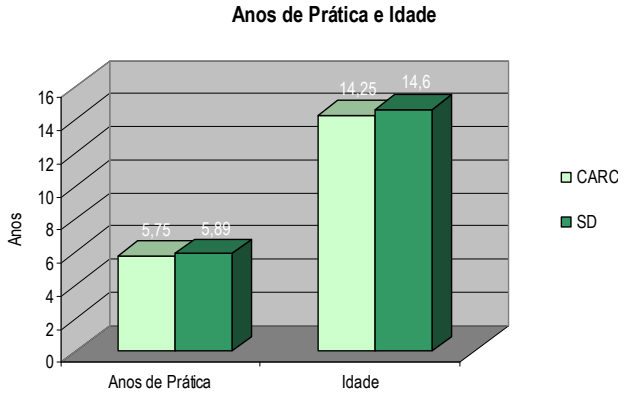


Figura 4.1. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.1.

4.2. Aptidão Física

O Quadro 4.2. refere-se aos resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para as variáveis da aptidão física das jogadoras (Força Superior e Média, Potência dos MI, Agilidade, Velocidade e Resistência Aeróbia.

Quadro 4.2. Resultados da comparação de médias das variáveis da Aptidão Física entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Força Superior (rps)	7,42	7,692	12,3	6	-2,372	0,021*
Força Média (rps)	31,58	6,288	31,13	6,752	0,211	0,833
Potência MI (m)	1,82	0,16	1,69	0,195	2,124	0,038*
Agilidade (seg)	10,9	1	10,37	0,943	1,707	0,093
Velocidade (seg)	4,08	0,241	3,86	0,319	2,178	0,034*
Resistência (percursos)	12,17	4,951	8,72	2,560	2,331	0,037*

Através da análise do quadro precedente, é possível constatar que existem diferenças estatisticamente significativas nas seguintes variáveis: Força Superior, Potência dos MI, Velocidade e Resistência. As jogadoras do CARC apresentam níveis superiores de potência dos MI e de resistência relativamente às jogadoras das SD. Pelo contrário, as jogadoras das SD apresentam níveis mais elevados de força superior e são mais rápidas, do que as do CARC.

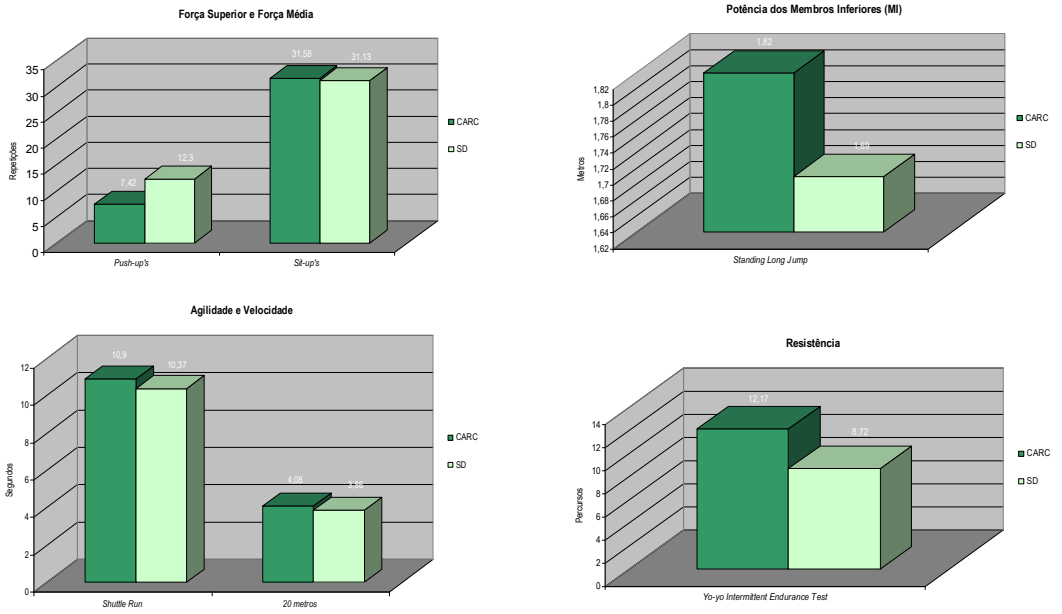


Figura 4.2. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.2.

4.3. Habilidades Técnicas

No Quadro 4.3. encontram-se representados os resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para as Habilidades Técnicas das jogadoras (Lançamento, Passe, Drible e Deslizamento Defensivo).

Quadro 4.3. Resultados da comparação de médias das Habilidades Técnicas entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Lançamento (pts)	37,83	4,840	33,72	4,557	2,754	0,008*
Passe (pts)	87,75	6,784	78,70	7,923	3,625	0,001*
Drible (seg)	19,22	1,099	18,22	1,155	2,707	0,009*
Deslizamento Defensivo (seg)	22,44	1,925	20,05	1,69	4,242	0,000*

A observação do quadro anterior evidencia diferenças estatisticamente significativas em todas as habilidades técnicas (lançamento, passe, drible e deslizamento defensivo). As jogadoras do CARC apresentam resultados superiores no lançamento e no passe relativamente às jogadoras das SD. Pelo contrário, as jogadoras das SD são mais rápidas na execução do drible e do deslizamento defensivo do que as jogadoras do CARC. As maiores diferenças verificam-se no passe e no deslizamento defensivo.

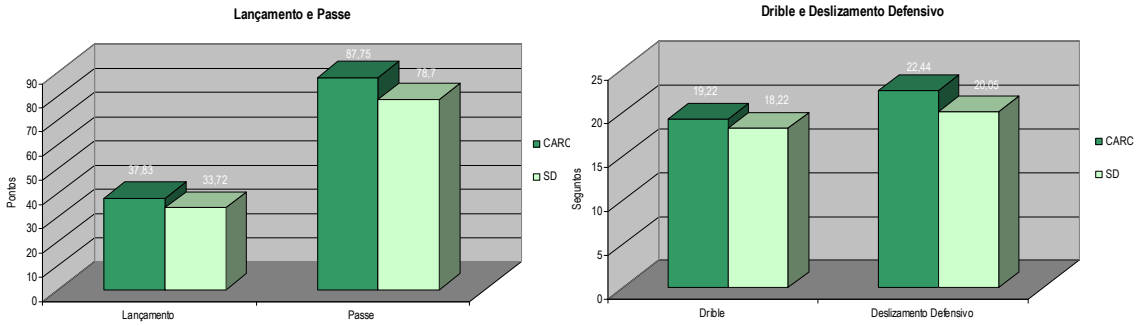


Figura 4.3. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.3.

4.4. Dimensões Somáticas

O Quadro 4.4. apresenta os resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para as seguintes medidas antropométricas das jogadoras: peso, altura e envergadura.

Quadro 4.4. Resultados da comparação de médias das medidas antropométricas entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Peso (Kg)	67,40	11,91	59,22	7,766	2,899	0,005*
Altura (cm)	174	7,1	167	6,5	3,132	0,003*
Envergadura (cm)	175	8	165	7,1	4,364	0,000*

A análise do quadro 4.4. evidencia diferenças estatisticamente significativas em todas as medidas antropométricas (peso, altura e envergadura). As jogadoras do CARC apresentam valores médios superiores nas três dimensões somáticas avaliadas, sendo, portanto, mais pesadas, mais altas e possuidoras de uma maior envergadura do que as jogadoras das SD. A maior diferença acontece ao nível da envergadura.

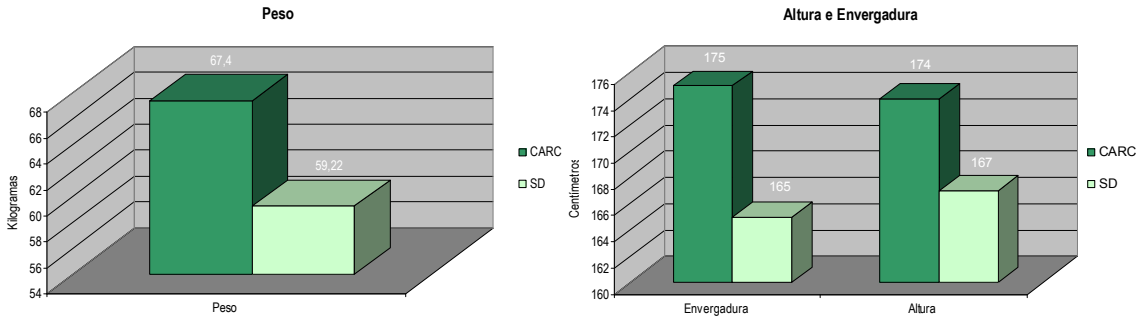


Figura 4.4. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.4.

4.5. Características Psicológicas

4.5.1. Perfil Psicológico de Prestação

O Quadro 4.5.1. expressa os resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para as variáveis do PPP das jogadoras (Auto-confiança, Pensamentos Negativos, Atenção, Visualização, Motivação, Pensamentos Positivos e Atitude Competitiva).

Quadro 4.5.1. Resultados da comparação de médias das variáveis do PPP entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Auto-confiança	18,25	2,261	22,45	4,544	-4,511	0,000*
Pensamentos Negativos*	16,58	2,968	19,66	3,396	-2,867	0,006*
Atenção	17,58	2,466	21,70	2,458	-5,178	0,000*
Visualização	17,75	4,434	19,98	4,336	-1,582	0,119
Motivação	16,25	4,770	24,23	3,552	-6,466	0,000*
Pensamentos Positivos	17,75	4,159	22,55	2,947	-3,767	0,002*
Atitude Competitiva	18,25	3,646	21,83	3,841	-2,909	0,005*

Analisando o quadro anterior, é possível verificar diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis do PPP excepto na Visualização. As jogadoras das SD apresentam resultados superiores em todas as variáveis comparativamente com as jogadoras do CARC, sendo mais auto-confiantes, menos negativas*, mais atentas, mais motivadas, mais positivas e possuidoras de uma maior atitude competitiva. As maiores diferenças verificam-se nas seguintes variáveis: auto-confiança, atenção e motivação.

* Na variável "pensamentos negativos" a interpretação da escala é feita em sentido inverso, isto é, o valor máximo significa que o atleta não possui pensamentos negativos ou que os controla.

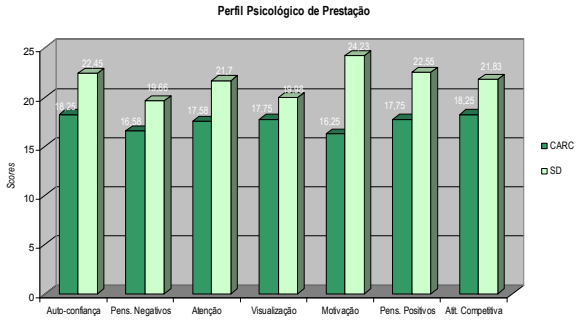


Figura 4.5.1. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.5.1.

4.5.2. Orientação para a Tarefa e para o Ego no Desporto

O Quadro 4.5.2. refere-se à comparação dos valores relativos à Orientação para a Tarefa e para o Ego entre os dois grupos (CARC e SD).

Quadro 4.5.2. Resultados da comparação de médias do teste de orientação para a tarefa e para o ego, entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
Ego	2,22	0,70	2,50	0,95	-0,934	0,354
Tarefa	4,37	0,50	4,16	0,59	1,106	0,273

Não são evidentes, no quadro 4.5.2., diferenças estatisticamente significativas nas duas variáveis de orientação cognitiva (Ego e Tarefa). No entanto, é possível constatar, que as jogadoras pertencentes ao CARC são mais orientadas para a Tarefa e menos orientadas para o Ego quando comparadas com as jogadoras pertencentes às SD.

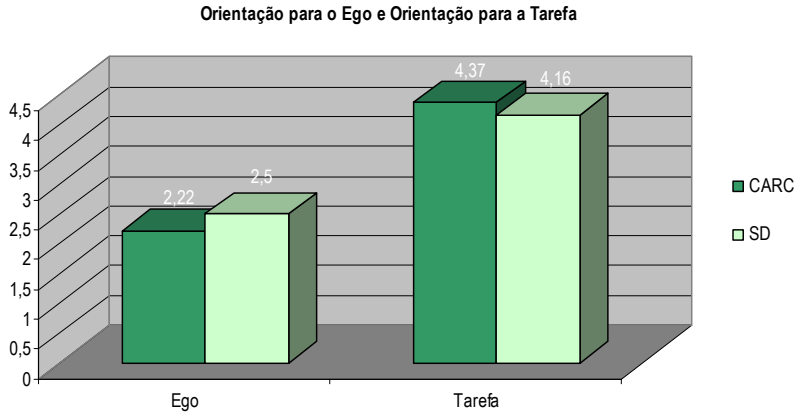


Figura 4.5.2. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.5.2.

4.6. Conhecimento Declarativo do Jogo

No Quadro 4.6. encontram-se representados os resultados da comparação de médias entre o CARC e as SD para o conhecimento declarativo do jogo (Teste Teórico de Basquetebol).

Quadro 4.6. Resultados da comparação de médias do Teste Teórico de Basquetebol (TTB) entre o CARC e as SD

	CARC		SD		t	p
	$\bar{X}$	dp	$\bar{X}$	dp		
TTB (%)	57,11	9,589	52,69	13,75	1,046	0,300

A análise do quadro anterior não evidencia diferenças estatisticamente significativas no teste teórico de Basquetebol. No entanto, as jogadoras do CARC apresentam uma média superior comparativamente com as jogadoras das SD.

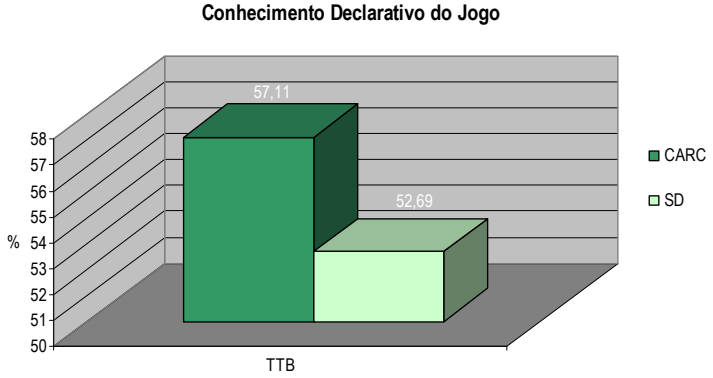


Figura 4.6. Representação Gráfica dos resultados apresentados no quadro 4.6.

Relativamente à média dos Anos de Prática e da Idade, as jogadoras pertencentes ao CARC apresentam menos anos de prática e menos idade relativamente às jogadoras das SD.

No que diz respeito à Aptidão Física, as jogadoras pertencentes ao CARC apresentam melhores resultados médios no que diz respeito à Força Média, à Potência dos MI e à Resistência Aeróbia, relativamente às jogadoras pertencentes às SD. As jogadoras pertencentes às SD apresentam melhores resultados médios no que diz respeito à Força Superior, à Agilidade e à Velocidade.

Nas habilidades Técnicas, as jogadoras do CARC apresentam melhores resultados ao nível do Lançamento e do Passe comparativamente com as jogadoras das SD. Estas, por sua vez, apresentam melhores resultados no Drible e no Deslizamento Defensivo, sendo mais rápidas na sua realização dos que as jogadoras do CARC. Esta situação não surpreende, uma vez que as jogadoras das SD apresentaram melhores resultados nos testes de Agilidade e Velocidade, referentes à aptidão física.

As jogadoras do CARC apresentam Medidas Antropométricas superiores quando comparadas com as jogadoras das SD.

As jogadoras das SD apresentam melhores resultados em todas as variáveis que constituem o PPP

Relativamente ao Conhecimento Declarativo do Jogo, as jogadoras do CARC apresentam melhores resultados quando comparadas com as jogadoras das SD.

Concluindo, as jogadoras do CARC são mais jovens; apresentam níveis superiores de força média, potência dos MI e resistência aeróbia; são melhores ao nível do lançamento e do passe; são mais pesadas, mais altas e possuidoras de uma maior envergadura; são mais orientadas para a tarefa e menos orientadas para o ego; e, finalmente, possuem um melhor conhecimento declarativo do jogo, quando comparadas com as jogadoras das SD. Todas estas variáveis apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os

dois grupos, exceptuando a força média, a orientação cognitiva e o conhecimento declarativo do jogo.

As jogadoras das SD apresentam mais anos de prática; apresentam níveis superiores de força superior, agilidade e velocidade; são melhores ao nível do drible e do deslizamento defensivo; e, finalmente, apresentam resultados superiores em todas as variáveis constituintes do PPP. Todas estas variáveis apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, exceptuando os anos de prática, a agilidade e a visualização.

O Quadro 4.7. expressa a hierarquia das variáveis com poder discriminatório entre os dois grupos.

Quadro 4.7. Hierarquia das variáveis discriminadoras para os dois grupos (CARC e SD)

CARC	SD
	Deslizamento Defensivo (p=0,000)
Envergadura (p=0,000)	Auto-confiança (p=0,000)
Passe (p=0,001)	Atenção (p=0,000)
Altura (p=0,003)	Motivação (p=0,000)
Peso (p=0,005)	Pensamentos Positivos (p=0,002)
Lançamento (p=0,008)	Atitude Competitiva (p=0,005)
Resistência aeróbia (p=0,037)	Pensamentos Negativos (p=0,006)
Potência dos MI (p=0,038)	Drible (p=0,009)
Idade (p=0,045)	Força superior (p=0,0219)
	Velocidade (p=0,034)

Através da análise do quadro 4.7. é possível constatar que os resultados apontaram, para o grupo do CARC, a envergadura como sendo a variável de maior poder discriminatório entre grupos. No 2º grupo (SD) foram detectadas quatro variáveis com um elevado poder discriminatório: deslizamento defensivo, auto-confiança, atenção e motivação.

A importância das variáveis para separar os sujeitos apresentou a seguinte hierarquia: 1) Envergadura, Deslizamento Defensivo, Auto-confiança, Atenção e Motivação; 2) Passe; 3) Pensamentos Positivos; 4) Altura; 5) Peso e Atitude Competitiva; 6) Pensamentos Negativos; 7) Lançamento; 8) Drible; 9) Força superior; 10) Velocidade; 11) Resistência aeróbia; 12) Potência dos MI; e 13) Idade.

As restantes variáveis em estudo (Anos de prática, Força Média, Agilidade, Visualização, Orientação para o Ego, Orientação para a Tarefa e Conhecimento Declarativo do Jogo) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas.

5. Discussão dos Resultados

O presente estudo apresenta como objectivos fundamentais perceber quais as diferenças verificadas ao nível de diferentes factores da selecção em Basquetebol, como sejam os anos de prática, a idade, a aptidão física, as habilidades técnicas, as características antropométricas, as características psicológicas e o conhecimento declarativo do jogo, entre as jogadoras pertencentes ao Centro de Alto Rendimento de Calvão (CARC) e as jogadoras pertencentes às seguintes Selecções Distritais (SD): Aveiro, Coimbra, Porto e Setúbal.

5.1. Anos de Prática e Idade

O Quadro 5.1. apresenta os estudos que têm sido realizados no âmbito do Basquetebol acerca da influência dos Anos de Prática e da Idade na *Performance* do jogador de Basquetebol.

Quadro 5.1. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol acerca dos Anos de Prática e Idade

Autores	Resultados do Estudo	
Bosc (1985, cit. por Maia, 1993)	Idade → indicador de selecção	Amostra: 758 rapazes; 654 raparigas (11-14 anos)
Mendes (1999)	Os valores dos parâmetros cinemáticos da posição básica defensiva apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os jogadores com diferentes anos de prática.	Amostra: 21 jogadores do escalão de iniciados masculinos
Rocha (2000)	Principais conclusões: 1. Os jogadores com mais anos de prática são aqueles que apresentam um superior nível de execução das habilidades técnicas ofensivas. 2. O deslizamento defensivo registou melhores resultados no grupo com menos anos de prática. 3. O tempo de prática dos jovens jogadores é um importante critério para o seu desempenho técnico individual, em relação aos aspectos ofensivos.	Amostra: 145 jovens jogadores do escalão de iniciados masculinos (12-14 anos de idade)
Silva (2002)	Principais conclusões: 1. Os jogadores e respectivas equipas com maior experiência na modalidade, apresentam melhores níveis de *performance*. 2. Confirma-se que os anos de prática da modalidade são um factor importante para a aquisição de níveis de *performance* superiores.	Amostra: 126 atletas pertencentes ao escalão de iniciados masculinos (12-14 anos de idade).
Presente Estudo	Principais resultados: 1. A idade apresenta-se como um factor que diferencia os dois grupos, sendo as jogadoras do CARC mais jovens do que as jogadoras das SD. 2. O mesmo não se verifica relativamente aos anos de prática, sendo que, apesar das jogadoras pertencentes às SD terem apresentado uma média superior à das jogadoras do CARC, essa diferença não se apresentou estatisticamente significativa.	Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

Como é possível constatar através da análise do quadro acima apresentado, são escassos os estudos que dissertam sobre a Idade como factor de selecção. De facto, crê-se que somente estudos longitudinais, cuja avaliação seja iniciada em escalões jovens, poderá apresentar dados mais fiáveis da eventual influência do factor idade como indicador de selecção em Basquetebol. No presente estudo, este indicador apresenta diferenças significativas entre CARC e SD (p=0.045). Assim, as jogadoras pertencentes ao CARC são mais jovens do que as jogadoras das SD. Parece lógico que as jogadoras do CARC ao serem mais jovens apresentem, também, menos anos de prática. Estes resultados vão de encontra ao estudo realizado por Bosc (1985, cit. por Maia, 1993), em que o autor concluiu que a idade pode ser considerada um indicador de selecção em Basquetebol.

A maior parte dos estudos realizados, no âmbito do Basquetebol, relacionam os anos de prática com os níveis de *performance*, nomeadamente, com as habilidades técnicas. No presente estudo não foram contrastados os anos de prática ou a idade com outras variáveis determinantes da *performance* desportivo-motora. No entanto, estes dois factores foram somente considerados como possíveis indicadores de selecção em Basquetebol. Visto que, para além do factor “Anos de Prática”, foi avaliado um vasto conjunto de indicadores de *performance*, pode ser realizada uma interpretação dos resultados, comparando-os com os resultados dos estudos apresentados no Quadro 5.1.

Analisando os resultados do presente trabalho, foi possível constatar que as jogadoras pertencentes às SD apresentam, em média, mais anos de prática quando comparadas com as jogadoras de nível superior (CARC). Contudo, a diferença verificada entre os dois grupos de níveis de *performance,* teoricamente diferenciados, não se apresenta como estatisticamente significativa (p=0.868). Relativamente à variável Anos de Prática, o presente estudo não evidenciou diferenças significativas entre os dois grupos em análise (p=0,868). Os resultados apresentados por Silva (2002) demonstram que, de facto, jogadores com maior experiência na modalidade apresentam melhores níveis de *performance*, considerando os anos de prática, um factor importante

para a aquisição de níveis de *performance* superiores. Também nos estudos realizados por Mendes (1999) e Rocha (2000) parece evidente uma associação positiva entre os anos de prática dos jogadores de Basquetebol e o seu desempenho. No estudo realizado por Mendes (1999), esta associação é visível através dos resultados observados, os quais demonstram uma clara influência dos anos de prática nos valores dos parâmetros cinemáticos da posição básica defensiva. No estudo realizado por Rocha (2000) quanto mais anos de prática possui o jogador melhor o seu desempenho na execução das habilidades técnicas ofensivas.

A razão pela qual as jogadoras foram escolhidas para o Centro de Alto Rendimento de Calvão, poderá prender-se com questões relacionadas com a prognose da *performance* desportiva. Poderão ser atletas pouco experientes, mas que apresentem o potencial, segundo os treinadores, para virem a ser atletas de sucesso. A razão pela qual são mais novas parece lógica, uma vez que, aprioristicamente, terão mais tempo para se tornarem atletas de nível de *performance* elevado.

Assim os resultados do presente estudo não apresentam os anos de prática como sendo um factor que diferencia os dois grupos, o que leva a concluir que este indicador não se apresenta como um critério de selecção. Pelo contrário, a idade parece ter sido um dos indicadores que esteve na base da escolha realizada pelos seleccionadores para o CARC, optando por atletas mais jovens, que apresentam mais tempo para evoluir quando comparadas com as das SD.

5.2. Aptidão Física

O Quadro 5.2. apresenta os estudos que têm sido realizados no âmbito do Basquetebol acerca da influência da Aptidão Física na *Performance* do jogador de Basquetebol.

Quadro 5.2. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com a Aptidão Física

Autores	Resultados do Estudo	
Bennice (1976, cit. por Maia, 1993)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Impulsão vertical; Corrida de 30 metros para a frente e para trás; Velocidade de reacção.	
Dragan (1979, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Capacidade Anaeróbia; Coordenação; Resistência à fadiga.	
Minescu (1979, cit. por Maia, 1993)	Aptidão física → importante indicador de selecção biológica do jogador de Basquetebol.	Amostra: crianças entre os 8 e os 9 anos de idade
Inglis (1980, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Tempo de reacção; Impulsão vertical.	
Bosc (1985, cit. por Maia, 1993)	Indicadores de selecção em Basquetebol: 1) Velocidade (corrida 30 metros); 2) Velocidade Específica (corrida *zig-zag* com bola, jogo pernas defensivo sem bola); 3) Coordenação (quíntuplo salto); 4) Resistência (testes de *Cooper*); 5) Força (Lançamento da bola de 500g, suspensão na barra fixa); 6) Força específica (lançamento da bola de Basquetebol a partir do peito); 7) Destreza estática (lançamentos ao cesto sem limite de tempo); 8) Destreza dinâmica (20 lançamentos ao cesto com controlo de tempo); 9) Impulsão vertical.	Amostra: 758 rapazes; 654 raparigas (11-14 anos)
Bompa (1990)	Indicadores de selecção em Basquetebol: Capacidade anaeróbia; Resistência à fadiga.	
Matos (1993)	O facto de os atletas seleccionados para a Selecção Distrital da ABP apresentarem índices físicos mais elevados, permite-lhes retirarem daí vantagens importantes ao nível do rendimento desportivo.	
Podstawski (1994)	Capacidades Motoras → dos indicadores mais utilizados para a selecção em Basquetebol.	
Adelino (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção em Basquetebol: Velocidade; Destreza/coordenação; Força explosiva.	
Brandão (1995)	O nível de aptidão física geral é dos indicadores que mais diferencia o rendimento dos atletas nomeadamente, a resistência e a velocidade.	Amostra: 101 sujeitos, do sexo masculino (15-17 anos de idade)
Gonçalves (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção em Basquetebol: Velocidade/Força; Coordenação motora; Resistência; Força; Força/Velocidade.	
Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção em Basquetebol: Velocidade/Força; Resistência; Velocidade de reacção; Força/Velocidade.	
Pinto (1995)	Para separar os dois grupos de níveis de *performance* diferenciados, a resistência, a agilidade, a força inferior e a força superior aparecem como sendo as variáveis de maior poder discriminatório. No entanto, apenas a agilidade, resistência e altura dão um contributo significativo na separação dos dois grupos.	Amostra: 120 atletas (Cadetes masculinos)
Oliveira (2000a)	Os atletas de nível inferior apresentaram prestações mais baixas no *Yo-yo Intermittent Endurance Test* relativamente aos atletas de elite.	Amostra: atletas de elite e atletas de nível inferior (Basquetebol, Futebol e Voleibol)
Pinto (2000)	Verifica-se diferença entre as equipas de níveis distintos de *performance* apenas no indicador da Força Média. Os indicadores com maior poder discriminatório entre os grupos foram a Força Inferior e a Força Média.	Amostra: 96 atletas de Basquetebol (12-14 anos)
Coelho e Silva (2001)	Factores com maior poder discriminatório entre jogadores: Impulsão vertical; Força explosiva dos MS.	Amostra: 210 Infantis praticantes de Basquetebol (Média da idade: 13,4 anos)
Presente Estudo	Principais resultados: 1. As jogadoras do CARC apresentam níveis superiores de potência dos MI e de resistência aeróbia comparativamente com as jogadoras das SD; 2. Pelo contrário, as jogadoras das SD apresentam níveis mais elevados de força superior e são mais rápidas do que as do CARC.	Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

Na análise do quadro precedente é possível constatar que são vários os autores que fazem referência a componentes da Aptidão Física como indicadores de selecção (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Dragan, 1979, cit. por Coelho e Silva, 2001; Minescu, 1979, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980, cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; Bompa, 1990; Matos, 1993; Podstawski, 1994; Adelino, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Brandão, 1995; Gonçalves, 1995 e Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Pinto, 1995; Oliveira, 2000a; Pinto, 2000; e Coelho e Silva, 2001).

Segundo Minescu (1979, cit. por Maia, 1993), Matos (1993) e Podstawski (1994) a aptidão física é um importante indicador de selecção para o jogador de Basquetebol.

No presente estudo, as jogadoras do CARC apresentaram melhores resultados médios em três das seis variáveis avaliadas: Força Média (p=0,833), Potência dos MI (p=0,038) e Resistência Aeróbia (p=0,037). Contudo, somente os valores da Força Média não foram estatisticamente significativos. Esta constatação não é corroborada por Pinto (2000) cujos resultados evidenciaram diferenças entre as equipas de níveis distintos de *performance* relativamente a este indicador.

A importância de uma boa impulsão vertical no jogo de Basquetebol é do domínio comum e também das evidências da literatura (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980, cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; e Coelho e Silva, 2001). Os resultados do presente estudo referentes à potência dos MI vão de encontro à bibliografia acima descrita.

No que diz respeito à resistência aeróbia, os resultados do presente estudo apresentam semelhanças relativamente à literatura disponível (Dragan,1979, cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; Bompa, 1990; Brandão, 1995; Gonçalves, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Pinto,1995; Oliveira, 2000a). Todos estes autores consideram a capacidade de resistência aeróbia um importante indicador de selecção em Basquetebol. Particularmente no estudo realizado por Oliveira (2000a), os atletas de nível inferior apresentaram prestações mais baixas no *Yo-yo Intermittent Endurance Test* relativamente aos atletas de elite. Desta forma, parece óbvio, que atletas

de nível superior apresentem uma maior capacidade aeróbia quando comparados com atletas de nível inferior, uma vez que estes, possivelmente, treinarão menos tempo e por conseguinte, não desenvolverão tanto a sua capacidade aeróbia. Para além disso, atletas mais resistentes à fadiga, geralmente, jogam mais tempo, uma vez que toleram melhor o cansaço.

Segundo Bosc (1985, cit. por Maia, 1993), Gonçalves (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001), Pinto (1995) e Coelho e Silva (2001) a força superior é um importante indicador de selecção em jogadores de Basquetebol. No presente estudo, as jogadoras das SD evidenciaram diferenças significativas com melhores resultados médios do que as jogadoras do CARC nas variáveis Força Superior (p=0,021), Agilidade (p=0,093) e Velocidade (p=0,034). Destas três variáveis, apenas na força superior e na velocidade, os resultados foram estatisticamente significativos. Este resultados sugerem que estes indicadores não foram valorizados pelo seleccionador do CARC aquando do processo de escolha das jogadoras visto que, em média, as jogadoras das SD são mais rápidas e possuidoras de mais força superior quando comparadas com as jogadoras seleccionadas para o CARC.

Apesar das diferenças verificadas ao nível da Agilidade entre os dois grupos não serem estatisticamente significativas, as jogadoras das SD apresentaram melhores resultados médios do que o CARC, tendo sido mais rápidas na realização do *Shuttle Run*. Neste domínio, Pinto (1995) concluiu no seu estudo que este factor da Aptidão Física apresenta um contributo significativo na separação entre dois grupos de níveis de *performance* diferenciados.

Ao contrário da grande maioria dos estudos realizados, que assumem que a Velocidade é um importante indicador de selecção (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; Adelino, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Brandão, 1995; Gonçalves, 1995 e Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001), no presente estudo foi no grupo SD que este indicador apresentou melhores valores médios, sendo as diferenças estatisticamente significativas.

A análise do Quadro 5.2. sugere, de uma forma global, que é possível constatar a importância dada por diversos autores a indicadores como a

Velocidade, a Resistência, a Coordenação, o Tempo de Reacção, a Força e a Agilidade. De uma forma geral, tanto a literatura disponível como o presente estudo, apresentam a Aptidão Física e as suas componentes como factores importantes na selecção em Basquetebol.

5.3. Habilidades Técnicas

O Quadro 5.3. apresenta os estudos que têm sido realizados no âmbito do Basquetebol acerca da influência das Habilidades Técnicas na *Performance* do jogador de Basquetebol.

Quadro 5.3. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com as Habilidades Técnicas

Autores	Resultados do Estudo	
Bennice (1976, cit. por Maia, 1993)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: drible de protecção e progressão; lançamento em apoio; passe parado e em movimento; deslocamentos laterais, frontais e à retaguarda.	
Inglis (1980, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Lançamento; Lançamentos-livres.	
Bosc (1985, cit. por Maia, 1993)	Passe de peito → Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol.	Amostra: 758 rapazes; 654 raparigas (11-14 anos de idade)
Adelino (1995)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Técnica individual (Lançamento).	
Brandão (1995)	As habilidades específicas, nomeadamente o passe e os deslocamentos defensivos, diferenciam o rendimento dos jogadores.	Amostra: 101 sujeitos, do sexo masculino (15-17 anos de idade)
Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Lançamento; Lançamento de longa distância; Recuperação de bolas; Bons ressaltadores; Bons penetradores; Bom controle e manejo de bola.	
Pinto (1995)	Variáveis de maior valor preditivo para o grupo dos melhores na separação entre grupos de dois níveis distintos de *performance*: Drible; Deslizamento defensivo; Passe. O passe e o drible foram as habilidades técnicas mais discriminadoras.	Amostra: 120 atletas (Cadetes masculinos)
Neta (1999)	Forte associação entre os indicadores técnicos ofensivos (passe, drible e lançamento) e a classificação final das equipas.	Amostra: 246 atletas de Basquetebol (12-14 anos de idade)
Oliveira (2000b)	Indicadores técnicos com maior poder discriminatório entre os dois grupos: Drible; Lançamento; Passe.	Amostra: 100 atletas (12-14 anos de idade)
Silva (2000)	Os jogadores que participaram na Selecção Distrital evidenciaram diferenças no nível de execução das habilidades técnicas, apresentando estes, melhores resultados do que os restantes Basquetebolistas da amostra, sendo os indicadores técnicos com maior poder discriminatório, entre os dois grupos em estudo, o passe e o deslizamento defensivo.	Amostra: 6 equipas de Iniciados Masculinos (12-14 anos de idade)
Coelho e Silva (2001)	O passe e o drible são as habilidades motoras com maior valor para discriminar os jogadores.	Amostra: 210 infantis, praticantes de Basquetebol (Média de idade: 13,4 anos)
Cura (2001a)	De uma forma geral os resultados apontam, inequivocamente, para a importância da técnica no rendimento em jovens Basquetebolistas.	Amostra: 7 equipas do escalão de Iniciados Masculinos (12-14 anos)
Cura (2001b)	A técnica parece revelar-se como uma componente decisiva das etapas de formação desportiva	Amostra: 7 equipas do escalão de Iniciados Masculinos (12-14 anos)
Nunes (2002)	A autora verificou que existem diferenças nos indicadores deslizamento defensivo, passe e CT entre equipas de nível diferenciado de competição.	Amostra: 7 equipas do escalão de séniores femininos (2 Liga Feminina; 2 Primeira Divisão; 3 Segunda Divisão).
Silva (2002)	Os jogadores e respectivas equipas com melhores resultados na avaliação analítica da técnica apresentam melhores níveis de *performance*	Amostra: 126 atletas pertencentes ao Escalão de Iniciados Masculinos (12-14 anos de idade).
Calvo (2003)	Indicadores de selecção em Basquetebol: Precisão do lançamento; Capacidade de passe.	
Presente Estudo	Principais resultados: 1. As jogadoras do CARC apresentaram resultados estatisticamente superiores ao nível do lançamento e do passe quando comparadas com as jogadoras das SD; 2. As jogadoras das SD são mais rápidas na execução do drible e do deslizamento defensivo do que as jogadoras do CARC.	Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

A técnica assume-se de primordial importância na condução do jogo e o seu domínio, determina a qualidade dos diferentes jogadores, bem como de toda a equipa (Hercher, 1983, cit. por Beça, 2005).

No âmbito do Basquetebol, as Habilidades Técnicas associadas à *performance* tem sido dos temas mais estudados por diversos autores (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980, cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985, cit. por Maia; Adelino, 1995; Brandão, 1995; Pinto, 1995; Neta, 1999; Oliveira, 2000b; Silva, 2000; Coelho e Silva, 2001; Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Cura 2001a; Cura, 2001b; Nunes, 2002, Silva, 2002; Calvo, 2003). Da análise do quadro precedente, é possível constatar a influência das Habilidades Técnicas na *performance* de um atleta. Cura (2001a), Cura (2001b) e Silva (2002) afirmam que o domínio da técnica está fortemente associado a níveis superiores de *performance* desportiva.

São vários os autores que fazem referência ao Lançamento como sendo um importante indicador de selecção em jogadores de Basquetebol (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980, cit. por Coelho e Silva, 2001; Adelino, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Neta, 1999 e Silva, 2002). Também o Passe é considerado um importante indicador de selecção nesta modalidade (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; Neta, 1999 e Calvo, 2003).

No presente estudo, as jogadoras pertencentes ao CARC apresentaram melhores resultados no teste do Lançamento e do Passe, sendo mais eficazes e mais rápidas na sua realização. As diferenças verificadas entre o CARC e as SD foram estatisticamente significativas, sendo que o Passe foi o factor que assumiu maior poder discriminatório ($p=0,001$). Estes resultados vão de encontro com os resultados obtidos pelos estudos de diversos autores (Brandão, 1995; Pinto, 1995; Oliveira, 2000b; Silva, 2000; Coelho e Silva, 2001; e Nunes, 2002), que concluíram que o Passe surge como das habilidades com maior valor para discriminar sujeitos de nível de *performance* diferenciado. No que diz respeito ao Lançamento ($p=0,008$), os resultados do presente estudo vão de encontro aos resultados do estudo de Oliveira (2000b) que considera esta habilidade como sendo dos indicadores técnicos com maior poder

discriminatório entre grupos distintos, isto para além de ser o elemento técnico em jogo que culmina todo o conjunto de acções técnicas e tácticas de uma equipa.

As jogadoras pertencentes às SD obtiveram melhores resultados no teste do Drible e no teste do Deslizamento Defensivo (DD), sendo mais rápidas na sua execução. Estes valores apresentaram-se como sendo estatisticamente significativos (p=0,009 e p=0,000, respectivamente). Estes resultados são concordantes com os melhores resultados apresentados por estas jogadoras relativamente ao teste de Velocidade e da Agilidade.

Uma análise global realizada aos resultados obtidos pelo presente estudo sugere que as diferenças encontradas entre os dois grupos em estudo são esclarecedoras. Assim, enquanto que para os testes que são contabilizados pelo factor "tempo" (Drible e Deslizamento Defensivo) as jogadoras do grupo SD apresentam melhores resultados, quando o factor determinante para a pontuação está mais associado à habilidade (Lançamento e Passe), as jogadoras do CARC são melhores. Estes resultados espelham um pouco a ideia de que o tipo de teste validado para a avaliação técnica do Drible e do Deslizamento Defensivo está mais relacionado com uma dimensão física muito associada precisamente à Velocidade e Agilidade das jogadoras.

Em resumo, nos vários estudos apresentados no Quadro 5.3. é clara a importância dada pelos autores a indicadores como o Passe, o Lançamento, o Drible e o Deslizamento Defensivo. O Passe surge como o indicador mais referenciado pelos autores (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Bosc, 1985, cit. por Maia, 1993; Brandão, 1995; Pinto, 1995; Neta, 1999; Oliveira, 2000b; Silva, 2000; Coelho e Silva, 2001; Nunes, 2002).

5.4. Dimensões Somáticas

O Quadro 5.4. apresenta os estudos que têm sido realizados no âmbito do Basquetebol acerca da influência das dimensões somáticas na *Performance* do jogador de Basquetebol.

Quadro 5.4. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com as Características Antropométricas dos jogadores

Autores	Resultados do Estudo	
Bennice (1976, cit. por Maia, 1993)	Altura → indicador de selecção para jogadores de Basquetebol.	
Dragan (1979, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Altura; Comprimento dos MS.	
Minescu (1979, cit. por Maia, 1993)	Indicadores de selecção biológica do jogador de Basquetebol: Altura; Peso.	Amostra: 8-9 anos (Selecção Inicial)
	Estatura para jogadoras do sexo feminino: Bases → 165 cm; Extremos → 172 cm; Postes → 185 cm. Envergadura: os seus valores deverão ser entre 6 a 8 cm superiores à altura.	Amostra: 14-16 aos (Selecção Secundária)
Inglis (1980, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Altura; Altura do MS elevado; Peso; Comprimento dos MS.	
Bosc (1985, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Altura; Altura do MS elevado; Altura sentado; Peso; Envergadura; Tamanho do pé e da mão.	
Janeira (1988)	Quanto mais elevado o nível do jogador, isto é, o seu desempenho, mais elevados tendem a ser os valores de altura e peso dos atletas.	
Bompa (1990)	Valores elevados de altura e envergadura são importantes como indicadores de selecção num desporto como o Basquetebol.	
Fontoura (1991)	As dimensões corporais (peso, altura, entre outras), são de capital importância para a selecção dos atletas e para a obtenção de rendimentos de alto nível no jogo de Basquetebol.	Amostra: 60 atletas cadetes (15-16 anos)
Matos (1993)	O facto de os atletas seleccionados para a Selecção Distrital da ABP apresentarem índices antropométricos mais elevados, permite-lhes retirarem daí vantagens importantes ao nível do rendimento desportivo.	
Podstawski (1994)	Altura → dos indicadores mais utilizados para a selecção em Basquetebol	
Adelino (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Altura → indicador de selecção para jogadores de Basquetebol.	
Brandão (1995)	Não foram registadas diferenças ao nível das dimensões somáticas.	Amostra: 101 Indivíduos praticantes de Basquetebol, do sexo masculino (15-17 anos de idade)
Coelho e Silva (1995)	No caso particular do Basquetebol, os agentes de selecção atribuem uma considerável importância à altura como indicador de selecção. Também o peso aparece como indicador de selecção.	
Gonçalves (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Altura; Peso; Comprimento dos membros.	
Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Altura; Peso.	
Pinto (1995)	A altura deu um contributo significativo na separação de dois grupos de níveis diferenciados de *performance*.	
Nhantumbo (1999)	O tamanho dos jogadores seleccionados é maior em relação aos não seleccionados.	Amostra: 44 atletas do sexo masculino do escalão sénior
Coelho e Silva (2001)	A altura e a envergadura foram os factores mais discriminantes entre grupos.	Amostra: 210 Infantis, praticantes de Basquetebol (Média de idade: 13,4 anos)
Silva (2002)	Os jogadores e respectivas equipas com maiores dimensões somáticas apresentam melhores níveis de *performance*. Confirma-se a importância da detecção e selecção de jogadores fundamentalmente baseada num critério de "tamanho" dos atletas, e particularmente dirigida para a Altura.	Amostra: 126 atletas pertencentes ao Escalão de Iniciados Masculinos (12-14 anos de idade).
Calvo (2003)	A primeira selecção de jogadores baseia-se em aspectos físicos, fundamentalmente a altura.	
Presente Estudo	Principais resultados: 1. A envergadura, a altura e o peso apresentaram-se diferenciadores dos dois grupos em estudo.	Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

Através da análise do Quadro 5.4. é possível verificar que são vários os estudos realizados que procuram relacionar características antropométricas com o êxito em Basquetebol (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Dragan, 1979 cit. por Coelho e Silva, 2001; Minescu 1979, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980 cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985 cit. por Coelho e Silva, 2001; Janeira, 1988; Bompa, 1990; Fontoura, 1991; Gonçalves, 1995 cit. por Coelho e Silva, 2001; Matos,1993; Podstawski, 1994; Adelino, 1995 cit. por Coelho e Silva, 2001; Brandão, 1995; Coelho e Silva, 1995 Lima, 1995 cit. por Coelho e Silva, 2001; Pinto, 1995; Nhantumbo, 1999; Coelho e Silva, 2001; Silva, 2002; Calvo, 2003).

O poder discriminatório dos aspectos somáticos dos atletas tem sido confirmado em jogadores de Basquetebol de ambos os sexos e de diferentes escalões etários (para referências ver Pinto, 2001).

No presente estudo, as jogadoras pertencentes ao CARC apresentaram dimensões somáticas superiores às jogadoras pertencentes às SD, com diferenças que se apresentam como estatisticamente significativas. Através destes resultados, é possível constatar que as jogadoras do CARC foram seleccionadas, numa ponderação importante, com base nas suas características antropométricas, sendo mais pesadas (p=0,005), mais altas (p=0,003) e possuidoras de uma maior envergadura (p=0,000) quando comparadas com as jogadoras da SD. Estes resultados vão de encontro aos diferentes estudos realizados, que sugerem a altura, o peso e a envergadura como sendo importantes indicadores de selecção em jogadores de Basquetebol.

É consensual a importância dada pelos treinadores às características antropométricas dos jogadores de Basquetebol, nomeadamente a sua estatura. A maior parte dos autores que realizaram estudos no âmbito das características antropométricas de jogadores de Basquetebol, concluíram que a altura é o principal indicador de selecção nesta modalidade (Bennice, 1976, cit. por Maia, 1993; Dragan, 1979, cit. por Coelho e Silva, 2001; Minescu, 1979, cit. por Maia, 1993; Inglis, 1980, cit. por Coelho e Silva, 2001; Bosc, 1985, cit. por Coelho e Silva, 2001; Janeira, 1988; Bompa, 1990; Fontoura, 1991;

Podstawski, 1994; Adelino, 1995; Coelho e Silva, 1995; Gonçalves, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001; Pinto, 1995; Nhantumbo, 1999; Coelho e Silva, 2001; Silva, 2002; e Calvo, 2003). Também o peso, a envergadura e o comprimento dos MS parecem ser apontados como importantes indicadores de selecção em Basquetebol.

5.5. Características Psicológicas

O Quadro 5.5. apresenta algumas características psicológicas que diferentes autores consideram ser importantes no jogador de Basquetebol.

Quadro 5.5. Resumo dos principais estudos realizados em Basquetebol relacionados com as Características Psicológicas dos jogadores

Autores	Resultados do Estudo	
Dragan (1979, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Espírito de cooperação; Resistência ao *stress*.	
Inglis (1980, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Ansiedade → indicador de selecção para jogadores de Basquetebol	
Bosc (1985, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Questionário de personalidade para desportistas → instrumento utilizado aquando do processo de selecção de jogadores de Basquetebol	
Bompa (1990)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Resistência ao *stress*; Inteligência táctica; Espírito de cooperação.	
Podstawski (1994)	Capacidades Psicológicas → são dos indicadores mais utilizados no processo de selecção em Basquetebol	
Adelino (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Atenção; Colectivismo; Determinação; Espírito de sacrifício; Motivação.	
Gonçalves (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Auto-domínio; Capacidade de aprendizagem; Auto-estima; Criatividade; Perseverança; Resistência ao insucesso; Sociabilidade e integração no grupo.	
Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Criatividade; Empenhamento no treino; Espírito colectivo; Espírito competitivo; Gosto pelas tarefas defensivas; Gosto pelo risco; Liderança; Espírito de sacrifício; Espírito de iniciativa; Motivação; Resistência ao *stress*; Resistência a situações adversas.	
Nogueira (1999)	Os atletas eram mais orientados para a tarefa do que para o ego.	Amostra: 213 praticantes do sexo masculino de Basquetebol (11-18 anos de idade)
Calvo (2003)	Indicadores de selecção inicial para jogadores de Basquetebol: Criatividade; Intuição; Boa atitude. O que os treinadores mais valorizam num jogador é a sua competitividade, o seu desejo de aprender e o esforço por melhorar.	
Presente Estudo	Principais resultados: 1. Todas as variáveis do teste de PPP apresentaram diferenças significativas, excepto a Visualização; As jogadoras pertencentes às SD apresentaram melhores resultados do que as jogadoras pertencentes ao CARC. 2. A orientação para a tarefa e para o ego não apresentaram diferenças significativas entre os dois grupos. No entanto, as jogadoras do CARC mostraram-se mais orientadas para a tarefa do que para o ego quando comparadas com as jogadoras das SD.	Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

A literatura é escassa quando se procura associar a *performance* desportiva de jogadores de Basquetebol com o seu Perfil Psicológico de Prestação. No entanto, alguns autores fazem referência a características psicológicas que estes devem possuir, de forma a poderem vir a ser jogadores de sucesso. Podstawski (1994) afirma mesmo que as capacidades psicológicas são dos indicadores mais utilizados no processo de selecção em Basquetebol.

De uma formal geral, as principais características psicológicas referidas pelos autores (ver Quadro 5.5.), como sendo de primordial importância em jogadores de Basquetebol, são: Resistência ao *Stress*, Criatividade, Espírito de Cooperação, Colectivismo, Espírito de Sacrifício, Motivação, Resistência ao Insucesso e Espírito Competitivo.

Existem vários autores que acrescentam ainda outras características com algum significado, como sejam a Inteligência Táctica (Bompa, 1990), a Atenção e a Determinação (Adelino, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001), o Auto-domínio, a Capacidade de Aprendizagem, a Auto-estima, a Perseverança, a Sociabilidade e a Integração no grupo (Gonçalves, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001), o Empenhamento no Treino, o Gosto pelas Tarefas Defensivas, o Gosto pelo Risco, a Liderança, o Espírito de Iniciativa e a Resistência a Situações Adversas (Lima, 1995, cit. por Coelho e Silva, 2001) e a Intuição e uma Atitude Positiva (Calvo, 2003).

Contudo, e como é possível constatar através na análise do Quadro acima apresentado, apenas Adelino (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001), Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001) e Nogueira (1999) referem características também presentes no nosso estudo. Adelino (1995,cit. por Coelho e Silva, 2001) refere a importância, entre outras, da Atenção e da Motivação. Lima (1995, cit. por Coelho e Silva, 2001) considera a Motivação, como sendo um importante indicador de selecção para jogadores de Basquetebol.

5.5.1. Perfil Psicológico de Prestação (PPP)

No presente estudo, relativamente ao teste de PPP, as jogadoras das SD evidenciam resultados médios superiores e significativos comparativamente com as jogadoras do CARC, ao apresentarem níveis superiores de auto-confiança (p=0,000), atenção (p=0,000), motivação (p=0,000), pensamentos positivos (p=0,002), uma elevada atitude competitiva (p=0,005) e menos pensamentos negativos (p=0,006). Apenas no que diz respeito à variável "visualização", as diferenças verificadas entre os dois grupos, não foram estatisticamente significativas (p=0,119). A este nível, as diferenças verificadas entre os dois grupos (CARC e SD) poderão ser o significado de uma eventual maior pressão a que são sujeitas as jogadoras pertencentes ao CARC, uma vez que se encontram a ser preparadas para competir a um nível bastante superior, neste caso, a nível europeu.

Por outro lado, parece também que a selecção de jogadoras previamente feita para representarem cada um dos seus grupos em estudo tem alguma influência no facto dos resultados apresentarem níveis de desempenho elevados neste domínio específico.

Na bibliografia consultada não existem estudos em Basquetebol, que tenham utilizado o teste de PPP como instrumento de avaliação das capacidades psicológicas dos jogadores. Contudo, e parece pertinente tentar perceber o que significa uma média de 18.25, na variável Auto – Confiança, por exemplo. Loehr (1986) apresenta a correspondência entre os valores verificados no teste e o seu significado.

Quadro 5.5.1. Correspondência entre valores e seu significado (Loehr, 1986) no Teste PPP

Valores	Significado
26-30	Excelentes *skills* psicológicos, representativos de uma preparação sistemática
20-25	Atletas que se preparam mentalmente para as competições, no entanto não o fazem de forma sistemática
≤ 19	Representativo de uma preparação mental muito fraca ou inexistente

A média dos valores apresentados pelas jogadoras do CARC relativamente às sete variáveis constituintes do teste de PPP, são todas inferiores a 19. Este facto leva-nos a crer que nestas jogadoras, a preparação mental é muito fraca ou inexistente. As jogadoras das SD apresentam valores que se enquadram no intervalo [20-25], o que evidencia que estas jogadoras se preparam mentalmente para as competições, mas que, no entanto, não o fazem de forma sistemática.

A idade e a experiência reduzida na modalidade parecem ser importantes para justificar uma falta de consistência na preparação mental. Contudo, parece também não haver preocupação, por parte dos treinadores, para a importância desta variável no domínio da *performance* desportiva.

5.5.2. Orientação Cognitiva para o Ego e para a Tarefa

Relativamente à Orientação Cognitiva, no presente estudo, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (CARC e SD). No entanto, e no que diz respeito à Orientação para a Tarefa (p=0,273), os resultados médios verificados pelas jogadoras do CARC são melhores quando comparados com as jogadoras das SD. Pelo contrário, as jogadoras do CARC apresentam resultados médios inferiores no que diz respeito à Orientação para o Ego (p=0,354) quando comparadas com as jogadoras das SD.

Tendo em conta a bibliografia consultada, parecem não existir estudos realizados no âmbito do Basquetebol, que tenham estudado a Orientação Cognitiva para a Tarefa ou para o Ego entre grupos de jogadores de níveis diferentes de *performance*. Finalmente, Nogueira (1999) concluiu no seu estudo que os atletas são mais orientados para a Tarefa do que para o Ego. Este facto encontra alguma concordância nos resultados do grupo CARC do presente estudo.

5.6. Conhecimento Declarativo do Jogo

No Quadro 5.6. estão representados os principais estudos que têm vindo a ser desenvolvidos no âmbito do Conhecimento Declarativo do Jogo em Basquetebol.

Quadro 5.6. Resumo dos principais estudos realizados no âmbito do Basquetebol relacionados com o Conhecimento do Jogo

Autores	Resultados do Estudo
Dragan (1979, Coelho e Silva, 2001)	Inteligência táctica → Indicador de selecção para jogadores de Basquetebol
Adelino (1995, Coelho e Silva, 2001)	Indicadores de selecção para jogadores de Basquetebol: Inteligência; Leitura de jogo.
Gonçalves (1995, Coelho e Silva, 2001)	Inteligência prática → Indicador de selecção para jogadores de Basquetebol
Pinto (1995)	Conhecimento do jogo → apresenta-se como a variável de maior valor preditivo no valor dos sujeitos. O teste de conhecimento do jogo apresentou sensibilidade suficiente para discriminar grupos distintos.
Rodrigues (1998)	Os jogadores federados apresentam um conhecimento declarativo superior quando comparados com os jogadores do desporto escolar, verificando-se as maiores diferenças ao nível das questões tácticas.
Calvo (2003)	A selecção inicial dos jogadores tem por base, não só indicadores de ordem física e psicológica, mas também relacionados com a compreensão do jogo.
Presente Estudo	O teste de conhecimento declarativo do jogo não apresentou diferenças entre os dois grupos. As jogadoras do CARC apresentaram uma ligeira superioridade nos resultados do teste. Amostra: 59 jogadoras de basquetebol pertencentes ao escalão de cadetes femininos.

Segundo a literatura observada, do elevado número de variáveis observadas, a qualidade da capacidade de decisão dos basquetebolistas parece ser a mais importante, sendo também responsável por diferenças individuais ao nível do rendimento (Kerr et al., 1992; Williams et al., 1993; Thomas, 1994; Pinto, 1995; French e Housne, 1994). Para além disto, e segundo Calvo (2003), a selecção inicial de jogadores de Basquetebol deve ter por base indicadores relacionados com a compreensão do jogo.

No presente estudo, o teste de conhecimento declarativo do jogo não apresentou sensibilidade suficiente para estabelecer diferenças entre os grupos em análise (0,300). No entanto, o CARC apresentou uma média dos resultados superior quando comparado com o SD. Estes resultados não vão de encontro aos resultados obtidos por Pinto (1995) em que o conhecimento do jogo se apresentou como sendo a variável de maior poder preditivo no valor dos sujeitos, tendo o teste de conhecimento do jogo apresentado sensibilidade suficiente para discriminar grupos distintos. Rodrigues (1998) refere também

que os jogadores federados, quando comparados com os jogadores do desporto escolar, apresentaram um conhecimento declarativo do jogo superior. O facto de no presente estudo as diferenças verificadas entre os dois grupos terem sido mínimas pode estar associado à semelhança também evidente na experiência das jogadoras dos dois grupos, expressa pelo indicador "Anos de Prática" na modalidade. Por outro lado, este facto pode significar também um investimento semelhante neste domínio do treino em ambos os grupos em estudo, sugerindo, para o CARC, que se vai sujeitar a uma competição de nível mais elevado, que as jogadoras mecanizam as acções mas não aprendem os conhecimentos que lhes estão inerentes, e que deveriam ser mais complexos do que para as jogadoras do grupo SD.

Em resumo, a selecção das jogadoras para o Centro de Alto Rendimento de Calvão, poderá ter sido realizada na base das suas características somáticas (nomeadamente envergadura, altura e peso) e idade, isto é, com base no estado de maturação das jogadoras (mais avançado); com base no domínio do passe e do lançamento, como habilidades técnicas ofensivas de grande importância; como também, no que diz respeito à resistência à fadiga, isto é, com base na capacidade aeróbia das jogadoras e, finalmente, tendo por base também a potência dos MI das jogadoras.

É importante notar que as diferenças, ao nível da *performance,* entre os dois grupos poderá ser mínima, uma vez que todas as jogadoras pertencem a selecções distritais do país. Possivelmente, as jogadoras pertencentes ao CARC apresentam características diferentes, quando comparadas com as jogadoras das SD, razão pela qual terão sido escolhidas para pertencer a um Centro de Formação de Atletas, o qual tem como objectivo orientá-las no sentido de virem a alcançar altas *performances*, tornando-se assim, atletas de alto nível.

Geralmente, o processo de selecção em Basquetebol não se centra nos resultados da aplicação de testes ou baterias de testes que avaliam as diferentes componentes da *performance* desportiva. O processo de selecção

centra-se, preponderantemente, no “olhar” do treinador. O conhecimentos que os treinadores possuem da modalidade Basquetebol, fundamentalmente derivado da sua experiência, analisam as atletas em situações de treino e jogo, tentando perceber os seus níveis de rendimento desportivo em jogo, porque é nesse contexto que interessa conhecer a potencialidade do/a jogador/a. Em jogo, as qualidades que sobressaem mais do jogador de Basquetebol estão relacionadas com o seu domínio da técnica e, fundamentalmente, com a sua capacidade física. O factor psicológico pode também ser objecto de avaliação por parte dos treinadores, através da observação de comportamentos e atitudes dos jogadores.

De facto, existem dois métodos distintos de avaliação da *performance* dos jogadores, tão importante no processo de selecção. É importante antes de apresentar quaisquer conclusões discernir um pouco acerca destes dois métodos, que não são opostos, mas sim complementares. O treinador para além da observação informal dos atletas, deverá complementar a sua opinião com testes específicos que lhe trarão dados mais objectivos acerca dos jogadores em análise. Por outro lado, seleccionar jogadores com base em apenas resultados de testes objectivos, poderá não contemplar aspectos essenciais e de difícil medição que estão relacionados com o chamado “currículo oculto”, que são os conhecimentos que o treinador possui, resultantes das suas vivências e que podem ser de uma importância crucial em todo este processo.

6. Conclusões

O presente estudo apresenta como objectivo perceber as diferenças verificadas ao nível de diferentes indicadores da selecção em Basquetebol, entre as jogadoras do Centro de Alto Rendimento de Calvão e as jogadoras pertencentes às Selecções Distritais das Associações de Basquetebol de Aveiro, Coimbra, Porto e Setúbal.

As conclusões apresentadas neste estudo são resultado de uma abordagem científica do processo de selecção em Basquetebol, uma vez que estão relacionadas com os resultados obtidos em testes específicos e validados, de avaliação dos vários indicadores de selecção (anos de prática, idade, aptidão física, habilidades técnicas, características somáticas, características psicológicas e conhecimento declarativo do jogo).

1. As jogadoras do CARC são maiores e mais jovens do que as jogadoras das SD. Neste domínio, e relativamente à selecção das jogadoras para o CARC parece clara a importância dada pelo seleccionador às características físicas das jogadoras, tendo tido a preocupação fundamental de escolher atletas altas. Para além disto, estas evidências parecem também sugerir uma ideia de percurso, de trabalho intensivo e de perspectiva de prestação desportiva a médio/longo prazo para as jogadoras do CARC;
2. Tecnicamente, as jogadoras do CARC evidenciam maior consistência nomeadamente ao nível do Passe e do Lançamento. Contudo, os resultados obtidos nos testes de avaliação das Habilidades Técnicas parecem não ser suficientemente poderosos para espelhar de forma concreta, aquilo que as jogadoras são capazes de realizar em jogo. Neste domínio, parece-nos mais importante saber aplicar a habilidade técnica em situação de jogo, onde surge a necessidade da tomada de decisão em função da imprevisibilidade e aleatoriedade, do que propriamente dominá-la de forma descontextualizada desse ambiente;

3. No que diz respeito à aptidão física, é evidente a superioridade das jogadoras pertencentes ao CARC ao nível da resistência aeróbia juntamente com os resultados obtidos no *Standing Long Jump*, os quais evidenciam uma superior potência dos MI por parte destas jogadoras, quando comparadas com as jogadoras das SD. Neste domínio, e apesar de o presente estudo não incluir o volume de treino como critério, parece claro a associação dos resultados obtidos a este nível com o maior tempo de treino a que as jogadoras do CARC estiveram sujeitas durante a presente época desportiva;
4. Do ponto de vista psicológico, as jogadoras das SD são mais estáveis do que as jogadoras do CARC. Talvez a situação de internato, fora do ambiente familiar habitual, e a perspectiva de participação numa competição exigente como um Campeonato da Europa possam ser factores que estão na origem destes resultados por parte das jogadoras do CARC;
5. O conhecimento declarativo de jogo evidencia resultados semelhantes para os dois grupos em estudo. Parece claro que esta constatação pode ter a ver com a inexistência de diferenças observadas para os anos de prática;
6. Apesar de parecer existir uma aproximação entre o recurso a alguns instrumentos científicos validados e a observação dos treinadores em função da sua experiência, parece que esta prevalece de forma clara quando emerge a função de seleccionar jogadoras.

7. Bibliografia

Abernethy, B.; Burgess-Limerick, R.; Parks, S. (1994). Contrasting approachs to the study of motor expertise. *Quest*, 46, 186-198.

Alves, J. (1990). *Inteligência e velocidade de processamento da informação: contributo para a identificação das fases de processamento da informação mais influenciadas pela inteligência*. Dissertação de Doutoramento em Motricidade Humana na especialidade de Ergonomia, apresentada à F.M.H. da Universidade Técnica de Lisboa.

Amorim, J. (1999). *Relação entre as Variáveis Técnico-tácticas e a Classificação Final: Um estudo na Liga Portuguesa de Basquetebol*. Dissertação apresentada, no âmbito do Mestrado em Ciências do Desporto, na área do Desporto de Alto Rendimento, à FCDEF-UP, Porto.

Atkinson, G.; Nevill, A. (2001). Selected issues in the design and analysis of sport performance research. *Journal of Sports Sciences*, 19 (10), 811-827.

Bailey, D.; Mirwald, R. (1988). The effects of training on the growth and development of the child. In R. Malina (Ed), *Young athletes: biological, psychological, and educational perspectives*, pp. 33-47. Champaign: Human Kinetics.

Bangsbo, J. (1996). *Yo-yo tests.* HO+Storm, Copenhagen, Denmark and Tocano Music A/S, Denmark.

Bangsbo, J.; Lindquist, F. (1992). Comparison of various exercise tests with endurance performance during soccer in professional players. *International Journal of Sports Medicine*, 13 (1), 125-132.

Barbosa, J. (2000). *Escolas de Formação: Estudo de Indicadores que contribuem na Selecção e Detecção de Futebolistas dos oito aos dezassete anos*. Dissertação de Licenciatura apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Bastieans, K. (2006). Physical Considerations and Tests for a Talent Identification Programme. *Coaching & Sport Science Review*, Issue 39. International Tennis Federation.

Bayer, C. (1987). *Técnica del Balonmano: la formación del jugador*. Barcelona: Hispano Europea.

Beça, R. (2005). *O Lançamento no Basquetebol Feminino: Estudo comparativo do número e eficácia dos lançamentos em função do nível competitivo*. Dissertação de Licenciatura realizada no âmbito do Seminário de Basquetebol, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Beek, P.; Van Santvoord, A. (1992). Learning the cascade juggle: a dynamical systems analysis. *Journal of Motor Behavior*, 24, 85-94.

Bloom, B. (1985). *Developing Talent in Young People*. New York: Ballantine Books.

Bompa, T. (1990). *Theory and Methodology of Training*. Cendall/Hunt Publishing Company, Dubuque, Iowa.

Bouchard, C.; Malina, R.; Perusse, L. (1997). *Genetics of Fitness and Physical Performance*. Champaign: Human Kinetics.

Brandão, E. (1995). *A Performance em Basquetebol. Um estudo multivariado no escalão de cadetes masculinos*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área do Desporto para Crianças e Jovens, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Brandão, E. (2001). As habilidades técnicas e a *performance* em jovens Basquetebolistas. In M. A. Janeira; A. Graça; D. Pinto; E. Brandão (Eds.), *Tendências actuais da investigação em Basquetebol: actas do seminário "estudos universitários em Basquetebol"*. FCDEF-UP, Porto.

Brandão, E.; Janeira, M.; Cura, J.; Cura, P. (2003). Relationship between technical skills and game performance in youth basketball players. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3 (2), 121-171.

Brandão, E.; Tavares, F.; Alves, R. (1998). Centro de Formação de Jovens Jogadores de Basquetebol – um exemplo da região do Porto. *Revista Treino Desportivo*, ano I, n.º 4, 3ª série, pp. 13-16, Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Burnik, S.; Jug, S.; Kajtna, T.; Tusak, M. (2005). Differences in personality traits of mountain climbers and non-athletes in slovenia. *Acta Univ. Palacki, Olomuc., Gymn*, 35 (2). Faculty of Sport, University of Ljubljana, Ljubljana, Slovenia.

Calvo, A. (2003). Detección e Selección de Talentos*. Curso de Entrenador de Segundo Nivel. Escuela Nacional de entrenadores*. Madrid.

Carvalho, A. (2000). *Estudo comparativo dos processos cognitivos em jogadores de futebol com diferentes níveis de prática*. Dissertação de Licenciatura apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Chibane, S.; Hautier, C.; Gaudino, C.; Massarelli, R.; Mimouni, N. (2007). Influence of age, maturity and body dimensions on selection of under-17 Algerian soccer players. *Journal of Sports Science and Medicine*. Suppl. 10. Disponível em WWW:URL:http://www.jssm.org.

Coelho e Silva, M. (1995). *Selecção de Jovens Basquetebolistas*. *Estudo univariado e multivariado no escalão etário dos 12 aos 14 anos*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto na área de Desporto para Crianças e Jovens, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Coelho e Silva, M. (2001). Selecção Desportiva: análise prospectiva e retrospectiva. In M. A. Janeira; A. Graça; D. Pinto; E. Brandão (Eds.), *Tendências actuais da investigação em Basquetebol: actas do seminário "estudos universitários em Basquetebol"*, FCDEF-UP, Porto.

Coelho, E. (1997). *Auto-estima e orientação cognitiva em praticantes de atletismo de elite*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, área de Treino de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Correia, P. (2000). *A decisão táctico-técnica em Futebol: Estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos inerentes à decisão táctico-técnica em futebolistas federados dos 8 aos 18 anos de diferentes estatutos posicionais e anos de prática*. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP, Porto.

Corte-Real, A (1997). O talento em Ginástica Desportiva Feminina. *Horizonte*, XIII (76), 14-17.

Costa, J.; Garganta, J.; Fonseca, A.; Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. FCDEF – UP, Porto. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2 (4), 7-20.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.

Crespo, M.; Mclnerney, P. (2006). Talent Identification and Development in Tennis. *Coaching & Sport Science Review*. International Tennis Federation. Issue 39.

Cruz, J. e Viana, M. (1996). Auto-confiança e rendimento na competição desportiva. In J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: Edições SHO.

Cruz, J. (1996). Motivação para a prática e competição desportiva. In J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*, pp. 305-331, Braga: Edições SHO.

Cura, J. (2001a). *Avaliação das Habilidades Técnicas em Jovens Basquetebolistas: Níveis de Associação entre o Desempenho em Situação Analítica e o Desempenho em Situação de Jogo.* Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Treino de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Cura, P. (2001b). *Níveis de Associação entre as Habilidades Técnicas e a Performance em Jovens Basquetebolistas*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Treino de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Davids, K.; Lees, A.; Burwitz, L. (2000). Understanding and measuring coordination and control in kicking skills in soccer: implications for talent identification and skill acquisition. *Journal of Sports Sciences*, 18, 703-714.

Elferink-Gemser, M.; Visscher, C.; Lemmink, K. e Mulder, Th. (2004). Relation between multidimensional performance characteristics and level of performance in talented youth field hockey players. *Journal of Sports Sciences*, 22, 1053-1063.

Ericsson, K.; Krampe, R.; Tesch-Romer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Coaching & Sport Science Review*, Issue 39. International Tennis Federation.

Famose, J.; Durand, M. (1988). *Aptitudes et Performance Motrice*. Paris: Revue E.P.S..

Ferreira, C. (1999). *Conhecimento declarativo no futebol*: *Estudo comparativo em praticantes federados e não federados, do escalão de sub-14* . Dissertação de Mestrado apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Filho, M.; Ribeiro, L.; Garcia, F. (2005). Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: comparações entre os sexos masculino e feminino e correlação com nível de *performance* e tempo de treinamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5 (1), 131-391.

Fitnessgram. *Test administration manual*. The Cooper Institute of Aerobic Research.

Fonseca, A. e Balangué, G. (1996). Avaliação dos Objectivos de Realização no futebol juvenil de competição: Comparação entre o TEOSQp e p PosQp. In A.

Fonseca (Ed.), *A FCDEF-UP e a psicologia do desporto: Estudos sobre Motivação*. FCDEF-UP, Porto.

Fontoura, J. (1991). Caracterização cineantropométrica do rendimento em Basquetebol. Dissertação de Licenciatura. In E. Brandão e M. Janeira (Eds.), *Guia do Basquetebol em Portugal*, FCDEF-UP. Porto.

Freitas, M. (2005). *Indicadores e Critérios de Selecção em Andebolistas Infanto-Juvenis da Região Autónoma da Madeira*. Dissertação de Mestrado apresentada à FCDEF – UP, Porto.

French, K.; Housner, L. (1994). Expertise in learning, performance and instruction in sport and physical activity: introduction. *Quest*, 46 (2), 149-152.

Garganta, J. (1996). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça e L. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos*, pp. 11-25. FCDEF – UP, Porto.

Garganta, J. (2000). O treino da táctica e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivo: ciclo de conferências realizadas entre Março e Dezembro de 1999.* FCDEF-UP e CEJD, pp. 21-36, Porto.

Garganta, J.; Cunha e Silva, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte*, XV (91), 5-8.

Garganta, J.; Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos*, pp. 97-137. FCDEF – UP, Porto.

Gemser, J.; Gemser, P. (2005). General Introduction (Chapter 1). *Today's talented field hockey players, the stars of tomorrow? A study on talent development in field hockey.* Groningen Studies in Sports Sciences 1. Netherlands.

Gomes, N.; Tavares, F. (2004). Análise do conhecimento dos factores de rendimento em Basquetebol: Estudo comparativo entre técnicos brasileiros e portugueses. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (2), 211-233.

Grehaigne, J.; Godbout, P. (1995). Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. *Quest*, 47 (4), 490-505. Illinois: Champaign.

Hahn, E. (1988). *Entrenamiento com niños*. Barcelona: Martinez Roca.

Harre, D. (1982). *Principles of Sports Training: Introduction to the Theory and Methods of Training*. Berlim: Sportverlag.

Hebbelinck, M. (1990). Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: relatos cineantropométricos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 4 (1), 46-61.

Helsen, W.; Hodges, N.; Van Winckel, J.; Starkes, J. (2000). The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. *Journal of Sports Sciences*, 18, 727-736.

Hoare, D. (2001). Talent identification and selection manual. Sport and recreation South Africa, (Online version, downloaded July 20, 2006; http://www.srsa.gov.za/ClientFiles/SISA%20Tennis.doc).

Hoare, D.; Warr, C. (2000). Talent identification and women's soccer: An Australian experience. *Journal of Sports Sciences*, 18, 751-758.

Janeira, M. (1994). *Funcionalidade e Estrutura de Exigências em Basquetebol: Um estudo univariado e multivariado em atletas séniores de alto nível*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Janeira, M. (1998). *A Metodologia da Observação em Basquetebol. Uma visão integradora*. Comunicação apresentada no IV World Congress of Notational Analysis of Sport, Porto.

Janeira, M. (1988). *Perfil Antropométrico do Jogador de Basquetebol no Intervalo Etário de 13-15 anos e a sua Relação com os Níveis de Eficácia no Jogo*. Dissertação apresentada às Provas de Aptidão Científica e de Capacidade Pedagógica. ISEF, Universidade do Porto.

Johnstone, J. (1990). Educational Indicators. In Keeves, J. P. (Ed), *Educational Research, Methodology, and Measurement: an International Handbook*. Oxford: Pergamon Press.

Kerr, R.; Hughes, K.; Blais, C.; Toward, J. (1992). Knowledge and motor performance. *Journal of Human Movement Studies*, 22 (2), 85-100.

Kirkendall, D.; Gruber, J.; Johnson, R. (1987). *Measurement and Evaluation for Physical Educators*. Human Kinetics. Champaign, IL.

Lázaro, J.; Casimiro, E.; Fernandes, H. (2004). *Determinação do Perfil Psicológico de Prestação do Jogador de Andebol Português: Um estudo em Atletas da Liga e da Divisão de Elite*. Investigadores do Gabinete de Psicologia e Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

Lázaro, J.; Casimiro, E.; Fernandes, H.; Vasconcelos Raposo, J. (2007). *Determinação do Perfil Psicológico de Prestação do Jogador de Andebol Português: Um estudo em Atletas da Liga e da Divisão de Elite*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Loehr, J. (1986). *Mental Toughness training for sports: Achieving athletic excellence*. Lexington: The Stephen Greene Press.

Lubbers, P. (2006). Psychological Profiles of Champions. *Coaching & Sport Science Review*, Issue 39. International Tennis Federation.

MacCurdy, D. (2006). Talent Identification Around the World and Recommendations for the Chinese Tennis Association. Disponível em WWW:URL:http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_18455_original.PDF.

Maguire, J.; Pearton, R. (2000). The impact of elite labour migration on the identification, selection and development of European soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 18, 759-769.

Maia, J. (1993). *Abordagem Antropobiológica da Selecção em Desporto: Estudo multivariado de indicadores bio-sociais da selecção em andebolistas dos dois sexos dos 13 aos 16 anos de idade*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto na especialidade de Antropologia do Desporto, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Malina, R.; Bouchard, C. (1991). *Growth, Maturation and Physical Activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Malina, R.; Peña Reyes, M.; Eisenmann, J.; Horta, L.; Rodrigues, J.; Miller, R. (2000). Height, mass and skeletal maturity of elite Portuguese soccer players aged 11-16 years. *Journal of Sports Sciences*, 18, 685-693.

Marques, A. (1993). Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos desportivos em Portugal. *Espaço: Revista de Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*, 1 (1), 47-58.

Matos, J. (1993). *Contributo para a selecção de jogadores de Basquetebol no intervalo etário 12-13 anos*. Dissertação de licenciatura realizada no âmbito do seminário de Basquetebol, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

McPherson, S. (1994). The development of sport expertise: mapping the tactical domain. *Quest*, 46, 223-240.

Mendes, L. (1999). *A defesa no processo de preparação desportiva em Basquetebol*: *estudo descritivo e comparativo do padrão cinemático na realização do deslizamento defensivo, do conhecimento teórico e da adequação das acções defensivas, das situações de jogo, em Basquetebolistas iniciados masculinos com diferentes tempos de prática.* Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Desporto para Crianças e Jovens, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Moreno, J. (1988). *Baloncesto: Iniciación y Entrenamiento*. Barcelona: Ed. Paidotribo.

Morris, T. (2000). Psychological characteristics and talent identification in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18, 715-726.

Moura, W. (2003). *Caracterização do perfil somático, da aptidão física e das habilidades motoras específicas do jogador de Basquetebol: estudo descritivo e comparativo em jovens do sexo masculino e feminino do Estado do Amazonas, Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Treino de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Neta, P. (1999). *As Habilidades Técnicas e a Performance em Jovens Basquetebolistas: Um estudo no escalão de iniciados masculinos.* Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Nhantumbo, L. (1999). *Perfil somático, motor e fisiológico do Basquetebolistas sénior moçambicano: estudo descritivo e comparativo em atletas séniores masculinos moçambicanos de dois níveis de rendimento distintos*. Dissertação apresentada, no âmbito do Mestrado de Desporto de Alto Rendimento, à FCDEF – UP, Porto.

Nhantumbo, L; Saranga, S.; Maia, J.; Prista, A. (2004). Serão os indicadores somáticos e de aptidão física critérios de selecção dos praticantes de elite do desporto escolar em Moçambique?. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (2), 211-233.

Nogueira, H. (1999). *Motivação em contextos desportivos: relação entre idade, objectivos de realização e motivação intrínseca em praticantes de Basquetebol*. Dissertação de Licenciatura apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Nunes, A. (2002). *As habilidades técnicas e os níveis de competição em Basquetebol: um estudo no escalão de séniores femininos*. Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Nunnally, J. (1978). *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill.

Oliveira, A. (2000b). *Habilidades Técnicas e a Performance de Basquetebolistas: Um estudo realizado no escalão de iniciados femininos.* Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Oliveira, J. (2000a). *Avaliação da resistência em desportos de esforço intermitente*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto, apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Oslin, J.; Mitchell, S.; Griffin, L. (1998). The Game Performance Assessment Instrument (GPAI). Development and Preliminary Validation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17 (2), 231 – 243.

Paes, R.; Bergamo, V. (2004). Características físicas e expectativa de sucesso de atletas de Basquetebol feminino: estudo longitudinal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (2), 211-233.

Pearce, A.; Veale, J.; Koehn, S.; Carlson, J. (2007). Characteristics of selected and non-selected junior Australian footballers. *Journal of Sports Science and Medicine*, Suppl. 10. Disponível em WWW:URL:http://www.jssm.org.

Pedersen, D. (2000). Perceived relative importance of psychological and physical factors in successful athletic performance. *Perceptual and Motor Skills*, 90, 283-290.

Perkos, S.; Theodorakis, Y. e Chroni, S. (2002). Enhancing performance and skill acquisition in novice basketball players with instructional self-talk. *The Sport Psychologist*, 16, issue 4, 368-383.

Pinto, D. (2001). Concepções dos treinadores acerca da hierarquia dos indicadores da *performance* em Basquetebol. In M. Janeira; A. Graça; D. Pinto; E. Brandão (Eds.), *Tendências actuais da investigação em Basquetebol: actas do seminário "estudos universitários em Basquetebol"*, FCDEF-UP, Porto.

Pinto, D. (1995). *Indicadores de Performance em Basquetebol: Um estudo descritivo e preditivo em cadetes masculinos*. Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado em Ciências do Desporto, na área do Desporto de Crianças e Jovens, FCDEF – UP, Porto.

Pinto, J. (2000). *Força e Resistência na performance em Basquetebol: um estudo realizado no escalão de Iniciados Femininos*. Dissertação de Licenciatura apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Platonov, V. (1988). *El entrenamiento deportivo: teoría y metodologia*. Barcelona: Paidotribo.

Pluim, B. (2006). Medical Considerations when Identifying Talent?. *Coaching & Sport Science Review*, Issue 39. International Tennis Federation.

Podstawski, W. (1994). *Indicadores e critérios para a selecção de jovens Basquetebolistas com base na avaliação morfo-funcional*. Dissertação de Licenciatura apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Quintal, A. (2005). *Selecção de Futebolistas Infanto-Juvenis*: *Um estudo diferencial em jogadores de diferentes níveis de rendimento da Associação de Futebol da Madeira*. Dissertação de Mestrado apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Ramos, V.; Tavares, F. (2000). A selecção de jovens atletas de Basquetebol: estudo com técnicos brasileiros. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 2 (1), 42-49.

Reilly, T.; Williams, A.; Nevill, A.; Franks, A. (2000). A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18 (9), 695-702.

Riezebos, M.; Paterson, D.; May, C.; Yuhasz, M. (1983). Relationship of Selected Variables to Performance in Women's Basketball. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 8 (1), 34-40.

Rink, J.; French, K.; Tjeerdsma, B. (1996). Foundations for the learning and instruction of sports and games. *Journal of Teaching in Physical Education*, 15, 399-417.

Rito, J. (2000). *A Selecção em Andebol: Um estudo no Académico Basket Club (ABC), nas categorias infantis, iniciados e juvenis*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Treino de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Rivas, D. (2006). Selection of talented tennis players: the rfet women's tennis Project (LR). *4 ITF Central American & Continental Coaches Conference Royal Decameron Beach & Casino, Panama*.

Rocha, F. (2000). *A influência dos anos de prática no nível de execução das Habilidades Técnicas em Basquetebol: Um estudo no escalão de iniciados masculinos*. Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Rodrigues, J. (1998). A capacidade de decisão táctica e o conhecimento do jogo em jogadores juniores de Basquetebol. In M. Janeira; A. Graça; D. Pinto; E. Brandão (Eds.), *Tendências Actuais da Investigação em Basquetebol: actas do seminário "estudos universitários em basquetebol"*. FCDEF-UP, Porto.

Safrit, M. (1990). *Introdution to Measurement in Physical Education and Exercise Science*. St. Louis: Times Mirroir Mosby College.

Sampaio, A. (1997). *O Sucesso em Basquetebol: Estudo centrado nos indicadores da Performance no Jogo.* Provas de Aptidão Pedagógica e

Capacidade Científica apresentadas à Universidade de Trás-os-Montes a Alto Douro, Vila Real.

Sampaio, A. (2000). *O Poder discriminatório das Estatísticas do Jogo de Basquetebol: Novos Caminhos Metodológicos de Análise.* Dissertação de Doutoramento em Educação Física e Desporto, apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Sampaio, J.; Janeira, M. (1999). Análise do Jogo em Basquetebol: Um estudo comparativo entre a Liga Portuguesa de Basquetebol (LPB) e a Liga Espanhola de Basquetebol (ACB). Estudos CEJD II, Estudo dos Jogos Desportivos. Concepções, Metodologias e Instrumentos, pp. 118 – 123. In F. Tavares (Ed.), *Centro de Estudos dos Jogos Desportivos Colectivos*, FCDEF – UP, Porto.

Santos, L. (1997). *Processo de Selecção em Andebol: Um estudo exploratório com treinadores brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto na área de Desporto de Alto Rendimento, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Saranga, S.; Nhantumbo, L.; Maia, J.; Prista, A. (2004). Características somáticas e níveis de aptidão física em atletas de elite do desporto escolar em Moçambique: comparação com a população escolar não seleccionada. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (2), 211-233.

Schellenberger, H. (1990). *Psychology of team sports*. Toronto: Sports Books.

Seabra, A.; Maia, J.; Garganta, R. (2001). Crescimento, maturação, aptidão física, força explosiva e habilidades motoras específicas: Estudo em jovens futebolistas e não futebolistas do sexo masculino dos 12 aos 16 anos de idade. FCDEF-UP, Porto. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (2), 22-35.

Silva, A. (2004). *A Avaliação Analítica da Técnica e da Performance no Jogo de Basquetebol. Um estudo comparativo entre atletas com e sem deficiência mental*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de Actividade Física Adaptada, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Silva, I. (1998). *A instrução e a estruturação das tarefas no ensino do Voleibol: estudo experimental no escalão de iniciados femininos*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Silva, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Silva, M. (1995). *Selecção de Jovens Basquetebolistas: Estudo univariado e multivariado no escalão etário dos 12 aos 14 anos*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto na área de Desporto para Crianças e Jovens, apresentada à FCDEF – UP, Porto.

Silva, P. (2002). *A Performance no Basquetebol Jovem: estudo da influência da técnica, dos anos de prática e da variável somática em jogadores do escalão de iniciados masculinos*. Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Silva, R. (2000). *As Habilidades Técnicas e a Selecção de Jogadores em Basquetebol: Um estudo no escalão de iniciados masculinos*. Dissertação realizada no âmbito da disciplina de Seminário na opção de Basquetebol, FCDEF – UP, Porto.

Sisto, F.; Greco, J. (1995). Comportamento táctico nos esportes colectivos. *Revista Paulista de Educação Física*, 9, 63-68.

Sobral, F. (1982). Algumas considerações sobre a Detecção dos Talentos Desportivos. *Ludens*, 6 (3), Abr./Junh., 8-13.

Sobral, F. (1988). *O Adolescente Atleta*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sobral, F. (1994). *Desporto Infanto-Juvenil: Prontidão e Talento*. Lisboa: Livros Horizonte.

Starkes, J. (1993). Motor experts: Opening thoughts. *Cognitive issues in motor expertise* (edited by J. L. Starkes and F. Allard), pp. 3–16. Amsterdam: Elsevier.

Stojanovic, G. (2006). *Talent identification and its role in tennis*. Disponível em WWW:URL:http://www.faccioni.com/review/tennisID.PDF.

Tavares, F. (1996). Tomada de decisão no Basquetebol: aplicação de um teste vídeo computorizado para avaliação. In D. Pinto; C. Moutinho (Eds.), *Estudos 1*. CEJD/FCDEF-UP, Porto, pp. 57-58.

Tavares, F. (1993). *A Capacidade de decisão táctica no jogador de Basquetebol: estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto, especialidade Treino Desportivo, apresentada à FCDEF-UP, Porto.

Tenenbaum, G.; Yuval, R.; Elbaz, G.; Bar-Eli, M.; Weinberg, R. (1993). The relationship between cognitive characteristics and decision-making. *Canadian Journal of Applied Physiology*, 18 (1), 48-62.

Thomas, K. (1994). The development of sport expertise: from leeds to MVP legend. *Quest*, 46, 199-210.

Thomas, K.; Thomas, J. (1994). Developing expertise in sport: the relation of knowledge and performance. *International Journal of Sport Psychology*, 25 (3), 295-312.

Turner, A.; Martinek, T. (1994). A comparative analysis of two models for teaching games (technique approach and game-centered (tactical focus) approach). *International Journal of Physical Education*, 29 (4), 15-31.

Unierzyski, P. (2006). Foudations for Talent Identification and Player Development Programmes. *Coaching & Sport Science Review*, issue 39. International Tennis Federation.

Van Raalte, J.; Brewer, B.; Lewis, B e Hatten, S. (2000). The antecedents and consequences of self-talk in competitive tennis. *Journal of Sport & Execise Psychology*, 22, issue 4, pp. 345-356.

Vasconcelos Raposo, J. (1993). *Os factores psico-sócio-culturais que influenciam e determinam a busca da excelência pelos atletas de elite desportiva portuguesa*. Dissertação de Doutoramento, Vila Real: UTAD.

Vasconcelos Raposo, J. (1994). *Manual de treino para a definição de objectivos*. Vila Real: UTAD.

Visscher, C.; Elferink-Gemser, M.; Lemmink, K. (2004). The role of parental support in sports success of talented young Dutch athletes. In M. Coelho e Silva; R. Malina (Eds.), *Children and Youth in Organized Sports*, pp. 123-135. Coimbra: Coimbra University Press.

Weineck, J. (1983). *Manuel d'Entrainement*. Paris: Vigot.

Williams, A.; Davids, K. (1995). Declarative knowledge in sport: a by-product of experience or a characteristics of expertise?. *Journal of Sport e Exercise Psychology*, 17 (3), 259-275.

Williams, A.; Davids, K. (1998). Visual search strategy, selective attention, and expertise in soccer. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 69, 111-128.

Williams, A.; Davids, K.; Williams, J. (1999). *Visual Perception and Action in Sport*. London: E & FN Spon.

Williams, A.; Reilly, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18 (9), 657-667.

Williams, M.; Burwitz, K.; Williams, J. (1993). Cognitive knowledge and Soccer performance. *Perceptual and Motor Skills*, 76 (2), 579-593.

Wolf, R. (1990). Prediction in Research. In J. Keeves (ed.), *Educational Research, Methodology, and Measurement: an International Handbook*. Oxford: Pergamon Press.

8. Anexos

8.1. Protocolos dos Testes

8.1.1. Aptidão Física

8.1.1.1. *Fitnessgram*

8.1.1.1.1. *Push-up's*



Local: Tapete.

Descrição: Posição inicial: Os atletas trabalham aos pares para que um elemento de cada par observe corrija a posição do parceiro durante a execução. O atleta executa o exercício com a face voltada para o solo na posição habitual de flexões de braços: mãos sob os ombros, os dedos em extensão, os membros inferiores em extensão completa paralelos e ligeiramente afastados com os dedos flectidos suportando o pé.

Condições de realização: O atleta estende os MS, mantendo os joelhos e as costas em extensão, depois flecte-os até uma ângulação de 90º (o antebraço deve ficar paralelo ao solo). O parceiro, ajoelhado em frente ao executante, conta e verifica se o ângulo do cotovelo é 90º cada vez que uma flexão é executada. O atleta executa tantas flexões, quantas as possíveis, mantendo a cadência de 20 por minuto. O teste termina quando o atleta não puder executar as flexões correctamente (são permitidas três correcções), se tem dores ou se pára. O resultado é o número de repetições executadas correctamente.

Observações: A execução incorrecta ocorre quando o executante não consegue executar à cadência prescrita ou a forma de execução é imperfeita: joelhos flectidos a tocarem no tapete; costas onduladas; extensão incompleta dos MS; flexão do cotovelo sem ser a 90º;movimentos bruscos.

8.1.1.1.2. Teste "20 metros"

Local: Pavilhão com espaço livre de obstáculos em 30 metros.

Descrição: Posição inicial: Em posição de partida para realizar corrida de velocidade (tronco ligeiramente flectido à frente)

Condições de realização: Ao sinal verbal de “pronto” ou “já”, complementado com o abaixamento do braço do indivíduo que regista a marca temporal, o jogador realiza em velocidade, um percurso recto e livre de obstáculos de vinte metros. É permitida uma tentativa, sendo registado o tempo em centésimas de segundo. O portador do cronómetro coloca-se na linha de chegada.

8.1.1.2. Bateria AAHPERD (Kirkendall et al, 1987)

8.1.1.2.1. *Sit-up’s* – Teste Abdominal

Objectivo: Medir indirectamente a força muscular abdominal;

Material: Colchões e um cronómetro manual;

Descrição: O atleta coloca-se em decúbito dorsal, com os joelhos unidos e pés no solo (o ângulo dos joelhos deve ser inferior a 90º). O atleta coloca as mãos atrás do pescoço, com os dedos entrelaçados. Os pés do atleta são fixos pelo seu companheiro no sentido de os manter em contacto com o solo. O atleta contrai a musculatura abdominal e leva a cabeça e os cotovelos para a frente tocando nos joelhos. Este conjunto de acções constitui uma repetição. O atleta retorna à posição de partida, com os cotovelos no chão antes de repetir o exercício. O cronometrista dá as vozes “Pronto?” “Já!”, após o que se inicia o exercício. É interrompido à palavra “Parar”.

Regras: Não é permitido descansar entre cada repetição e não devem ser contabilizadas as repetições em que:

1. O atleta não mantém os dedos entrelaçados atrás do pescoço;
2. Quando traz os cotovelos para a frente sem que antes tenha tocado no solo com eles;
3. Quando volta à posição de partida sem tocar nos joelhos.

Avaliação: Registar o número de abdominais que o atleta realizou correctamente em 60 segundos.

8.1.1.2.2. *Standing Long Jump* – Teste de Impulsão Horizontal

Objectivo: Medir indirectamente a força muscular dos membros inferiores através da impulsão horizontal.

Material: Fita métrica fixada ao solo.

Descrição: O atleta coloca os pés atrás da linha, ligeiramente afastados e prepara-se para o salto, balançando os braços no sentido antero-posterior. O salto é acompanhado por extensão simultânea dos joelhos e balanço dos braços para a frente.

Regras: São realizadas duas tentativas e mede-se desde a linha de partida até à parte do corpo mais próxima da mesma, e em contacto com o solo. O observador coloca-se, lateralmente, e regista a medida indicada na fita métrica colocada paralela ao deslocamento do atleta.

Avaliação: Regista-se a melhor marca das duas tentativas.

8.1.1.2.3. *Shuttle Run* – Teste de Agilidade

Objectivo: Avaliação da agilidade;

Material: fita métrica, quatro blocos de madeira com aproximadamente 5 cm x 5 cm x 10 cm e dois cronómetros manuais.

Descrição: Duas linhas paralelas são marcadas no solo, afastadas a 9,14 m. Colocam-se os blocos de madeira atrás d uma das linhas e o atleta começa o teste atrás da linha oposta. Ao sinal "Pronto?" "Já!" o atleta corre para os blocos, pega num, volta à linha inicial e coloca-o atrás desta, regressa ao segundo bloco e volta a colocá-lo novamente atrás da linha de partida. É preferível colocar dois atletas a realizar o teste ao mesmo tempo.

Regras: Executar dois ensaios com descanso entre eles.

Avaliação: Regista-se o melhor tempo dos dois ensaios, aproximando ao décimo de segundo.

8.1.1.3. *Yo-Yo Intermittent Endurance Test* (Bangsbo, 1996) – Resistência aeróbia

O teste consiste na realização de percursos de corrida em vaivém, de duração entre 5 – 12.5 segundos (12.5 segundo é a duração com que se inicia o teste) e distância de 2x20m, entrecortados por curtos intervalos de repouso com a duração de 5 segundos. A intensidade de corrida, expressa pelo tempo requerido para realizar os percursos de corrida de vaivém (2x20m), é regulada por sinais acústicos, aumentando de forma progressiva. A velocidade inicial do

teste é de 11.5 Km/hora. O teste é pois de intensidade progressiva, em patamares.

O teste do Yo-Yo avalia a capacidade individual dos atletas realizarem o maior número de percursos possível, dentro dos limites de tempo impostos. O teste considera-se terminado quando um atleta pela segunda vez não é capaz de cumprir a intensidade imposta e sinalizada acusticamente.

Para a administração do teste é utilizado um áudio-gravador que assegura a reprodução de uma cassete com o registo dos intervalos de tempo para realizar os percursos de corrida e das pausas. Esses intervalos de tempo são sinalizados aos atletas de forma acústica através de um aparelho amplificador do resisto áudio ou através de um apito emitido por alguém encarregado de replicar o sinal áudio. Os atletas são controlados por sujeitos familiarizados com as condições de realização do teste podendo cada um destes controlar mais do que um atleta. Os controladores possuem fichas de registo próprias, com o número de percursos impressos e distribuídos pelos patamares de intensidade.

O teste pode ser administrado a grupos de atletas em simultâneo. Este procedimento é desejável para que um efeito de emulação possa aumentar a motivação dos atletas.

Todos os atletas devem estar familiarizados com as condições de realização do teste, pelo que, antes da sua realização, deverão ser fornecidas as instruções referentes aos procedimentos de realização. Após o período de instrução, todos os atletas deverão realizar dois percursos à velocidade inicial do teste, certificando que todos assimilam as regras do protocolo e estão adaptados à velocidade inicialmente imposta pelo teste.

A realização dos testes, não deve fazer-se, em condições ambientais extremas (frio, calor, elevado grau de humidade). A sua repetição deve assegurar que as condições de realização sejam semelhantes às das avaliações prévias (dia da semana, hora, tipo de superfície, condições ambientais, actividade física anterior). Uma vez que este teste se pode considerar um teste máximo, podendo ser influenciado pelo exercício físico prévio, é recomendável que a sua aplicação seja feita em momentos em que os

atletas não tenham sido submetidos a cargas elevadas de treino ou competição, que promovam acentuado stress físico ou emocional. Porém é mandatório que, antes da realização do teste, se realizem exercícios de activação prévia (aquecimento) dentro do padrão habitual para as sessões de treino ou competições.

8.1.2. Habilidades Motoras Específicas

8.1.2.1. Bateria AAPHERD (Kirkendall, 1987) aplicável especificamente ao basquetebol

8.1.2.1.1. *Speed Shot Shooting* – Lançamento

Material: Uma bola de basquetebol, uma tabela de basquetebol à altura regulamentar, um cronómetro, marcações de distância de lançamentos.

Medidas: Cinco linhas de 60 cm de comprimento, marcadas no solo. As linhas distam 4,54 m do cesto. As distâncias das zonas B, C e D são medidas por referência ao centro da tabela. As distâncias A e E são medidas por referência ao centro do cesto.

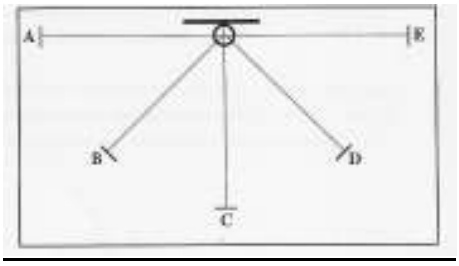


Fig. 1 – Zonas de lançamento

Descrição: São realizados três ensaios de 60 segundos cada. O primeiro é para treino, os restantes, para registo. O atleta pode colocar-se em qualquer zona, atrás da marca de lançamento. Ao sinal "Começa!", o atleta lança a bola, vai buscá-la, dribla para outra zona e lança novamente (em cada lançamento, um dos pés deve estar atrás da linha). Um máximo de quatro lançamentos na passada podem ser tentados durante cada ensaio, mas não se pode fazer dois consecutivos. O atleta deve executar pelo menos um lançamento de cada uma das zonas.

Violações/Penalidades:

- Para infracções no manejo da bola (passos, dois dribles, etc.), o lançamento que se segue à violação é cotado como zero pontos.

- No caso de dois lançamentos na passada consecutivos, o segundo é cotado como zero pontos.

- Se mais de quatro lançamentos na passada são executados, os lançamentos excedentes são cotados como zero pontos.

- Se o atleta não lançar de todas as zonas deve realizar novo ensaio.

Anotação de resultados: Anotam-se as zonas de onde se lança, assim como o número de lançamentos na passada. Cada cesto convertido vale 2 pontos, incluindo os lançamentos na passada. É atribuído 1 ponto quando a bola, não entrando, toca no bordo superior do aro, quer directamente, quer vinda da tabela. O resultado final é o somatório de pontos conseguidos no conjunto do segundo e do terceiro ensaios.

8.1.2.1.2. *Passing* – Passe

Material: Uma bola de basquetebol, um cronómetro, uma parede lisa, marcações dos alvos e da linha de distância de passe.

Medidas: Seis quadrados de 60 cm afastados entre si 60 cm de modo que a base dos quadrados distem alternadamente 1,50 m e 90 cm do solo. A linha de distância de passe está marcada no solo a 2,45 m da parede.

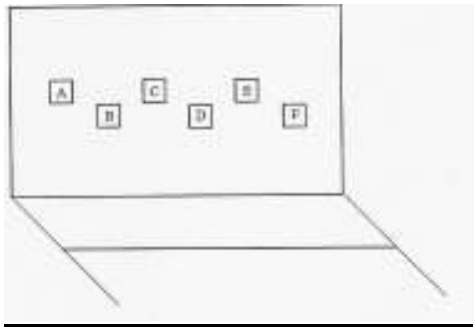


Fig. 2 – Esquema do dispositivo do teste do passe

Descrição: São realizados um total de três ensaios, de 30 segundos cada, sendo o primeiro para treino e os seguintes para registo. O avaliado coloca-se atrás da linha de passe frente ao primeiro alvo mais à esquerda. Ao sinal "Começa!" o atleta executa o passe de peito para o primeiro alvo, recupera a bola, indo-se colocar frente ao alvo seguinte, executando novo passe. Chegando ao alvo da extremidade direita, faz dois passes consecutivos para esse alvo e repete a sequência para a esquerda e assim sucessivamente até completar os 30 segundos.

Violações/penalidades:

- Se o atleta viola a linha de distância do passe, nenhum ponto é registado.

- Se o atleta acerta duas vezes consecutivas nos alvos intermediários, nenhum ponto é concedido pelo segundo passe.

- Se o atleta não executa o passe de peito, nenhum ponto é registado.

Anotação de Resultados: Cada passe que atinge o alvo, incluindo as suas linhas limite, vale 2 pontos. Cada passe que toca as zonas adjacentes ao alvo visado 1 ponto. O resultado final é o total de pontos obtidos no segundo e terceiro ensaios.

8.1.2.1.3. *Control Dribble* – Drible

Material: Uma bola de basquetebol, seis cones e um cronómetro.

Medidas: Um percurso sinalizado com seis cones, dispostos conforme a figura abaixo.

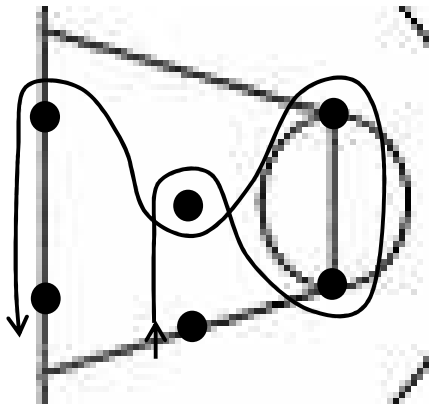


Fig. 3 – Esquema do teste de drible

Descrição: Cada atleta realiza três ensaios cronometrados; o primeiro é de treino e os restantes são registados para classificação. O atleta começa do lado da sua mão não-dominante, atrás da linha de partida. Ao sinal "Começa!", o atleta inicia o drible com a mão não-dominante, contorna os cones por fora, conforme o esquema da figura. Deve mudar de mão, de modo a driblar com a mão mais afastada do cone para que se dirige. O ensaio acaba quando o atleta passa com os dois pés a meta final.

Violações/Penalidades: O atleta deve recomeçar do ponto de partida iniciar-se nova cronometragem nos seguintes casos:

- Infracções à manipulação de bola (passos, dois dribles, etc.).

- Se o atleta não consegue contornar o cone por fora (inclui passar por dentro ou sobre o cone).

- Se o avaliado não consegue retomar o ponto do percurso onde perdeu o controlo do drible.

Anotação de resultados: O resultado de cada ensaio será o correspondente ao tempo gasto na sua execução válida, aproximado para o décimo de segundo mais próximo. O resultado final será o somatório dos tempos atribuídos ao segundo e terceiro ensaios.

8.1.2.1.4. *Defensive Movement* – Deslizamento Defensivo

Material: Um cronómetro, área restritiva e linhas para marcar os pontos de mudança de direcção.

Dimensões da área do teste: O perímetro da área do teste é um rectângulo em que um dos lados é a linha de lance livre, o outro, igual dimensão na linha final e os outros dois lados são as rectas que unem as extremidades da linha antes referida à linha de lançamento livre, conforme a figura.

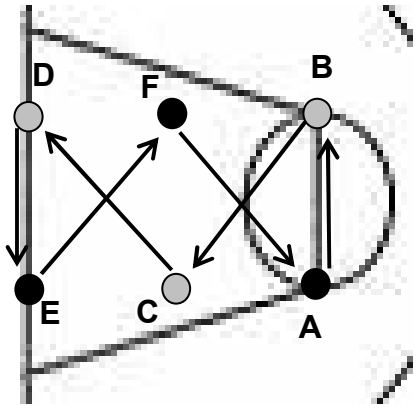


Fig. 4 – Deslizamento Defensivo

Descrição: Cada atleta realiza três ensaios; o primeiro é de treino e os restantes são registados para classificação. O atleta começa no ponto A e de costas para o cesto. Ao sinal "Começa!" o atleta desliza para a esquerda sem

cruzar os pés e continua até ao ponto B, toca o chão do lado de fora da linha com a mão esquerda, executa um passo deslizante, desliza para o ponto C, e toca o chão do lado de fora da linha com a mão direita. O atleta continua o percurso conforme o diagrama. O final do teste ocorre quando ambos os pés passam a linha de lançamento livre.

Violações/Penalidades: O atleta deve recomeçar do ponto de partida e iniciar-se-á nova cronometragem nos seguintes casos:

- Se o atleta cruza os pés durante os deslizamentos ou se volta e corre.
- Se o atleta não toca o chão do lado de fora da linha.
- Se o atleta executa o deslizamento à retaguarda antes que a mão tenha tocado o chão.

Anotações de resultados: O resultado de cada ensaio será o correspondente ao tempo gasto na sua execução válida, aproximado para o décimo de segundo mais próximo. O Resultado final será o somatório dos tempos atribuídos ao segundo e terceiro ensaios.

8.1.2. Características Psicológicas

8.1.2.1. Teste de Perfil Psicológico de Prestação

PERFIL PSICOLÓGICO DE PRESTAÇÃO

Data de Nascimento: ____/____/____ Local_____ País_____

Sexo M☐ F☐ Quantos irmãos tens? _____

Anos de competição: _____

Anos de treino:_____

Melhor classificação conseguida:_____

INSTRUÇÕES

Este inventário visa identificar o teu nível nas áreas que contribuem mais significativamente para a tua prestação desportiva. Uma vez que conheças estes níveis, ser-te-á possível desenvolver esforços para melhorares. As questões apresentadas foram desenhadas para serem o mais claras e directas possível. A validade dos resultados obtidos depende da tua honestidade. De acordo com as tuas respostas Será possível identificar os aspectos quem te tornam único como atleta e, consequentemente, tirar melhor partido das tuas potencialidades. É imperioso que respondas às questões que se seguem com a maior sinceridade.

Lê atentamente cada uma das afirmações que se seguem e faz uma cruz numa das cinco opções: QUASE SEMPRE, FREQUENTEMENTE, ÀS VEZES, RARAMENTE, QUASE NUNCA.

As informações que deres neste questionário serão confidenciais, por isso peço-te que sejas o mais honesto possível nas tuas respostas.

QUESTIONÁRIO

1. Em competição vejo-me mais como um vencido do que como um vencedor.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

2. Durante a competição sinto-me com raiva, zangado ou frustrado.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

3. Durante a competição, distraio-me e perco a minha concentração.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

4. Antes da competição vejo-me a ter prestação perfeita.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

5. Estou bastante motivado para competir ao meu melhor nível.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

6. Ao longo da competição consigo manter positivas as minhas emoções.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

7. Sou positivista nos meus pensamentos ao longo da competição.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

8. Acredito em mim como atleta.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

9. Durante a competição fico nervoso e receoso.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

10. Nos momentos críticos da competição, a minha mente começa a trabalhar a 100 Km /h.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

11. Eu pratico mentalmente as minhas habilidades físicas.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

12. Os objectivos que estabeleci para mim próprio fazem com que continue a treinar bastante e bem.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

13. Sou capaz de sentir prazer com a competição mesmo quando as coisas não correm bem.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

14. O meu diálogo interno (self-talk) é negativo ao longo da competição.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

15. Eu perco a minha auto-confiança com uma certa facilidade.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

16. Quando cometo erros ou as coisas não me correm como esperava, começo a ter pensamentos negativos.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

17. Sou capaz de bloquear as emoções negativas e reganhar a minha concentração rapidamente.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

18. Para mim é fácil pensar sobre o meu desporto em imagens.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

19. Eu não tenho que ser instigado para treinar ou competir com maior dedicação. Eu sou o meu melhor motivador.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

20. Tendo a ficar emocionalmente indiferente quando as coisas se viram contra mim.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

21. Em competição dou sempre 100% do meu esforço independentemente de todo o resto que se possa estar a passar.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

22. Eu posso ter uma prestação que é representativa do máximo do meu talento e capacidade.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

23. Os meus músculos ficam muito tensos durante a competição.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

24. Eu fico despassarado (desorientado) durante a competição.

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

25. Antes da competição vejo-me a resolver as situações críticas que possam surgi

Quase sempre Frequentemente Às vezes Raramente Quase nunca

26. Estou pronto e disposto a dar tudo quanto for necessário dar para atingir os meus objectivos.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

27. Eu treino sempre com uma intensidade grande e positiva.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

28. Com o controlo dos meus pensamentos consigo mudar as emoções negativas para emoções positivas.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

29. Mentalmente sou um bom competidor.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

30. Ocorrências incontroláveis como o mau tempo e a arbitragem, irritam-me com certa frequência.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

31. Durante a competição dou por mim a pensar nos erros, oportunidades e risco que não tomei.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

32. Durante a competição uso imagens que me ajudam a ter uma melhor prestação.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

33. Aborreço-me e apetece-me desistir.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

34. Em competição e em situações difíceis sinto-me desafiado e inspirado.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

35. O meu treinador diz que tenho uma boa atitude.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

36. Eu projecto para os outros a imagem de um competidor confiante.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

37. Eu consigo ficar calmo durante a competição mesmo quando as coisas estão confusas.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

38. Eu perco a minha concentração facilmente.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

39. Quando me visualizo em competição vejo e sinto as coisas vivamente.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

40. Acordo de manhã e sinto-me excitado por saber que vou competir ou treinar.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

41. Praticar esta modalidade dá-me uma grande satisfação e sentido de realização pessoal.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

42. Consigo transformar crises em oportunidades.

Quase sempre _____ Frequentemente _____ Às vezes _____ Raramente _____ Quase nunca _____

8.1.2.2. Teste de Orientação Cognitiva para o Ego e para a Tarefa no Desporto

Agora vamos apresentar-te algumas afirmações relativas a opiniões ou sentimentos que o desporto provoca nas pessoas. Indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância, relativamente ao modo como consideras que elas se aplicam a ti, colocando para cada uma delas, um círculo em volta da resposta que mais se aproximar da tua opinião.

As opções são: **1=Discordo Totalmente; 2=Discordo; 3=Nem Discordo Nem Concordo; 4=Concordo; 5=Concordo Totalmente.**

SINTO-ME COM MAIS SUCESSO NO DESPORTO QUANDO:	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
1)... sou o/a único/a que consegue executar as tarefas.....	1	2	3	4	5
2)... aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais.....	1	2	3	4	5
3)... consigo fazer melhor do que os meus colegas.....	1	2	3	4	5
4)... os outros não conseguem fazer tão bem como eu.....	1	2	3	4	5
5)...aprendo algo que dá prazer fazer.....	1	2	3	4	5
6)... os outros cometem erros e eu não.....	1	2	3	4	5
7)... aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante.....	1	2	3	4	5
8)... trabalho realmente bastante.....	1	2	3	4	5
9)... ganho a maioria das provas.....	1	2	3	4	5
10)... algo que aprendo faz-me querer continuar a praticar mais.....	1	2	3	4	5
11)... sou o/a melhor.....	1	2	3	4	5
12)... sinto que uma técnica que aprendo está bem.....	1	2	3	4	5
13)... faço o meu melhor.....	1	2	3	4	5

Muito obrigado pela tua colaboração!

8.1.3. Conhecimento Declarativo do Jogo

8.1.3.1. Teste Teórico de Basquetebol (Pinto, 1995)

Faculdade de Desporto – Universidade do Porto

TESTE TEÓRICO DE BASQUETEBOL

GABINETE DE BASQUETEBOL

Este teste será um dos instrumentos a utilizar numa monografia de licenciatura. Solicito a todos que respondam procurando, com concentração, sinalizar a resposta correcta.

Por favor preencha os seguintes dados:

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/_____

Clube: _____

Anos de prática: _____

Número de treinos que faz habitualmente por semana: _____

Muito obrigado.

1 – Após ganho da posse de bola por ressalto defensivo, o contra-ataque deve iniciar-se com:

a) – Primeiro passe para o jogador mais próximo.
b) – Primeiro passe para o lado contrário do ressalto.
c) – Primeiro passe para o lado do ressalto.
d) – Finta para o lado do ressalto e passe para o outro jogador da tabela.
e) – Só b) e d) estão incorrectas.

2 – O jogador que ganhou o ressalto, chegou ao solo com os dois pés em simultâneo, para rodar pode:

a) – Utilizar o pé mais próximo da lateral como pé eixo.
b) – Utilizar unicamente o pé recuado como pé eixo.
c) – Utilizar qualquer dos pés como pé eixo.
d) – Utilizar o pé mais afastado da lateral como pé eixo.
e) – Só b) está completamente errada.

3 – O jogador que recebe o 1º passe, após ressalto defensivo, deve fazê-lo:

a) – Afastando-se da bola.
b) – Com os braços estendidos e bem rígidos.
c) – Sempre virado par ao sentido do cesto em que vai atacar.
d) – Indo ao encontro da bola com as mãos abertas, descontraídas e os braços estendidos.
e) – Preferencialmente abaixo da linha de lance livre.

4 – O passe de peito deve ser executado:

a) – Na direcção dos olhos do companheiro que a vai receber.
b) – As duas mãos e fortemente bombeado por cima do defesa do passador.
c) – A duas mãos e de trajectória tensa.
d) – Com cotovelos flectidos e "trabalho de pulsos" final.
e) – Só as respostas a) e b) não estão correctas.

5 – Após ganho de ressalto defensivo pela equipa adversária, a equipa que vai defender deve:

a) – Fazer recuar todos os jogadores para a sua área restritiva.
b) – Pressionar o jogador que ganhou o ressalto defensivo e o jogador que recebe o 1º passe.
c) – Impedir que o jogador que ganhar o ressalto entre em drible para a lateral mais próxima.
d) – Enviar todos os seus jogadores ao ressalto ofensivo.
e) – As respostas b) e c) estão correctas.

6 – O jogador que recebeu o 1º passe, no corredor lateral deve:

a) – Fazer chegar rapidamente a bola ao corredor central por passe ou drible.
b) – Proteger a bola e verificar se os companheiros já avançaram para o ataque.
c) – Continuar em drible pelo corredor lateral.
d) – Devolver ao jogador que ganhou o ressalto e avançar no terreno.
e) – Só a c) e a d) estão incorrectas.

7 – À pressão defensiva o jogador em drible nunca deve:

a) – Proteger a bola cravando o pé do lado contrário à mão que dribla.
b) – Para o drible.
c) – Avançar, tentando não perder a posição ofensiva já ganha.
d) – Deixar de ver a bola.
e) – Nenhuma das respostas está correcta.

8 – No contra-ataque, os jogadores atacantes sem bola devem correr nos corredores laterais do campo, porque:

a) – Chegam mais depressa ao cesto.
b) – Facilita a intervenção dos defesas.
c) – Ajuda a dividir a defesa adversária.
d) – Porque é importante receber a bola longe do cesto.
e) – Nenhuma alínea está correcta.

9 – Na defesa ao atacante que drible no sentido do cesto, o defensor deve:

a) – Levar o atacante para o corredor central.
b) – Dar-lhe muito espaço para não ser ultrapassado.
c) – Impedir o passe para o 4º homem que vem mais recuado.
d) – Desviar o atacante para a linha lateral e parar o drible.
e) – a) e b) estão correctas.

10 – No contra-ataque, em situação de 2x1, o possuidor da bola deve:

a) – Calcular a possibilidade de passe se o seu companheiro é o jogador mais próximo do cesto.
b) – Evitar o uso do drible.
c) – Driblar para o lado da sua mão mais forte.
d) – Penetrar até ao cesto se o defesa o pressionar.
e) – Mudar o lado da bola se os dois atacantes se encontram à mesma distância do defesa e do cesto.

11 – Os jogadores atacantes, nos corredores laterais num 3x2 devem:

a) – Correr ao lado do jogador com bola.
b) – Para ao chegar ao prolongamento da linha de lance livre.
c) – Continuar o movimento até à linha final.
d) – Ao chegar ao prolongamento da linha de lance livre, cortar na direcção do cesto.
e) – Se lhe passarem a bola devolver de imediato ao jogador do corredor central.

12 – O jogador com bola deve utilizar o drible para:

a) – Para sair de uma zona muito aglomerada.
b) – Para se afastar dos seus colegas de equipa que sprintam para o contra-ataque.
c) – Para garantir a posse da bola.
d) – Para criar uma linha de penetração para o cesto.
e) – Só b) é incorrecta.

13 – Os defesas no 3x2 devem:

a) – Esperar os atacantes debaixo do seu cesto.
b) – Marcar individualmente os dois atacantes mais adiantados.
c) – Realizar um 2x1 ao possuidor da bola.
d) – Saltar sempre para perturbarem os atacantes.
e) – Um deve pressionar o jogador com bola e o outro defender em ajuda os dois restantes.

14 – Quando é que se deve jogar um 1x1

a) – Imediatamente após a recepção da bola e se ter enquadrado com o cesto.
b) – Depois de se aperceber que não existe nenhum companheiro melhor colocado.
c) – Quando o defesa directo falha a intercepção e fica desequilibrado.
d) – Sempre que a estatura do atacante seja mais elevada que a do defesa.
e) – b) e c) estão correctas.

15 – Com um sistema de ataque de “5 abertos”, é falso que se pretenda:

a) – Ter os atacantes muito próximos do cesto.
b) – Ter todos os jogadores de frente para o cesto.
c) – Garantir o equilíbrio defensivo.
d) – Não especializar os jogadores por funções.
e) – Privilegiar as finalizações mais próximas do cesto.

16 – Ao extremo sem bola do lado da bola, sobremarca-se em cima porque:

a) – Se pretende facilitar o bloqueio defensivo.
b) – Se quer evitar que a bola se aproxime do cesto (passes penetrantes).
c) – Queremos uma posição defensiva favorável (impedir a aproximação do cesto ao atacante).
d) – As respostas a) e b) estão correctas.
e) – As respostas b) e c) estão correctas.

17 – No ataque propriamente dito o jogador que passa a bola:

a) – Deve afastar-se em sentido contrário.
b) – Deve aproximar-se do jogador a quem passou a bola.
c) – Cortar rápido para qualquer espaço livre.
d) – Cortar na direcção do cesto, olhos na bola, indicando com mão alvo onde quer receber.
e) – As alíneas a) e b) estão correctas.

18 – Os jogadores do lado contrário da bola devem cortar para a bola quando:

a) – Um jogador que corta está em dificuldades.
b) – Para ajudar um atacante que está a penetrar em drible.
c) – Na sequência duma acção não sucedida do lado da bola.
d) – Do lado da bola não há iniciativa.
e) – As respostas c) e d) estão correctas.

19 – Aquando da realização de um bloqueio directo, o bloqueador:

a) – Vai corrigindo a sua posição a cada movimento do defesa a bloquear.
b) – Coloca-se com os braços cruzados à frente do peito e os pés bem unidos.
c) – Coloca um pé de cada lado da linha de pés do defesa.
d) – Coloca-se a um distância considerável do defensor.
e) – Todas as respostas estão correctas.

20 – Se no decorrer do bloqueio directo houver uma troca defensiva:

a) – O jogador com bola deve lançar de imediato ao cesto.
b) – O bloqueador deve ir bloquear o novo defensor do seu colega com bola.
c) – O jogador com bola deve passar ao jogador que desfaz o bloqueio.
d) – O jogador com bola dribla para o lado contrário.
e) – Nenhuma resposta está correcta.

21 – Para que uma finta tenha êxito é preciso:

a) – Esperar uma reacção do defesa.
b) – Interromper, de repente, um movimento ofensivo correcto.
c) – Simular com uma técnica ofensiva incorrecta.
d) – Dar a entender ao defensor o que se vai fazer.
e) – As alíneas a) e d) estão correctas.

22 – Na defesa homem a homem com ajudas, no lado da ajuda, porque razão o defensor se afasta do seu atacante directo?

a) – Para impedir o lançamento.
b) – Para impedir uma penetração em drible.
c) – Para disputar o ressalto defensivo.
d) – Para ocupar uma posição mais confortável.
e) – a) e c) estão correctas.

23 – Com uma defesa zona pretende-se:

a) – Que os defesas possam recuperar energias para o próximo ataque.
b) – Evitar a necessidade dos defesas falarem entre si.
c) – Privilegiar a defesa de algumas áreas.
d) – Que cada defesa possa acompanhar mais eficazmente o seu defensor.
e) – b) e c) estão correctas.

24 – O deslizamento defensivo, na defesa ao driblador deve ser feito:

a) – Com saltos rápidos na direcção do deslocamento.
b) – Sem tirar os olhos da bola.
c) – Sendo o primeiro pé a movimentar-se o oposto ao lado para onde deslizar.
d) – Sem permitir que os pés se aproximem muito.
e) – b) e d) estão correctas.

25 – Na realização do bloqueio defensivo a um atacante no lado da ajuda, o defensor:

a) – Deve aproximar-se do cesto e efectuar o bloqueio.
b) – Deve esperar, com o corpo na perpendicular, que o atacante venha ao seu encontro para o bloquear.
c) – Procurar o alinhamento com o atacante, aproximar-se dele e bloquear.
d) – Deve aproximar-se do atacante e bloqueá-lo de frente, com os braços cruzados no peito.
e) – Nenhuma das respostas está correcta.

26 – O jogador na posição de Poste deve:

a) – Evitar mostrar mão alvo para não denunciar ao seu defesa o local onde quer receber a bola.
b) – Evitar situar-se na linha bola cesto.
c) – Não denunciar o pé eixo à recepção da bola.
d) – Ao receber a bola afastar-se do cesto para evitar o bloqueio defensivo.
e) – Nenhuma das respostas está correcta.

27 – No ataque contra zona:

a) – Deve procurar-se o lançamento nos primeiros cinco segundos de jogo.
b) – O drible só deve ser utilizado para finalizar.
c) – Os atacantes deverão colocar-se de forma simétrica relativamente à disposição dos defesas.
d) – O poste deverá ser utilizado.
e) – c) e d) estão correctas.

28 – O ataque contra uma defesa pressionante deve:

a) – Utilizar passes longos.
b) – Explorar o drible pelos corredores laterais.
c) – Jogar de costas para o cesto.
d) – Utilizar (explorar) o melhor driblador.
e) – Jogar sempre o mais rápido que puder.

29 – A falta técnica ao treinador é penalizada com:

a) – 1+1 e bola ao lado no ponto médio do campo para a equipa adversária.
b) – 2 lances livres para a equipa adversária.
c) – 2 lances livres para o adversário e expulsão do recinto de jogo.
d) – 2 lances livres e bola no ponto médio da linha lateral para o adversário.
e) – Nenhuma das respostas está correcta.

30 – É falta ao atacante quando no contacto:

a) – O atacante derruba o defensor.
b) – No preciso momento do contacto o defesa se imobilizou.
c) – O atacante se coloca no caminho de recuperação do defesa.
d) – O atacante invade um espaço já ocupado pelo defesa.
e) – São todas correctas.

31 – Na defesa do bloqueio directo, o defesa que vai ser bloqueado deve:

a) – Antecipar e passar pela frente do bloqueio antes que o possuidor da bola arranque.
b) – Pedir de imediato troca de marcação.
c) – Aproximar do seu atacante o que lhe facilita a passagem pela frente do bloqueador.
d) – Passar por trás do colega que defende o bloqueador para interceptar o seu atacante do outro lado.
e) – Qualquer das hipóteses são correctas em qualquer circunstância.

32 – Na defesa do passe e corte, o defensor do jogador que passa e vai cortar:

a) – Deve flutuar de imediato na direcção do cesto.
b) – Deve executar dois ou três passos deslizantes na direcção da bola.
c) – Deve esperar a reacção do atacante e movimentar-se de acordo com ela.
d) – Deve aproximar-se do seu atacante directo.
e) – Todas as respostas estão correctas.

33 – Quando o jogador está de posse de bola, é violação:

a) – Se estiver mais de 5'' com a bola na mão.
b) – Se estiver mais de três segundos com a bola na mão face à pressão defensiva.
c) – Se estiver estritamente marcado, sem poder passar, driblar ou lançar, durante 5''.
d) – a) e c) estão correctas.
e) – Nenhuma delas está correcta.

34 – Deve ser marcada violação da linha central, retorno a bola à zona de defesa, sempre que:

a) – Na bola ao ar, depois do saltador tocar a bola, um companheiro de equipa agarra-a no ar e cai na sai zona de defesa.
b) – Face à pressão defensiva, na zona de ataque, o atacante em drible pisa ligeiramente a linha central.
c) – O defensor dá um toque na bola e regressa à zona defensiva, sendo aí agarrada pelo mesmo jogador que estava na posse da bola.
d) – No contra-ataque, o Ressaltador para a bola para um companheiro que se encontra com um pé de cada lado da linha central.
e) – a) e b) estão correctas.